

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FABÍOLA WEINHARDT JAZAR

CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA MULHER EMPREENDEDORA RURAL

CURITIBA

2015

FABÍOLA WEINHARDT JAZAR

CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA MULHER EMPREENDEDORA RURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração, área de Concentração Estratégia e Análise Organizacional do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Jane Mendes Ferreira

CURITIBA


2015

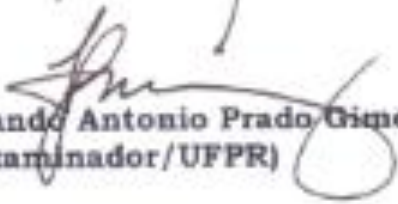
TERMO DE APROVAÇÃO

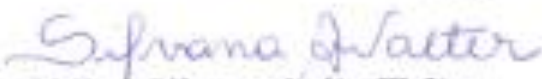
Fabiola Weinhardt Jazar

**“CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA MULHER EMPREENDEDORA
RURAL”**

**DISSERTAÇÃO APROVADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA NO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ, PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:**


Prof.ª Dr.ª Jane Mendes Ferreira
(Orientadora/UEPR)


Prof. Dr. Fernando Antonio Prado Gimenez
(Examinador/UFPR)


Prof.ª Dr.ª Silvana Anita Walter
(Examinadora/UNIOESTE)

26 de março de 2015

Dedico esta pesquisa à minha filha Bibiana,
minha mãe Irani e minha avó Iolanda, pelo apoio,
compreensão e incentivo em toda a caminhada.

AGRADECIMENTOS

Os dois anos do mestrado na UFPR foram permeados de muita angústia e provação, mas também foi tempo de felicidade e descoberta pessoal, pois conheci um lado forte e corajoso que não estava muito claro para mim. A pesquisa apresentada aqui não seria possível sem o apoio de muitas pessoas e instituições, as quais passo a nominar explicitamente.

Primeiramente, a Deus por me proporcionar momentos únicos e conhecer pessoas maravilhosas neste trajeto.

À Universidade Federal do Paraná que, com bom uso do dinheiro público, proporciona a seus alunos uma educação de qualidade por meio de professores extremamente qualificados. Meu agradecimento especial à professora Jane Mendes Ferreira que, como minha orientadora, não mediu esforços para me encaminhar nas pesquisas deste trabalho e mostrar a importância do conhecimento científico. Ela foi, sem dúvida, a luz que iluminou esse meu caminho.

Agradeço aos professores Fernando Curi Peres, José Roberto Canziani e Vânia Di Addário Guimarães, meus iniciadores no mundo do Empreendedorismo Rural - declaro meu profundo respeito por seus encaminhamentos -.

Agradeço à professora Queila Matitz, com quem cursei a disciplina de Empreendedorismo e Organizações Empreendedoras, na Universidade Positivo. Suas aulas proporcionaram aprendizagem ímpar por seu excelente padrão de qualidade em conteúdo e didática.

Agradeço ao professor Fernando Antônio Prado Gimenez e aos membros do Grupo de Pesquisa Inovação, Sustentabilidade e Empreendedorismo em Pequenas Empresas pelas discussões e troca de ideias de alto nível. Além disso, agradeço do Prof. Fernando pelas contribuições na banca de qualificação.

Ao Professor Cristiano de Oliveira Maciel cuja contribuição por meio de suas observações e sugestões foi de grande valia para a realização desta pesquisa e para meu crescimento pessoal e acadêmico. À professora Rivanda Meira Teixeira que tão gentilmente aceitou fazer parte da banca – agradeço imensamente.

Agradeço pelo companheirismo dos meus colegas do mestrado que, assim como eu, passaram por momentos difíceis, mas não desistiram e apoiaram uns aos outros. Em especial, para Vinícius Atz, Janaina Sousa Loureiro Passos e Gracyele Fürbringer – amizade que se tornou indispensável em minha vida -.

Agradeço a minha família, em especial à minha filha Bibiana que compreendeu a falta de atenção e, ainda muito jovem, soube me apoiar nesses dois anos, tornando-se minha fonte de inspiração. À minha mãe Irani e minha avó Iolanda, mulheres fortes e lutadoras, sempre fonte de admiração e que me acolheram carinhosamente em sua casa apoiando-me incondicionalmente, como sempre, em meus estudos.

Um agradecimento especial às mulheres empreendedoras que forneceram as informações que viabilizaram esta pesquisa, que, ao aceitarem relatar suas vidas, contribuíram para uma melhor compreensão do empreendedorismo feminino na área rural.

Jamais poderei pagar a dívida de gratidão que tenho com todos aqui citados, mas tenham certeza de que a admiração que sinto por cada um é imensa.

Muito obrigada!

O plantio é opcional; a colheita, obrigatória.
(Provérbio Chinês)

RESUMO

O empreendedorismo tem sido tema de discussões no meio acadêmico e profissional. No entanto, as pesquisas e o senso comum parecem estar voltados, em especial, para decifrar como se faz ou como se identifica um empreendedor. Pouco tem se estudado como se constitui a subjetividade de um indivíduo que já é considerado empreendedor – como o *ser empreendedor* afeta o sujeito que empreende. Assim, a proposta deste trabalho foi utilizar uma teoria que desse suporte a este tipo de investigação – a teoria da subjetividade de González Rey-. Em primeiro lugar, tal teoria pode contribuir com o entendimento do empreendedorismo levando em conta as diversas dimensões no qual ele se manifesta e como afeta a constituição da subjetividade do empreendedor. Isso porque o ser humano reflete elementos da sociedade na qual está inserido, constituindo-se dialeticamente a partir das vias da subjetividade social e individual (GONZÁLEZ-REY, 2002). Assim, é possível entender a atividade empreendedora a partir da inserção do indivíduo no mundo de significados relativos ao empreendedorismo. Para alcançar o objetivo, foram entrevistadas seis mulheres empreendedoras rurais dos estados do Paraná e Santa Catarina. Para análise dos dados foram identificadas semelhanças e diferenças em relação às dimensões escolhidas para estudo em que, a partir da concepção de González Rey (1999), a interpretação do pesquisador é imprescindível, pois não deve descrever a realidade, mas criar um sistema de inteligibilidade acerca de tal realidade. Assim, a pesquisa deve ser um processo construtivo interpretativo e ser também uma construção do pesquisador. Portanto, ao se partir das falas/expressões do sujeito, pode-se construir conhecimento acerca da realidade pesquisada, pois suas falas são construções que revelam a construção histórica do sujeito (AGUIAR, 2011). As considerações finais evidenciam que a experiência com o empreendedorismo, embora vivido por todas as mulheres que empreendem, tem um valor emocional totalmente peculiar a cada sujeito. Com relação ao empreendedorismo feminino rural podem ser resumidos os seguintes achados: i) a família e empreendimento, para estas mulheres, são ligados; ii) O tempo apareceu como algo relevante, sendo relatado como escasso; iii) as empreendedoras se autorreferenciam; iv) a visão sobre a mulher é naturalizada. O ganho obtido com esta pesquisa foi a melhor compreensão do tema empreendedorismo e na possibilidade de emancipação dos sujeitos pesquisados ao permitir-lhes uma autoanálise. Como uma limitação encontrada neste trabalho, o retorno às mulheres pesquisadas poderia ter permitido uma melhor verificação das reações e relações com os achados da pesquisa. Outra limitação encontrada é que, em uma pesquisa de perspectiva qualitativa, o instrumento deve ser visto como um meio para induzir a construção do sujeito e, portanto, não constitui uma via direta para a produção de resultados finais, mas um meio para a produção de indicadores, pois não se pode fazer uma descrição única e permanente do sujeito. Em trabalhos futuros, parece haver espaço para pesquisa acerca de gênero no empreendedorismo, principalmente trabalhos que tratem da subjetividade de mulheres em outros cenários.

Palavras Chave: Subjetividade; Empreendedorismo Feminino; Rural

ABSTRACT

Entrepreneurship has been the subject of discussions in the academic and professional environment. However, research and common sense seem to be aimed, in particular, to find how I do or how to identify an entrepreneur. Little has been studied about the subjectivity of an individual who is already considered entrepreneur - how to be an entrepreneur affects the person who runs a business. Thus, the aim of this study was to use a theory that supports this kind of investigation - the theory of subjectivity González Rey -. First, such a theory can contribute to the understanding of entrepreneurship taking into account the various dimensions in which it manifests itself and how it affects the formation of the subjectivity. This is because the human being reflects elements of society in which it is inserted, dialectically from the ways of social and individual subjectivity (GONZÁLEZ-REY, 2002). Thus, it is possible to understand the entrepreneurial activity from the individual's place in the world of meanings related to entrepreneurship. To achieve the objective, we interviewed six rural women entrepreneurs in the states of Paraná and Santa Catarina. Data analysis were identified similarities and differences regarding the dimensions chosen for study in which, from the design of González Rey (1999), the interpretation of the researcher is essential, it should not describe reality, but create a intelligibility system about this reality. Thus, the research should be an interpretative construction process and also be a construction of the researcher. Therefore, when from the speech / expression of , it is possible build knowledge about the reality studied because their lives are constructions that reveal the historical construction of the subject (Aguar, 2011). The final considerations show that experience with entrepreneurship, although experienced by all women, has a totally peculiar emotional value to each subject. With regard to rural women entrepreneurs the following findings can be summarized: i) the family and enterprise, for these women, are linked; ii) The time appeared as something relevant, being reported as scarce; iii) they talk about themselves when they are talking about entrepreneurs; iv) be a woman to them is something natural instead of a social construction. The gain from this research was to better understand the theme entrepreneurship and the possibility of emancipation of the subjects surveyed to enable them to self-analysis. In other words, to talk about their experience, it was possible to bring awareness to their actions. As a limitation found in this study, the return to surveyed women would have allowed a better verification of responses and relationships with the findings of the research. Another limitation is that found in a qualitative research perspective, the instrument must be seen as a means to induce construction of the subject, and therefore does not constitute a direct pathway to produce the final results, but a means for producing indicators because you can not do a single and permanent description of the subject. In future work, there seems to be room for research on gender in entrepreneurship, especially works that deal with the subjectivity of women in other scenarios.

Keywords: Subjectivity; Entrepreneurship; Gender, Rural Area.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
1.2 OBJETIVOS.....	15
1.2.1 Objetivo Geral.....	15
1.2.2 Objetivos Específicos.....	15
1.3 JUSTIFICATIVA TEÓRICA E PRÁTICA.....	16
1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA RELAÇÃO PESQUISADOR/PROBLEMA DE PESQUISA.....	19
1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	21
2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA.....	23
2.1 EMPREENDEDORISMO NO NÍVEL DE ANÁLISE INDIVIDUAL.....	23
2.2 EMPREENDEDORISMO NO NÍVEL DE ANÁLISE ORGANIZACIONAL.....	26
2.3 EMPREENDEDORISMO NO NÍVEL DE ANÁLISE SOCIAL.....	29
2.4 EMPREENDEDORISMO COMO CONFIGURAÇÃO.....	32
2.5 EMPREENDEDORISMO FEMININO.....	34
2.6 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE ATUAÇÃO DAS EMPREENDEDORAS.....	39
2.7 CONCEPÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SUBJETIVIDADE.....	47
3 METODOLOGIA	52
3.1. ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	54
3.1.1 Perguntas de pesquisa.....	54
3.1.2 Categorias.....	55
3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	56

3.2.1 Informantes.....	56
3.2.2 Delineamento e etapas da pesquisa.....	57
3.2.3 Instrumentos de coleta dos dados.....	57
3.2.4 Procedimentos de coleta dos dados.....	58
3.2.5 Procedimentos de análise dos dados.....	58
4 CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	61
4.1 HISTÓRIA DAS MULHERES FOCO DA PESQUISA.....	62
4.1.1 Joana.....	62
4.1.2 Márcia.....	64
4.1.3 Gilda.....	67
4.1.4 Sandra.....	68
4.1.5 Cida.....	70
4.1.6 Leonor.....	74
4.2 CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DAS MULHERES.....	76
4.2.1 Empreendimento e Família.....	77
4.2.2 Tempo.....	84
4.2.3 Autopercepção.....	96
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	110
ANEXO I	125
ANEXO II	126
ANEXO III	129

1 INTRODUÇÃO

O tema empreendedorismo vem sendo estudado por diversos pesquisadores (GARTNER, 1985; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; BARON; SHANE, 2007; CASSOL; SILVEIRA; HOELTGEBAUM, 2007; SARASVATHY, 2008; JULIEN, 2010), porém não apresenta um quadro conceitual consolidado. O empreendedorismo é tratado com diferentes enfoques e perspectivas, sendo uma divisão comum nos estudos do empreendedorismo aquela que tem como base a economia, a psicologia e a sociologia.

De acordo com Gimenez, Ferreira e Ramos (2008), inicialmente o empreendedorismo era considerado somente como um fenômeno associado à criação de empresas. Nos últimos dez anos, teve seu significado ampliado para manifestações humanas voltadas para a realização de novos projetos organizacionais independentes ou vinculados a uma organização já existente. Os autores afirmam também que, atualmente se proliferam estudos sobre o empreendedorismo que abordam o fenômeno sob as mais variadas abordagens (indivíduos empreendedores, equipes empreendedoras, organizações empreendedoras e sociedades empreendedoras).

A partir destes estudos, pode-se afirmar que esta pesquisa tratará a pessoa empreendedora como sendo alguém que inova, fazendo com que haja manutenção das atividades empreendedoras de forma diferente, buscando e criando oportunidades. Para tanto parece ser necessário entender o sujeito empreendedor localizado em tempo e local específico, além de sua trajetória de vida. Esse tipo de estudo vem ganhando espaço no meio acadêmico (SIQUEIRA; GUIMARÃES, 2002; AGUIAR, 2011).

A atividade empreendedora exercida por mulheres desperta o interesse da academia (MACHADO, 1999; GUIMARAES, 2004; EDDLESTON; POWELL, 2012) e tem apresentado a noção de que as mulheres empreendedoras, para além das características individuais, são frutos do seu meio. Muitos dos trabalhos publicados defendem a ideia de que homens e mulheres não são essencialmente diferentes, mas a própria sociedade lhes coloca expectativas de papel que resultam em ações diferenciadas frente aos negócios (KANAN, 2010; VALE *et al.*, 2011; GREENE *et al.*,

2011; FERREIRA; NOGUEIRA, 2013). Neste contexto, o local onde se empreende também é relevante para entender a ação das mulheres.

Um locus que pode ser útil no entendimento do empreendedorismo feminino é o da mulher que atua na área rural, pois mesmo contando com uma pequena parcela de participação feminina, como “protagonista” de unidades produtivas rurais, as discussões em torno da relação de gênero constituem um elemento que fortifica o processo de desenvolvimento socioeconômico (CAMPOS *et al.*, 2010). O setor se destaca pelas ocupações geradas na área rural, ao mesmo tempo em que está incidindo a contribuição do trabalho feminino na implementação de novas alternativas rentáveis para as unidades produtivas. No entanto a discussão sobre gênero voltada para a área rural é recente, datada nos anos 1980, e se remete a disseminação do novo rural, sua contribuição tem sido com ajustamentos, os quais geram profundas alterações nas ocupações agrícolas e não agrícolas.

Miyazaki *et al.* (2005) afirmam que o crescente processo de globalização da economia e a abertura dos mercados ocorrida a partir dos anos de 1990, ajudaram a popularizar o conceito de agronegócio numa visão integradora da cadeia produtiva que gira em torno da produção agrícola, nem sempre levando em conta a qualidade de vida das comunidades. No horizonte competitivo observado no final de século XX e início de um novo milênio, aumentam os desafios e perspectivas para novos empreendimentos, bem como o leque de novas exigências de gerenciamento da propriedade rural para que se tornem competitivas. Afirmam ainda que "o agente de transformação da realidade socioeconômica no campo é o produtor rural. É ele que fará o uso das tecnologias disponíveis no processo de gerenciamento das atividades exploradas na propriedade rural" (MIYAZAKI *et al.*, 2005, p. 4). Blundel e Lockett (2011, p. 394) argumentam que existem dificuldades provenientes da localização de empresas na área rural. Desvantagens que impactam na competitividade que o proprietário-gerente de uma pequena empresa com sede na zona rural pode enfrentar.

Segundo Schneider (2003) as pequenas empresas rurais são comumente denominadas de agricultura familiar, na qual há presença de pluralidade de atividade rurais e mão de obra familiar. A família tem um *locus* privilegiado na empresa rural. Sendo que família rural é entendida como um grupo social que compartilha um

mesmo espaço (não necessariamente uma habitação comum) e possui em comum a propriedade de um pedaço de terra para cultivo agrícola. Está ligada por laços de parentesco e consanguinidade (filiação), podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção). É no âmbito familiar que se discute e se organiza a inserção produtiva, laboral, social e moral de seus integrantes, e é em função desse referencial que se estabelecem as estratégias individuais e coletivas que visam a garantir a reprodução do grupo. Além disso, as unidades familiares subsistem com uma relativa autonomia em relação ao capital e vão se reproduzindo nessas condições. Sua transformação vai depender de sua relação com as formas distintas de estruturação social, cultural e econômica do capitalismo, em um certo espaço e contexto histórico (SCHNEIDER, 2003).

Uma das teorias que podem contribuir com o entendimento do empreendedorismo levando em conta as diversas dimensões no qual ele se manifesta, é a teoria da subjetividade. O pressuposto desta teoria é que o ser humano reflete elementos da sociedade na qual está inserido, constituindo-se a partir das vias da subjetividade social e individual (GONZÁLEZ-REY, 2002). Tendo-se em vista a concepção sócio-histórica, é possível entender a atividade empreendedora a partir da inserção do indivíduo no mundo de significados relativos aos negócios.

O conceito de subjetividade utilizado nesta pesquisa é o de "sistema complexo, produzido de forma simultânea no nível social e individual, [...] não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação" (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 197). Um recurso valioso que permite averiguar explicações, ideias e manifestações que caracterizam um determinado grupo de pessoas são as representações sociais. Essas representações acontecem a partir da interação dos indivíduos em um ambiente, sem porém perder os atributos típicos de sua personalidade. Portanto, as representações sociais permitem a percepção da visão e da vivência que as pessoas têm dos seus ambientes em determinado tempo.

Frente a tal contexto, e com o auxílio da teoria da subjetividade, propõe-se neste trabalho a verificação da constituição da subjetividade da mulher empreendedora no meio rural.

A partir da proposta dada, a próxima seção traz o problema de pesquisa que norteará esta investigação.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A valorização da cultura local no meio rural poderia contribuir para promover o desenvolvimento das comunidades de forma mais abrangente. Para tanto podem ser elaboradas políticas públicas visando incrementar os resultados das atividades locais, influenciando sua continuidade ou mesmo ampliando os empreendimentos. O investimento em formação e capacitação das mulheres rurais para os trabalhos agrícolas, pode ser tão importante e urgente quanto o ensino formal, já que o aprendizado poderia contribuir para diversificar as opções de trabalho das mulheres, elevar sua renda pessoal e fortalecer sua posição pessoal.

A área rural é um cenário onde a produtividade depende de fatores climáticos, tecnológicos e, por se tratar de um mercado competitivo, exige uma ótima gestão nos empreendimentos. Neste ambiente competitivo a gestão empreendedora exercida por mulheres vem galgando seu espaço. Isto faz com que o interesse na compreensão das atuais formas de gestão da mulher empreendedora rural se ampliem.

Um dos interesses de estudo é a constituição da subjetividade da mulheres empreendedoras, pois suas atividades podem afetar a maneira como elas se constituem. A verificação de sua constituição pode permitir a compreensão da relevância das mulheres no processo de representação social que, consciente ou inconscientemente através de suas atitudes, sentimentos e condutas, influencia o meio.

Para tanto, o problema de pesquisa que este estudo pretende investigar é: Como se dá a constituição subjetiva da mulher empreendedora rural?

Tal problema não tem a pretensão de ser preciso, pois a natureza qualitativa da pesquisa aqui proposta tem o objetivo de construção. O valor explicativo não é centrado em relações de causa e efeito ou variáveis delimitadas e estáticas.

Segundo González Rey (2005) a explicação deve ser construída sobre argumentos acerca da organização do sistema estudado.

A primeira etapa da construção dos argumentos é a constituição da base teórica que servirá de apoio às análises posteriores. Além da teoria, a experiência do pesquisador e os dados fornecidos pelas empreendedoras, formam o arcabouço que constituirá este trabalho.

Em função da especificação do problema de pesquisa e em coerência com ele, a seguir, serão estabelecidos os objetivos que servem como delimitadores e condutores da presente investigação.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos são divididos em geral e específicos, e são apresentados a seguir.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo deste estudo é compreender a constituição subjetiva da mulher empreendedora da área rural.

1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos que constituem o caminho a ser seguido para a obtenção do objetivo geral são:

- Compreender o contexto de atuação das empreendedoras
- Identificar as representações sociais da atividade empreendedora para as mulheres objeto da pesquisa
- Compreender o significado de *ser empreendedora* para as informantes da pesquisa
- Compreender o significado de *ser mulher* para as informantes da pesquisa

- Identificar a configuração subjetiva da mulher empreendedora

Depois de estabelecidos os objetivos, serão demonstradas as justificativas teórica e prática.

1.3 JUSTIFICATIVA TEÓRICA E PRÁTICA

O estudo da produção do empreendedorismo feminino rural sob o enfoque sócio-histórico tem sua justificativa tanto do ponto de vista teórico quanto prático.

Em relação à justificativa teórica, pode-se recorrer a Low e MacMillan (1988, p. 152) que afirmam que: "O desafio para a pesquisa sobre empreendedorismo é aumentar a incorporação de vários níveis de análise em futuros projetos de pesquisa". Para eles, os estudos multinível podem nos fornecer explicações mais sofisticadas da atividade empresarial que leve em conta a interação entre os processos a nível individual e aqueles identificadas em níveis mais amplos. Portanto, esta pesquisa levará em consideração a análise do empreendedorismo no nível de análise configuracional.

Casson *et al.* (2006, p. 27 a 29) afirmam que o campo de pesquisa do empreendedorismo está ativo e saudável e, com o progresso considerável que está sendo feito para enfrentar suas limitações e alargar o seu âmbito, o assunto também seria de importância central, tanto em termos de desempenho econômico como de bem-estar social. Os estudos sobre o empreendedorismo feminino também mostram-se relevantes, a partir da quantidade de trabalhos encontrados no meio acadêmico (KANAN, 2010; VALE *et al.*, 2011; GREENE *et al.*, 2011; EDDLESTON; POWELL, 2012; MORGADO, 2012; FERREIRA; NOGUEIRA, 2013), porém não saturaram a possibilidade de pesquisas do tema que pode ser tratado com visões e análises diferenciadas.

A criação de empresas e o espírito empresarial por parte das mulheres é uma matéria analisada do ponto de diferentes perspectivas desde a década de 1980. Azevedo *et al.* (2008) sugerem que sejam realizadas mais pesquisas sobre Empreendedorismo Feminino no meio rural que abranja maior quantidade de agropecuaristas para que as informações complementem as já existentes a fim de

delinear o comportamento gerencial e empreendedor das mulheres em geral. O trabalho de Gimenez e Tóffolo (2006) sugere fazer análises mais aprofundada a respeito do empreendedorismo feminino e afirmam que há ainda carência de trabalhos que foquem a questão do Empreendedorismo Feminino no meio rural.

Na área agropecuária os trabalhos sobre empreendedorismo ainda são incipientes quanto a postura e forma de atuação das empreendedoras da área rural. Em pesquisa realizada na Revista Economia e Sociologia Rural utilizando das palavras-chave: feminino, gênero e mulher, verificou-se a existência de apenas 2 trabalhos na área de empreendedorismo rural feminino. Estas pesquisas foram encontrada quando utilizada a palavra-chave "gênero". Isso pode ser evidência de que há espaço para melhor compreensão sobre empreendedorismo feminino na área rural.

Para que haja uma maior compreensão da constituição da subjetividade da mulher empreendedora rural, este trabalho utilizará a constituição sócio-histórica e a teoria da subjetividade. A teoria que embasará esta pesquisa é a de González Rey (2003, 2005, 2007, 2010), cujo entendimento é que a subjetividade social perpassa a subjetividade individual e está representada no contexto no qual se organiza a subjetividade individual. Assim, o indivíduo reproduziria as imposições do meio e também seria capaz de refletir sobre elas tornando-se sujeito da própria história ao elaborar imposições e criar o novo. Já a constituição histórica de espaços sociais produziria a subjetividade individual.

Portanto, a presente pesquisa acrescentará novos conhecimentos aos estudos da subjetividade do empreendedorismo feminino, pois tratará deste no campo de atuação rural.

Em relação à justificativa prática deste trabalho, pode-se afirmar que, ao entender como a subjetividade das mulheres afeta e é afetada pela atividades empreendedoras, é possível perceber a importância destas no processo de representação social, que consciente ou inconscientemente por meio de suas atitudes, sentimentos e condutas, influencia e é influenciada pelo meio.

Segundo Tóffolo (2002) a verificação da forma de obtenção do empreendimento (herança, aquisição, partilha) também pode auxiliar na

compreensão das atuais formas de gestão da mulher empreendedora rural, bem como verificar qual o nível de motivação que estas têm para administrar a propriedade.

Paulilo e Schimidt (2003) afirmam de que há um padrão a respeito da sucessão nas propriedades rurais e que esse padrão comporta variações e exceções mas são principalmente os filhos homens que herdaram a terra enquanto as mulheres se tornam agricultoras por casamento.

Elas recebem herança quando o casal não tem descendência masculina ou quando uma filha casada cuida dos pais até que eles morram. Além disso, o padrão de herança igualitária pode surgir quando a terra não tem mais importância como meio de produção para os filhos ou quando os pais têm propriedades grandes. (...) se for preciso excluir alguém, as mulheres são as primeiras a serem escolhidas. Elas são sempre consideradas como "filhas ou esposas de agricultor", termo que identifica tanto as que trabalham nos campos com as que não o fazem. Também quando a terra pertence à mulher por herança, é o marido considerado o responsável. (PAULILO; SCHMIDT, 2003, p. 5)

Quanto a políticas públicas, Teixeira (1994) observa a importância de investimento em formação e capacitação das mulheres rurais para os trabalhos agrícolas, que pode ser tão importante e urgente quanto o ensino formal, já que o aprendizado poderia contribuir para diversificar as opções de trabalho das mulheres, elevar sua renda pessoal e fortalecer sua posição pessoal. Corroborando com este pensamento, Nazzari (2003) afirma que a valorização da cultura local no meio rural poderia contribuir para promover nos cidadãos índices favoráveis de capital social, colaborando para incrementar políticas públicas a fim de que estas se tornem eficazes para o desenvolvimento das comunidades. A partir da percepção das necessidades atuais, políticas públicas que tratem do fenômeno de forma mais abrangente podem ser elaboradas, visando incrementar os resultados da atividade, influenciando em sua continuidade ou mesmo ampliação dos empreendimentos.

A pesquisa de mulheres rurais empreendedoras também demonstra sua importância prática quando permite verificar se as mulheres são competentes na gestão de empreendimentos rurais.

1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA RELAÇÃO PESQUISADOR/PROBLEMA DE PESQUISA

Para dar consistência a uma investigação sócio-histórica é importante que seja apresentada a contextualização do pesquisador que, segundo González Rey (2002, 2005), é um instrumento de pesquisa na medida em que sua subjetividade também se interpõe ao processo. O pesquisador vai criar o modelo teórico de inteligibilidade sobre o tema da pesquisa, bem como fará suas análises de acordo com sua situação pessoal-social (FREITAS, 2002). Portanto, faz-se necessário relatar minhas experiências com o tema.

Minha família, desde meu trisavô alemão que veio para o Brasil, possui propriedades rurais. A herança em terras foi aumentando e passando de geração em geração até chegar a minha mãe, filha única que conta com meu irmão e eu para administrar a propriedade rural.

Pela interação com o ruralismo e a agropecuária desde a infância, decidi cursar a faculdade de Zootecnia e depois, com o intuito de compreender melhor a administração do agronegócio, fiz especialização em *Agribusiness* no ano de 2002. No ano seguinte à especialização, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Estado do Paraná (SENAR/PR) contratou-me para prestar serviços de instrutoria na área rural do estado. Desde 2003 presto serviços como instrutora de agronegócios para produtores(as), suas famílias e também trabalhadores(as) da área rural. A partir de 2010 também iniciei a prestação deste serviço para o SENAR/SC.

O primeiro curso de treinamento pelo SENAR em que comecei trabalhar à campo foi o Programa Empreendedor Rural com 140 horas/aula no qual, desde 2003 até 2012, ministrei 27 turmas. Foram 540 pessoas que receberam informações e puderam fazer seus planos de negócios, além de verificar a viabilidade de suas propriedades e conhecer mais sobre o empreendedorismo. Além deste, trabalho desde 2011 com um programa só para mulheres rurais que se chama Com Licença Vou à Luta com 40 horas/aula, do SENAR/SC, no qual as participantes entram em contato com o empreendedorismo e o plano de negócios. Foram ministradas 8 turmas, num total de 130 mulheres.

No ano de 2012 trabalhei nas cidades de Curitiba e Araucária com um programa chamado Bom Negócio cujo foco principal era Empreendedorismo e Gestão dos negócios para comerciantes destes municípios. Também neste ano trabalhei como docente nas Faculdades Integradas Espírita, na qual ministrei a disciplina Planejamento e Elaboração de Projetos e Administração Agropecuária para alunos do curso de Zootecnia. A partir do ano de 2014 ministrei aulas na disciplina de Empreendedorismo na Faculdade Evangélica do Paraná para as turmas de Medicina Veterinária e de Gestão Ambiental.

Meu interesse pela aprendizagem mais aprofundada em Administração se deu pela verificação da abrangência do campo e principalmente pela amplitude do tema empreendedorismo. A dificuldade encontrada por parte dos ruralistas em obter informações sobre empreendedorismo e gestão para seus empreendimentos bem como a dificuldade ainda maior encontrada pelas mulheres da área rural na gestão de seus negócios foram fatores relevantes na escolha do tema proposto neste trabalho de pesquisa.

A partir deste interesse pelo tema, em 2013 iniciei o mestrado em Administração na UFPR no qual tive contato mais profundo com os estudos sobre o empreendedorismo no meio acadêmico. Em convênio com a UFPR, cursei a disciplina de Empreendedorismo e Organizações Empreendedoras na Universidade Positivo ministrada pela Professora Queila Matitz, o que ampliou meus horizontes a respeito do tema. Também durante o ano de 2013 e 2014 participei do grupo de pesquisa Inovação, Sustentabilidade e Empreendedorismo em Pequenas Empresas coordenado pelo professor Fernando Gimenez e iniciei meu projeto de dissertação com a eficiente orientação da professora Jane Mendes Ferreira. Foram todos estes colaboradores que auxiliaram na visão ampliada que tenho hoje sobre o empreendedorismo e que me fez refletir ainda mais sobre a necessidade de estudos sobre o tema na área rural, principalmente com aprofundamento nas mulheres empreendedoras.

A partir daí verifiquei que, para obter as informações necessárias ao melhor entendimento do cotidiano e das causas que levaram as mulheres rurais a empreenderem, era necessário compreender suas histórias de vida. Foi então que percebi que com o estudo da concepção sócio-histórica destas mulheres poderia

obter êxito na pesquisa. Para tanto, no presente estudo, utilizei a teoria da subjetividade com a qual poderei compreender a constituição sócio-histórica destas mulheres empreendedoras rurais.

Segundo González Rey (1999, p. 39), o papel do pesquisador não consiste simplesmente em descrever a realidade, mas explicá-la, ser produtor de um conhecimento; a pesquisa deve ser vista como um processo "construtivo Interpretativo". O conhecimento é visto, portanto, como uma construção do pesquisador. Assim, a partir das falas/expressões do sujeito, caminha-se na busca da construção de um conhecimento que desvele a realidade pesquisada, pois as falas do sujeito, mais que uma resposta ao estímulo apresentado, são construções que revelam a construção histórica deste sujeito (AGUIAR, 2011, p. 134).

Não há a defesa da neutralidade na Epistemologia Qualitativa, pois a reflexão crítica e criativa é que vai permitir a superação dos princípios de estímulo-resposta presentes nas concepções de pesquisa de natureza positivista. Segundo Aguiar (2011), somente ao se levar em conta a realidade social pode-se explicar um movimento que é individual e ao mesmo tempo social/histórico. A tarefa do pesquisador consiste em apreender a forma como os sujeitos configuram o social, um movimento que, sem dúvida, é individual, único e ao mesmo tempo histórico e social.

O trabalho proposto está estruturado em mais 4 partes, além desta introdução. As seções estão expostas resumidamente a seguir.

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está estruturada, além da introdução, em quatro partes: quadro teórico de referência, metodologia, construção da informação e considerações finais.

O referencial teórico buscou fundamentar o problema de pesquisa indicando os principais elementos das teorias sobre empreendedorismo e sobre a concepção sócio-histórica. Face a diversidade e abrangência do tema, optou-se por apresentá-lo em seus níveis de análise favorecendo uma visão diferente do fenômeno. A

literatura escolhida obedeceu aos critérios de legitimidade, qualidade e profundidade, além de preferências pessoais da pesquisadora.

No capítulo de metodologia especificam-se as escolhas feitas para compreender o processo de pesquisa, coletar efetivamente os dados e analisá-los. De acordo com o problema de pesquisa, o caminho escolhido como mais adequado foi a pesquisa qualitativa, mais precisamente uma pesquisa de caráter construtivo interpretativo (GONZÁLEZ-REY, 1999) por meio do qual o conhecimento é visto como uma construção do pesquisador. Nessa concepção o conhecimento não é estático, mas dinâmico e transforma-se em *conhecendo*, a todo momento sendo construído por um pesquisador implicado no processo e que possui uma atividade pensante e construtiva (FERREIRA, 2012).

O capítulo que usualmente chama-se Apresentação dos Dados e Análises, neste trabalho é chamado de Construção da Informação, pois a metodologia, sugerida por González Rey (2005) recomenda que seja elaborado um capítulo com este título pois "não faz sentido a introdução de um capítulo que busque a legitimação de acordo com critérios externos ao processo teórico diferenciado que caracteriza a congruência interna do modelo em desenvolvimento" (GONZÁLEZ-REY, 2005, p. 112). Neste capítulo ocorre a interpretação do pesquisador, que não deve descrever a realidade e sim produzir uma noção acerca de tal realidade já que a pesquisa deve ser um processo construtivo interpretativo, uma construção também do pesquisador (GONZÁLEZ-REY, 1999). É necessário que a análise do relato das empreendedoras considere que toda a explanação é aberta, conflitiva e, portanto, sujeita a novas interpretações.

Nas considerações finais serão apresentados os achados da pesquisa, os quais demonstram como se dá a constituição subjetiva das mulheres empreendedoras da área rural.

Na continuidade apresentam-se os elementos aqui citados.

2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

O referencial teórico foi construído de forma a sustentar o problema de pesquisa. Muitos dos trabalhos (VÉSPER, 1980; FILION, 1999a; GUIMARÃES, 2004) apresentam o fenômeno dividido em perspectivas econômica, social e psicológica. Alguns avançam e apresentam novas perspectivas como é o caso de Gimenez e Inácio Júnior (2002), Ferreira (2007), Gimenez, Ferreira e Ramos (2008). No entanto, optou-se, face a diversidade e abrangência do tema, em apresentar os estudos que tratam do tema em seus níveis de análise. Isso porque permite fornecer uma visão diferente do fenômeno.

O referencial teórico a seguir apresentado permitirá: i) entender os níveis de análise pelo qual o fenômeno é estudado; ii) entender como ocorre a concepção sócio-histórica de constituição do sujeito e subjetividade; e iii) verificar as formas de abordagem sociológica no empreendedorismo quanto ao gênero feminino.

2.1 EMPREENDEDORISMO NO NÍVEL DE ANÁLISE INDIVIDUAL

No nível de análise individual o foco é o indivíduo. Neste tipo de estudo (FILION, 1999a; MACHADO, 1999; MACHADO; GIMENEZ, 2000; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; BARON; SHANE, 2007; SARASVATHY, 2008) são mostradas as características que definem um indivíduo como empreendedor. Tais características permitem diferenciar tal indivíduo daquele que não é empreendedor.

No entanto, conforme Allport (1937); Filloux (1960); Carvalho (1960); Kaplan, Sadock (1993); Hall, Lindzey, Campbell (2000), personalidade está relacionada à condição estável e duradoura dos comportamentos do indivíduo. Ela é advinda de características intrínsecas e que, conseqüentemente, levam à geração de certos comportamentos. Para esclarecer melhor, pode-se afirmar que as características do indivíduo, formam os traços de personalidade do empreendedor e que, como conseqüência, geram comportamentos empreendedores. Estes fatores (características, traços e comportamentos) estão implicados uns nos outros. No entanto, nos estudos sobre empreendedorismo, tais termos têm aparecido de forma comensurável. Em outras palavras, tais termos são usados como sinônimos ou muito próximo disso.

Nesta linha podem ser citados os trabalhos de Shane e Venkataraman (2000); Baron e Shane (2007), Sarasvathy (2008) que estudaram os indivíduos que

empreendem e a percepção destes quando da exploração de oportunidades. Filion (1999a, p.3) também compartilha desta visão quando afirma que *"O empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades."* Ainda podem ser citados os trabalhos de Vidal e Santos (2003); Markman e Baron (2003) que tratam do comportamento de cada ser humano isolando traços de personalidade. Em ambos os trabalhos aparecem características como autoeficácia, reconhecimento de oportunidades, perseverança, capital humano e habilidades sociais. Além disso, tais características estariam, para estes autores, relacionados ao sucesso dos empreendedores. Pode-se perceber que todos os trabalhos citados neste parágrafo têm em comum o elemento *exploração de oportunidade*, mas atribuem características diferentes ao indivíduo que vai aproveitá-las.

Por outro lado, há os trabalhos que buscam características do empreendedor e as associam com o sucesso ou que indicam quem é ou não empreendedor. Vidal e Santos (2003), apontam a autorrealização como fator relacionado ao sucesso. Lopes Jr. e Souza (2013) objetivaram especificamente a construção de um instrumento de medição para o perfil empreendedor. Os autores partiram de quatro fatores: realização, planejamento e poder, acrescidas do fator inovação, pelo qual a análise fatorial apontou a existência de somente dois fatores compostos: Prospecção e Inovação, e Gestão e Persistência; os autores também sugerem a existência empírica de somente um fator, chamando-o Atitude Empreendedora.

No trabalho de Gimenez e Inácio Júnior (2002) encontra-se um quadro-resumo (QUADRO 1) das principais características apontadas como sendo de indivíduos empreendedores.

1. Locus Interno de Controle	11. Flexível
2. Determinado, perseverante	12. Necessidade de poder
3. Enérgico, diligente	13. Orientado ao lucro
4. Propensão ao risco	14. Experiência de trabalho prévia
5. Necessidade de realização	15. Dinâmico, líder
6. Criativo, inovador	16. Habilidade em se relacionar com os outros
7. Proativo, iniciativa	17. Sensibilidade para com os outros
8. Tolerância à incerteza, ambiguidade	18. Preditor
9. Resposta positiva frente a desafios	19. Egoísta
10. Independente	20. Cooperativo

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS FREQUENTEMENTE ATRIBUÍDAS AO INDIVÍDUO EMPREENDEDOR

FONTE: Gimenez e Inácio Júnior (2002)

A cognição também é um tema possível para estudar o empreendedorismo. Gimenez (2000, p.15) afirma que decisões estratégicas poderiam ser influenciadas, indiretamente, pelo estilo cognitivo individual e conseqüentemente, "o destino de uma pequena empresa pode ser significativamente influenciado - para melhor ou pior - pelas ideias e ações de seus proprietários ou executivos principais". Em estudo semelhante a respeito do processo decisório, Gimenez (2000) e Castor (2006) defendem que o perfil do indivíduo afeta o modo como ele toma decisões estratégicas.

Alguns estudos (KETS DE VRIES; MILLER, 1984; HAMBRICK; MASON, 1984; FILION, 1999b; GIMENEZ, 2000; DUTRA; PREVIDELLI, 2003; GREATTI; PREVIDELLI, 2004) visam medir o impacto do perfil empreendedor no desempenho organizacional. Neste rol de estudos pode-se incluir o trabalho de Rauch *et al.* (2004) que propuseram uma meta análise que envolve a questão organizacional, sugerindo uma correlação positiva entre o perfil empreendedor de forma geral e o desempenho das organizações. Estes autores afirmam ter encontrado inovação, pró-atividade e agressividade competitiva no perfil de empreendedores a frente de organizações de sucesso.

Kets de Vries e Miller (1984) argumentam que os atributos organizacionais refletem as personalidades dos administradores mais influentes em qualquer organização. Hambrick e Mason (1984, p.193) corroboram com este pensamento quando declaram que "os resultados organizacionais - estratégias e efetividade - são vistos como reflexos das bases cognitivas de atores poderosos da organização".

Filion (1999b) verificou que poucos trabalhos estudavam as diferenças entre empreendedores e operadores de pequenos negócios. Sendo assim, o autor, realizou uma pesquisa tratando da diferença entre empreendedores e operadores. Observou que a empresa ocupa um lugar muito menos importante na vida dos operadores do que na dos empreendedores. Assim, as diferenças entre ambos os levariam a construir sistemas de atividades gerenciais bem distintas. O autor afirma que "a grande diferença no tipo de sistema social construído emerge de uma das mais significantes distinções entre empreendedores e operadores: o desenvolvimento de uma visão" (FILION, 1999b, p. 19).

Os estudos de McClelland (1972) consideram as questões ideológicas (educação, valores, cultura), bem como o indivíduo inserido na cultura explicando a influência desta no comportamento empreendedor. Ainda pode-se estimular o feminismo como um contrapeso em relação à figura autoritária do pai de família, considerando, sobretudo, o fato de que a história não registra nenhum caso de progresso sem que tenha havido a emancipação da mulher. O autor sugere implantar treinamentos específicos voltados para a motivação realizadora de executivos. McClelland (1972) identificou como principal força motivadora da atitude empreendedora a “necessidade de realização do indivíduo” ou a vontade humana de se superar e tornar-se diferente, envolvendo características psicológicas e atitudinais como tendência ao risco, iniciativa e desejo de reconhecimento.

Em resumo, quando se olha para o fenômeno em nível individual, encontram-se trabalhos que procuram identificar o empreendedor por meio de suas características que podem ser provenientes de personalidade e cognição. Os resultados de tais características também estão incluídas neste nível de análise levando a pensar que o empreendedor é responsável pelo desempenho da organização na qual atua. Em outras palavras, os trabalhos demonstrados nesta seção procuram diferenciar empreendedores de não empreendedores a partir de suas características e perfil.

A partir dos estudos apresentados, pode-se trazer evidências de que ainda há interesse da academia pelo indivíduo que empreende. Já no nível de análise organizacional, são poucos os trabalhos que tratam do tema empreendedorismo, como poderá ser visto na próxima seção.

2.2 EMPREENDEDORISMO NO NÍVEL DE ANÁLISE ORGANIZACIONAL

O nível organizacional, em geral, trata de como a organização que é dita empreendedora funciona. Os estudos encontrados nessa área (FERNANDES; SANTOS, 2008; SILVA; GOMES; CORREIA, 2009) são voltadas, em sua maioria, levando em consideração o desempenho das empresas a partir de sua orientação empreendedora (ZAHRA, 1991; LUMPKIN, DESS, 1996). Muitos estudos que tratam deste nível de análise são denominados como trabalhos sobre gestão de pequenas empresas (CASTOR, 2006; GOIS; MACHADO, 2012; BORGES *et al.*, 2014). A interface entre estes estudos e o nível apresentado anteriormente é evidenciada

quando se fala do desempenho de empresas geridas por indivíduos empreendedores. Gartner (1988 , p.26) propôs a definição: " Empreendedorismo é a criação de novas organizações." Ele sugere que a pesquisa mais produtiva para o empreendedorismo pode resultar da mudança da unidade de análise a partir do nível individual para o nível funcional.

Nos estudos voltados a análise no nível organizacional, encontram-se os estudos sobre a orientação empreendedora (FERREIRA, 2007; FERNANES; SANTOS, 2008; SILVA; GOMES; CORREIA, 2009). Os pesquisadores operacionalizaram a orientação empreendedora associada geralmente a três dimensões: inovatividade, pró-atividade e aceitação de risco (ZAHRA, 1991; LUMPKIN; DESS, 1996). Inovatividade refere-se à disposição em apoiar e oportunizar a criatividade e a experimentação no desenvolvimento de novos produtos, à adoção de tecnologia e a processos e procedimentos internos. Pró-atividade é a habilidade das firmas para desenvolver e não apenas perseguir as oportunidades de mercado. A aceitação do risco é refletida pela disposição da alta gerência em atribuir grande porcentagem de recursos da firma a novos projetos e incorrer em débito pesado no desenvolvimento de oportunidades (LUMPKIN; DESS, 1996). Corroborando com este pensamento, Drucker (2003) afirma que a organização empreendedora deve ser receptiva à inovação e predisposta a ver a mudança como uma oportunidade e não como uma ameaça. O autor argumenta ainda que, para melhorar seu desempenho, as organizações deveriam realizar aprendizado integrado e práticas pertinentes à estrutura organizacional que dispõe. Favaretto (2004), contribui com as afirmações de Drucker, quando declara que, mais do que assumir riscos, o que pode favorecer decisivamente o empreendedorismo seria a capacidade de combinar diferentes tipos de recursos.

Alguns pesquisadores (PETTIGREW, 1985; WHIPP, CLARK, 1986; CASSON, GODLEY, 2007) examinaram a interação entre organizações empreendedoras com outros atores, incluindo seus fornecedores, clientes, concorrentes, órgãos governamentais, e comunidades locais.

Quanto ao comportamento empreendedor nas organizações, Maciel (2009, p. 30) afirma que este "deve ser pensado fundamentalmente dentro de uma perspectiva estratégica, que contemple iniciativa, inovação e comportamento da firma baseado em oportunidades". O autor obteve como resultados do levantamento

em um de seus trabalhos, a confirmação da relação de dependência entre capacidades funcionais e comportamento empreendedor. Maciel (2009) cita Brumagim que defende a noção de hierarquia de recursos em quatro níveis e que estes apresentariam efeitos causais entre si.

O primeiro nível faz referência a recursos que dão suporte à visão estratégica. O segundo nível abarca recursos que contribuem com a aprendizagem organizacional e conduzem à melhor utilização dos ativos. O terceiro nível contempla recursos relacionados à sinergia corporativa, capacidades administrativas para integrar várias unidades de negócios. O último nível diz respeito às operações produtivas e processos organizacionais mais gerais (MACIEL, 2009, p. 40-41).

Sobre os estudos de redes no empreendedorismo em pequenas empresas, os autores Gois e Machado (2012) argumentam que os benefícios da participação em redes para pequenas empresas e empreendedores são associados à criação e sobrevivência da empresa. Para eles, a participação em redes proporcionaria melhoria na capacidade informacional, identificação e exploração de oportunidades e benefícios associados à inovação.

Neste nível de análise o empreendedorismo também faz a interface com os estudos sobre empresas familiares. Borges (2014, p. 6) afirma que

[...] as ações empreendedoras constituem o núcleo dos processos empreendedores, ocorrendo associadas a um aspecto de transformação de empresas familiares, promovendo inovações, criação de valor, e a própria criação de novos negócios.

O autor afirma que a atuação de diferentes membros de famílias revela possibilidades de construção e reconstrução de empresas familiares, por meio de ações empreendedoras que promovem a criação de novos negócios e iniciativas de inovação, criação de valor, crescimento e renovação dessas organizações.

O trabalho de Castor (2006) que trata de estratégias empresárias traz uma contribuição para o pensamento sobre o empreendedorismo em organizações de qualquer porte quando diz que

[...] a administração estratégica é composta de capacidades que podem e devem ser exercidas em todas as escalas de tamanho e de complexidade organizacional. E seus resultados, muitas vezes, são mais rápidos e visíveis nas pequenas organizações do que nas grandes, onde as mudanças tendem a ser mais incrementais e lentas (p.23).

Os trabalhos desta seção evidenciam que o empreendedorismo no nível organizacional, em geral, apresentam como foco a gestão da pequena empresa, a orientação empreendedora de organizações e a interface com as empresas familiares, além dos trabalhos em que o desempenho das organizações aparece como função do empreendedorismo. No entanto, tais trabalhos não permitem entender o fenômeno de forma mais complexa, levando em conta não somente o nível organizacional, mas o impacto da organização na constituição do indivíduo e esta por sua vez, nos processos de mudança social.

2.3 EMPEENDEDORISMO NO NÍVEL DE ANÁLISE SOCIAL

Os trabalhos sobre empreendedorismo no nível de análise social (MINTZBERG, 1976; PETTIGREW, 1985; WHIPP; CLARK, 1986; CASSON; GODLEY, 2007) trazem o fenômeno como sendo função do ambiente (tanto social, quanto econômico) nas ações do indivíduo e das organizações.

Segundo Blundel e Lockett (2011), os tipos de recursos que podem ser mobilizados e combinados dependem fundamentalmente das características sociais e econômicas dos territórios em questão. A sociologia e a economia dos sistemas produtivos locais iriam buscar estas características no tipo de estrutura produtiva e nas formas de sociabilidade. A sociologia das redes buscaria estas características nas redes de relações existentes ou potenciais. A sociologia e a economia das instituições iriam buscar estas características nas formas de cooperação entre os agentes, a partir dos quais podem se estabelecer arranjos que as potencializem e favoreçam sua dinamização econômica. E a sociologia da economia como estrutura social buscaria, por fim, estas características nas formas de distribuição desigual das diferentes formas de capital e nas estratégias de reprodução social dos diferentes grupos locais.

As organizações devem observar elementos ambientais para que possam prosperar. Mintzberg (1976, p. 56) afirma que "a concepção que a empresa tem de como lidar com o ambiente por um período, está intimamente relacionada a um único decisor estratégico".

Nos estudos do empreendedorismo à nível social, pode-se verificar a influência da economia quando se trata do ambiente macro de atuação dos empreendedores. Blundel e Lockett (2011) afirmam que, ao longo dos anos, os

economistas desenvolveram duas amplas vertentes de pesquisa sobre empreendedorismo: a) uma vertente mais teórica e introspectiva que tenta especificar a função do ator empreendedor dentro das estruturas econômicas convencionais (ou seja, como conciliar o papel ativo do empresário com a "mão invisível" de mercado) e b) uma vertente mais política, orientada e voltada para o exterior, que analisa a relação entre atividade empresarial e o alcance de um maior crescimento econômico. De acordo com os autores, o empreendedorismo pode ser influenciado por decisões políticas anteriores, com algumas influências econômicas, sociais e culturais mais profundas.

A obra de Schumpeter, *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, publicada em 1912, continua sendo utilizada pelos estudiosos do empreendedorismo para defender a relevância do empreendedorismo no desenvolvimento econômico. Apesar de Schumpeter trazer como principal característica do empreendedor, a inovação, o trabalho dele é focado no resultado da ação empreendedora para a economia.

Mais recentemente e em sintonia com o que Schumpeter defendeu, Veiga (2001), Davidsson (2004), Julien (2010) evidenciam a relevância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico, pois seriam os empreendedores que gerariam valor, disseminando e aplicando inovações.

Com relação a influência da economia no ambiente empreendedor, destaca-se o relatório *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), que foi criado em 1997 com o propósito de investigar o relacionamento do empreendedorismo com o crescimento econômico entre as nações que aderiram à pesquisa. Com estas investigações, seria possível a implantação de políticas públicas que promovam a atividade empreendedora para, assim, alavancar o crescimento econômico. O Brasil, desde seu ingresso no rol de países participantes da pesquisa no ano 2000, tem ocupado posição de destaque ficando entre os países com população mais empreendedora. De acordo com os organizadores da pesquisa empreendedorismo é:

Qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento, como, por exemplo, a atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente. (GEM, 2012, p. 19).

Quanto às políticas governamentais de incentivo a empreendimentos, Audretsch *et al.* (2007); Huggins e Williams (2009) investigaram políticas governamentais para as Micro e Pequenas Empresas (MPE), e perceberam que tais políticas em geral buscam fortalecer a população existente de pequenas empresas, garantindo que estas sejam capazes de competir eficazmente contra as grandes empresas. As intervenções governamentais, segundo os autores, teriam frequentemente abordado "falhas de mercado" específicas que criam desvantagens para as pequenas empresas em relação aos seus homólogos maiores. Políticas de empreendedorismo tendem a ter um maior alcance e uma orientação de longo prazo (AUDRETSCH, BECKMAN, 2007) e, segundo os autores, se destinariam a promover a vitalidade empresarial, incluindo o incentivo de potenciais empreendedores e *start-ups* de novos empreendimentos. Minniti (2008) estudou políticas empreendedoras analisando distintos contextos institucionais quanto a recursos existentes e localização das organizações. A autora argumenta que:

Os esforços empresariais devem ser alocados às atividades produtivas e estratégias políticas. No que diz respeito ao empreendedorismo, precisam ser adaptados ao contexto institucional específico de cada região econômica, pois os ambientes necessários para o surgimento do empreendedorismo produtivo provavelmente diferem significativamente entre uma área rural, um cluster de alta tecnologia e uma área metropolitana. Portanto, o design político deve ter em conta as diferenças locais e se adaptar a diferentes escala e natureza dos recursos existentes, redes e recursos de mercado. Apesar dessa necessidade diversa, as políticas de empreendedorismo tendem a basear-se num punhado de ferramentas políticas. (p. 780-781)

Castells (1999) pode também ser incluído entre aqueles que atribuem ao empreendedorismo impacto sobre o desenvolvimento econômico. Ele analisou a diferença de gênero no empreendedorismo em distintas regiões. O autor afirma que dentre as transformações sociais de maior impacto na última década está o fim da família patriarcal, principalmente no ocidente. O desdobramento econômico desse fato traria consequências também para a demografia empreendedora, pois um número significativo de mulheres que se tornaram financeiramente independentes iniciaram empreendimentos próprios. Em estudos sobre atividade empreendedora na Finlândia, Japão, França, Dinamarca, Alemanha, Reino Unido, Israel, Canadá e Estados Unidos, os pesquisadores Reynolds, Hay e Camp (1999), caracterizaram diferentes níveis de atividade empreendedora nos países, sendo alto para Estados

Unidos, Canadá e Israel; médio para Itália e Reino Unido e baixo para Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha e Japão. Os autores identificaram seis fatores como responsáveis pelas variações encontradas no grau de empreendedorismo: oportunidade de mercado, capacidade de empreender, infraestrutura, demografia, educação e cultura. No que se refere especificamente ao aspecto demográfico, os autores encontraram como fatores críticos para verificação do nível de empreendedorismo: a estrutura de idade da população, o nível de participação das mulheres no processo empreendedor e o crescimento esperado da população.

Na prática, a linha divisória entre o indivíduo e o contexto social, muitas vezes é turva, pois o resultado de interações entre os indivíduos e seus contextos sociais pode gerar atividades econômicas (HOBBS, 1988; DOWN; REVELEY, 2004). Zafirovski (1999, p. 351) assinala que, "Empreendedorismo possui um caráter eminentemente social e está sujeito à operação de processos sociais concretos". O autor argumenta que, muitos aspectos do empreendedorismo têm uma dimensão específica da cultura. Portanto, não deveria-se simplesmente assumir que as motivações, preferências e valores das pessoas são similares, independentemente da sua origem social ou da cultura e das instituições em que atuam. Ainda segundo o autor, isso significaria fazer conexões entre o comportamento empreendedor em vários níveis, incluindo o indivíduo, organização e seu contexto social.

2.4 EMPREENDEDORISMO COMO CONFIGURAÇÃO

Apesar do empreendedorismo ser tema de investigação há muito tempo, pode-se afirmar que ele é complexo, dinâmico e de difícil definição (BLUNDEL; LOCKETT, 2011). Justamente pelo fenômeno ser abstrato, não é passível de visualização e, portanto, não deveria ser captado por meio de um único nível de análise. Estudos multinível poderiam fornecer explicações mais sofisticadas das atividades empresariais que levem em consideração a interação entre os processos a nível individual e outros níveis (organização e ambiente). Neste sentido, esta produção utilizará o significado de configuração dado por Miller (1987) e Meyer, Tsui e Hinings (1993), entendida como uma constelação multidimensional de características conceitualmente distintas que frequentemente ocorrem em conjunto ou ao mesmo tempo.

Neste sentido, e baseadas na teoria de estruturação de Giddens (1979), Jack e Anderson (2002), desenvolveram a concepção do empreendedorismo como um processo socioeconômico incrustado, no qual o empreendedor é visto como agente e o contexto, como estrutura. A partir desta percepção, pode-se compreender que o empreendedor está inserido no meio social e, com isso, torna-se parte da estrutura onde localiza-se seu empreendimento. Assim, o empreendedor pode utilizar recursos de diversas naturezas propiciados pelo ambiente. Para as autoras, empreendedorismo é mais do que um processo econômico, é um processo que se beneficia do contexto social que dá forma e cria os resultados da ação empreendedora.

William Gartner (1985) foi o primeiro a combinar as dimensões do indivíduo, ambiente, organização e processo distintamente, mas multidimensionalmente interligadas (COPE, 2005). Para Gartner o processo de criação de novos empreendimentos integra quatro grandes perspectivas na criação de novos empreendimentos, sendo estas: as características dos indivíduos, a organização criada por eles, o ambiente que está em torno do novo empreendimento e o processo pelo qual o novo empreendimento é iniciado.

Com relação a influência do ambiente na localização dos empreendimentos, Blundel e Lockett (2011) afirmam que a geografia desempenha um papel importante para explicar onde e como a atividade empreendedora ocorre. Os autores argumentam que "analisando a história, pode-se perceber como a geografia moldou a localização e a natureza das atividades. Por exemplo, indústrias metalúrgicas foram fundadas perto de depósitos minerais e centros comerciais cresceram ao lado de rios navegáveis" (p. 340). Os autores afirmam, portanto, que a geografia econômica também exerce uma poderosa influência na localização das empresas e, provavelmente, esta seja influenciada por uma série de fatores socioeconômicos, incluindo sua proximidade dos fornecedores, consumidores, mercados de trabalho, e da disponibilidade de infraestrutura física adequada para suportar o negócio. Ainda com relação a influência geográfica e cultural na atuação do empreendedorismo, pode-se citar a diferenciação entre empreendimentos urbanos e rurais.

No trabalho realizado por Gimenez, Ferreira e Ramos (2008), encontra-se uma proposta de abordagem da configuração empreendedora pelo qual os autores baseiam-se na possibilidade de identificação de atributos (próprio de um ser, objeto ou fenômeno), processos (descrição de etapas ou procedimentos executados) ou

resultados (entendimento das consequências) para identificar posições discretas da ação empreendedora ao longo de determinada dimensão. Portanto, seria possível interpretar e classificar ações empreendedoras quanto ao indivíduo, organização e ambiente (contexto) através dos modos de atuação multinível, levando-se a percepção de totalidades diversas do fenômeno empreendedor. A partir da proposta apresentada pelos autores, e a classificação utilizada em seu trabalho, é possível citar como exemplo a concepção da ação empreendedora em "empresas tradicionais de vida mediana" no qual estas teriam: a nível de indivíduo, características de baixa necessidade de realização, motivação por necessidade e controle da ação no indivíduo. Para a organização (empreendimento), o estado usual dessa configuração apresenta-se como: estágio de negócio estabelecido, tecnologia de domínio público e independência de grupo empresarial. Por fim, no contexto (social), a configuração da intensidade do clima competitivo seria favorável, com baixo dinamismo e baixa complexidade. (GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS, 2008)

Nesta seção pode-se verificar os estudos realizados quanto a configuração do empreendedorismo. A concepção do empreendedorismo como configuração é a análise do fenômeno que mais se aproxima da intenção do estudo proposto nesta produção. Isso porque a teoria da subjetividade é uma teoria configuracional.

2.5 EMPREENDEDORISMO FEMININO

Devido a proposição desta pesquisa quanto ao empreendedorismo como configuração, esta seção aprofundará a concepção sociológica do Empreendedorismo quanto ao gênero Feminino.

Os estudos sobre empreendedorismo que tratam de gênero ligam-se a tradição dos estudos sobre trabalho e gênero, e nos últimos anos têm se firmado também como norteadores de políticas públicas voltadas para mulheres que abrem seus próprios negócios. Machado e Gimenez (2000), afirmam que os estudos do tema atrelados ao gênero tem adquirido novos contornos, pois o número de mulheres que se tornam empreendedoras é hoje bem maior do que em décadas anteriores.

A comparação entre os dois sexos é feita, geralmente, sem levar em conta o modelo de negócio. A mulher se associa habitualmente a empresas menores, que crescem mais devagar e são menos rentáveis (FASCI; VALDEZ, 1998; HISRICH; BRUSH, 1984). As possibilidades que sustentam as diferenças seriam: uma maquiagem psicológica que é menos empresarial ou diferente à de um homem (FAGENSON, 1993); menos espírito empresarial ou menos motivação para o crescimento das suas empresas (FISCHER *et al.*, 1993); não ter experiência ou formação (BODEN; NUCCI, 2000); menos desejo de iniciar um negócio (MATTHEWS; MOSER, 1995); maior aversão ao risco; dificuldades nas aberturas de negócios e mesmo até precisar aulas de formação (NELSON, 1989). Os autores defensores deste estilo de discurso encontram grande parte das suas argumentações em diferenças estatisticamente significativas (mesmo às vezes muito pequenas) sem considerarem as similitudes e coincidências entre os dois sexos (AHL, 2002).

As investigações que analisam em termos gerais as motivações para empreender em atividades empresariais e a sua relação com o gênero, revelam que as mulheres podem ter interesses diferentes aos dos proprietários masculinos (BODEN; NUCCI, 2000; MARLOW *et al.*, 2009; WATSON; ROBINSON, 2003). Algumas destas motivações podem ser as posições prévias no mercado de trabalho, a obtenção do equilíbrio de responsabilidades profissionais e pessoais, a satisfação no trabalho, a independência e a autonomia. Alguns autores (MARLOW; STRANGE, 1994; IAKOVIDOU *et al.*, 2009) sugerem que este é um dos motivos pelos quais as mulheres podem apresentar preferências menores pela obtenção de resultados econômicos e podem dar início aos seus negócios só por questões de “estilo de vida”.

No trabalho de Eddleston e Powell (2012) foram examinadas empresas familiares e obtiveram como resultado que as teorias femininas retratam o empreendedorismo como um processo de gênero. Empreendedoras femininas tenderiam a nutrir a satisfação com um trabalho em família com sinergia. Enquanto que empreendedores masculinos, tenderiam a gostar do trabalho em família por obter o suporte da família em casa. Segundo Muir (1999), pode ser feita uma análise alternativa das motivações femininas ao empreendedorismo. O autor diferencia entre fatores *pull* ou positivos, derivados do desejo do indivíduo de mudar para uma

situação mais atraente, e os fatores negativos ou *push*, resultantes da necessidade do indivíduo de alterar uma situação que lhe é desagradável, sobrepondo-se à uma situação de insatisfação. Segundo o autor, mulheres sofreriam uma combinação de fatores *pull* e *push*, levando em consideração, em muitos casos, o alcance do autoemprego como alvo de crescimento pessoal, como base na decisão de empreender em atividades empresariais.

Estudos sobre as tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora são realizados em diversos países. Em pesquisa realizada no Brasil, Machado (1999) afirma que há um estilo próprio de gerenciar por parte das empreendedoras, pois há a combinação de características masculinas: iniciativa, coragem e determinação, com características femininas: sensibilidade, intuição e cooperação. Esse estilo, aliado à intensa dedicação ao trabalho por parte das mulheres empreendedoras, contribuiria para as altas taxas de sobrevivência de empresas geridas por mulheres. A autora afirma ainda que, na gestão conduzida por mulheres empreendedoras, há uma tendência em deixar os objetivos claros e difundidos entre todos na organização para que haja satisfação dos interesses de todos os envolvidos. Quanto à estratégia, as mulheres empreendedoras foram classificadas como inovativas e a busca da qualidade nos serviços prestados seria uma tendência no comportamento das mulheres empreendedoras. A autora ressalta ainda que há uma coerência entre a necessidade de realização e a oferta de serviços de qualidade, que contribuam para essa realização e que também agradem a todos os envolvidos. Quanto ao estilo de liderança, observou que haveria uma forte orientação dessas mulheres para as pessoas e não para as tarefas. Portanto, segundo a autora, as mulheres empreendedoras demonstram uma grande habilidade em lidar com recursos humanos. Na mesma linha de pesquisa, Greene *et al.* (2011) exploraram o quanto as características do estereótipo masculino podem influenciar as atitudes das mulheres no empreendedorismo. O trabalho desmente que o estereótipo masculino é obrigatório, pois mães empreendedoras poderiam influenciar como modelo positivo suas filhas a tornarem-se empreendedoras. Assim, também eventos significativos da vida (casamento, parentesco, educação e experiências gerenciais) influenciariam a possibilidade de serem empreendedoras.

No Reino Unido, Mukhtar (1998) analisou as diferenças de gênero em médias empresas do país e concluiu que haveria um ambiente comum no mundo dos negócios, mas que, a partir do estágio de formação, haveria diferenças entre o estilo de gerenciar conduzido por homens e o conduzido por mulheres. De acordo com o resultado de pesquisas em diversas localidades, a autora constatou que as empreendedoras, de uma maneira geral, possuem: bom nível educacional, idade entre 31 e 50 anos, modelos empreendedores de referência, coragem e senso de responsabilidade. Seriam ativas, persistentes e inclinadas a influenciar os outros. Quanto ao comportamento gerencial, estariam presentes os seguintes traços: objetivos claros e difundidos; estruturas simples, cooperativas e ágeis; comportamento inovador na formulação de estratégias; estilos de liderança cooperativo e integrador.

O estudo de Kanan (2010) evidencia que a dinâmica organizacional, no que diz respeito à participação da mulher em posições de liderança, estaria em processo de mudança, uma vez que a competitividade entre as organizações de trabalho e uma nova cultura que emerge no universo profissional passaram a caracterizar como ilógica a restrição da ascensão feminina em sua hierarquia. As novas configurações e organização da sociedade teriam contribuído para a consolidação de uma situação mais favorável do que contrária à liderança feminina.

Em trabalho sobre o processo de criação de empresas de mulheres, comparando-o com o dos homens, os autores Vale *et al.* (2011) concluíram que existem diferenciações tanto na natureza da imersão como na maneira como as mulheres utilizam as redes na construção de seus empreendimentos. As mulheres recorrem, relativamente mais, a laços que lhe são mais próximos, para informações e suporte do que os homens.

Alguns trabalhos, como os de Hisrich e Brush (1984), defendem a ideia de que as mulheres têm mais problemas para ampliarem o capital, como por exemplo, a falta de credibilidade ao tratar com entidades financeiras. Porém, o relatório faz referência às vantagens para o desenvolvimento dos negócios gerenciados por mulheres, já que estas exibiam, muitas vezes, maior habilidade para construir e conservar redes de relações duradouras, maior sensibilidade para necessidades do

seu âmbito e para diferenças culturais no campo de ação empresarial (IBQP/ GEM, 2003).

Neergaard e Thrane (2011) em sua pesquisa sobre o modelo Nórdico no empreendedorismo das mulheres da Dinamarca afirmam ter percebido que os empreendimentos destas mulheres não cresciam, pelo menos não de forma que seja estatisticamente de fácil mensuração. O resultado da pesquisa foi que a contribuição destes empreendimentos para o crescimento econômico não seria reconhecido pelo governo dinamarquês (não contratam novos funcionários e, portanto, não crescem nesta dimensão). Os lucros têm de ser compartilhados entre diversos negócios da mulher, conseqüentemente, embora o total seja o mesmo, o negócio cresceria apenas um pouco desde as medidas usuais de crescimento (número de empregados e volume de negócios).

Com o objetivo de identificar os elementos que permitem conhecer a subjetividade de mulheres empreendedoras, a pesquisa de Ferreira e Nogueira (2013) trouxe como resultado indicadores de que a configuração subjetiva do empreendedorismo para as mulheres estaria apoiada em sentidos subjetivos associados às suas trajetórias, ao contexto atual e à cultura dentro da qual a atividade é desenvolvida. Neste estudo, o empreendedorismo apareceu como uma característica individual que começa a ser constituída na infância. Porém, as empreendedoras se constituíam como tal ao longo de sua história, quando lidam com as condições adversas do mundo empresarial, tido como machista. Os autores afirmam ainda que a abertura da empresa seria um evento que marca fortemente a trajetória dessas mulheres, tendo uma natureza simbólica que atua como constituinte da subjetividade destas. Também observaram que há multiplicidade de papéis e a concorrência entre espaços sociais (família interfere na dinâmica dos negócios e vice-versa). Além disso, os pesquisadores afirmam que a forma como empreendem é delimitada pelas condições concretas em que viveram/vivem.

A partir dos trabalhos relatados, pode-se verificar que o campo de estudos do fenômeno empreendedor quanto ao gênero é amplo e está em constante evolução. Aqui foram relatados trabalhos com relação a políticas públicas e modelo de negócios dos empreendimentos femininos, os motivos pelos quais as mulheres criam seus empreendimentos, as formas de gestão da mulher por suas

características e comportamentos diferenciados, bem como a situação da mulher empreendedora no contexto social.

2.6 O CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DE ATUAÇÃO DAS EMPREENDEDORAS

As empreendedoras entrevistadas nesta pesquisa têm seus empreendimentos em áreas rurais e com atividades predominantemente rurais. Conhecer a história deste ambiente de atuação é relevante para compreender como o empreendedorismo ocorre no setor econômico e, assim, como isso afeta a configuração sócio-histórica dos sujeitos objeto desta pesquisa.

De acordo com Ferrão (2000, p. 46), historicamente, o mundo rural destaca-se por se organizar em torno de uma *tetralogia* de aspectos bem conhecida:

- uma *função* principal: a produção de alimentos;
- uma *atividade econômica* dominante: a agricultura;
- um *grupo social* de referência: a família camponesa, com modos de vida, valores e comportamentos próprios;
- um tipo de *paisagem* que reflete a conquista de equilíbrios entre as características naturais e o tipo de atividades humanas desenvolvidas.

Este mundo rural secular opõe-se claramente ao mundo urbano, marcado por funções, atividades, grupos sociais e paisagens não só distintos mas, mais do que isso, em grande medida construídos “contra” o mundo rural. Esta oposição tende a ser encarada como “natural” e, por isso, recorrentemente associada a relações de natureza simbiótica: campo e cidade são complementares e mantêm um relacionamento estável num contexto, por vezes aparente, marcado pelo equilíbrio e pela harmonia de conjunto.

Quanto ao Brasil, há fatos que parecem desabonar os produtores rurais e imprimir a eles certo estigma. Peres (2001, p.26) fala sobre a transformação histórica da sociedade rural no Brasil:

"O início do processo de retirada das populações do campo aconteceu antes da introdução da agricultura moderna (derivada do conhecimento científico). Ele começou como uma escolha político-social que caracterizou nossa sociedade na maior parte do século XX."

Para o autor, a origem da urbanização brasileira aconteceu nos anos vinte do século passado. Era crescente, na época, a ideia da necessidade de industrialização do Brasil que tinha seu Produto Interno Bruto (PIB) baseado na agricultura, em torno de 60% e cuja população estava concentrada na área rural - cerca de 80% -. No Governo Getúlio Vargas foram criadas as primeiras políticas públicas para a extração de recursos humanos e financeiros da agricultura para a indústria.

Basicamente tais políticas estavam para o autor, centradas em três práticas: i) subvalorização das taxas de câmbio; ii) taxação da exportação e; iii) tabelamento de preços dos produtos agrícolas. Para Peres (2001, p.27)

A nova orientação política inaugurada com a vitória do Movimento Tenentista e implementada por Getúlio Vargas foi muito eficiente na indução da transferência de recursos humanos do campo para as cidades. Pode-se citar dois instrumentos brilhantemente utilizados para conseguir esse propósito: (1) a introdução de uma atraente legislação social nas áreas urbanas do País e (2) o diferencial na qualidade entre os sistemas educacionais públicos rural e urbano.

Apesar de todas as críticas, o modelo parece ter alcançado os resultados esperados. Atualmente a população brasileira está concentrada em torno de grandes centros urbanos. No entanto, Peres (2001) alerta que o custo para isso foi o desenvolvimento de valores antirurais, fazendo com que a atividade fosse associada ao atraso. Isso porque a desvalorização do trabalho foi elemento importante para justificar as medidas adotadas. Nas palavras de Peres (2001, p. 29):

O problema de autoestima das populações rurais do País também deve ser, em parte, debitado à conta dos valores anti rurais da sociedade.(...) As políticas que moldaram a sociedade brasileira no século XX têm traços que precisam ser entendidos e considerados em ações que visam ao desenvolvimento sustentável. Os valores anti rurais da sociedade ainda hoje justificam a penalização do setor agrícola, transferindo rendas para os urbanos.

Assim, a visão que o brasileiro tem sobre as pessoas que moram nas áreas rurais é distorcida da realidade. Essa é a razão porque, até hoje, muitos produtores, moradores e trabalhadores rurais envergonhem-se de dizer que são da área rural.

Porém, de acordo com Alen (2004), a ruralidade brasileira não emerge nem se situa mais unicamente no campo. "A categoria *rural* tomou uma dimensão geográfica, social e simbólica imprecisa, até se tornar quase indefinida, graças ao caráter diluído e abrangente que tantos rituais, produtos e símbolos lhe conferem" (p. 96). Trata-se, então, de uma rede que compõe parte da vasta produção material e simbólica da indústria cultural, que recobre toda a sociedade e é promovida nas mais diversas instâncias de consagração das culturas hegemônicas de consumo. Através da mídia nacional, o ruralismo passou a ser visto como forma de ganhos financeiros, já que grande parte da população brasileira tem ligação com a área rural. Segundo Alen (2004):

Existe no Brasil, uma produção rural com agentes da produção simbólica, principalmente da publicitária, oferecendo práticas e símbolos da memória social da ruralidade brasileira, que definiam como folclore, mas que guardavam o potencial de *marcas* das culturas populares. Porém, tiveram que enfrentar o problema de certas marcas do caipira brasileiro, que foram fixadas por representações ambíguas, ora positivas, ora negativas, mas juntas, ambivalentes. Essa autenticidade estranha não parecia um apelo simbólico eficaz para vender identidades vencedoras. Era preciso, então, apropriar-se das representações favoráveis e transformar as desfavoráveis, reelaborando-as em uma nova síntese representativa. Certas imagens, como por exemplo algumas produzidas por Mazzaropi e algumas do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, se não comportassem reelaborações, estariam descartadas, como estão, nos rodeios em geral, as do caipira doente, fraco, estúpido, pouco empreendedor, enfim, as do perdedor. Mas os caipiras de Lobato e de Mazzaropi foram redimidos do estigma de perdedores quando curados pela ciência moderna (vermífugos) e quando eram matreiros para suplantar os inimigos da cidade. Então, sob certas condições e circunstâncias, também venciam. [...] Os componentes básicos da síntese apropriativa foram, então, o caipira matreiro e o heroico peão sertanejo brasileiro, que replicava o heroico *cowboy* norte-americano, em um poderoso jogo de espelhos. (p. 107)

A partir da nova imagem simbólica projetada, principalmente pela mídia nacional, o homem do campo passou a ser reconhecido e valorizado por sua condição heroica de sobrevivente. Hoje recebe um reconhecimento ainda maior por sua parcela de colaboração na economia do país sendo relevante para a economia e garantindo o superávit nacional.

De acordo com Peres (2009), nos últimos anos, observa-se, em grande parte do meio rural brasileiro, uma mudança do paradigma produtivo tradicional – baseado na agricultura familiar – para a agroindústria de exportação, sobretudo aquela baseada em monoculturas latifundiárias (soja, milho, algodão, etc.). Esta mudança, fortemente influenciada pela política neoliberal adotada no país desde a década de noventa, teria como objetivo principal o aumento da produtividade agrícola suportado pelo implemento de novas tecnologias de produção.

Um dos principais problemas relacionados as mudanças no paradigma produtivo rural é a migração, fenômeno que pode ser considerado, em nosso país, como reemergente, dada às novas dinâmicas migratórias observadas nos últimos vinte anos, principalmente no que diz respeito a grandes cadeias produtivas de monoculturas, como a soja, o milho e a cana-de-açúcar. (PERES, 2009, p.1997)

Veiga (2002) afirma que o ambiente de inserção econômico da agricultura estaria diretamente ligado a dois grandes segmentos tradicionalmente denominados "antes e depois da porteira". O primeiro segmento seria representado pelo setor de suprimento dos insumos utilizados dentro da porteira e, conforme o autor, caracteriza-se por uma estrutura de mercado constituída por poucos fornecedores que definem as regras do mercado global de fornecimento de insumos à atividade agropecuária. O segundo segmento, seria representado pelos agentes econômicos que dão suporte ao produto até a mesa do consumidor final, onde se destacam as empresas compradoras de *commodities* agrícolas as quais definem a estratégia e os preços a serem pagos aos produtores rurais. Entre os dois segmentos da cadeia do agronegócio estaria a agricultura e a pecuária.

Quanto a competitividade do agronegócio num perspectiva econômica, Miyazaki *et al.* (2005) afirmam que o crescente processo de globalização da economia e a abertura dos mercados ocorrida a partir dos anos de 1990, ajudaram a popularizar o conceito de agronegócio numa visão integradora da cadeia produtiva que gira em torno da produção agrícola, nem sempre levando em conta a qualidade de vida das comunidades. Os autores afirmam que, no horizonte competitivo observado no final de século XX e início do novo milênio, aumentam os desafios e perspectivas para novos empreendimentos, bem como o leque de novas exigências de gerenciamento da propriedade rural para que se tornem competitivas.

Sobre as dificuldades provenientes da localização de empresas na área rural Keeble (2003) em seus estudos na Europa, percebeu que as pequenas empresas localizadas em áreas rurais mais acessíveis tem desempenho melhor do que os seus homólogos nas áreas urbanas. Blundel e Lockett (2011) argumentam que existem desvantagens que impactam na competitividade que o proprietário-gerente de uma pequena empresa com sede na zona rural pode enfrentar:

- Os custos de entrega são maiores, devido à distância;
- O acesso à banda larga de maior velocidade é limitado, devido à localização remota;
- Os custos administrativos em conformidade com as regulamentações da indústria também são proporcionalmente mais elevados, devido ao tamanho da organização;
- Dificuldades para proteger a propriedade intelectual e os custos são mais elevados, em comparação com uma empresa maior, porque não se tem acesso a aconselhamento jurídico especializado. (BLUNDEL; LOCKETT, 2011, p. 394)

Segundo Veiga (2001) a redemocratização fez amadurecer dois projetos para o campo que agora colocam a sociedade brasileira diante de uma incômoda alternativa estratégica. O primeiro tem caráter setorial e visa maximizar a competitividade do chamado *agribusiness*. Por consequência, a missão de seu segmento primário – formado pela agricultura, pecuária, silvicultura e pesca – é a de minimizar custos de produção e transação de gêneros e matérias-primas que são transferidos para o segundo elo da cadeia, formado por indústrias de transformação, exportadores, atacadistas ou centrais de compras das redes de varejo. A corrida tecnológica exigida por essa necessária redução de custos impõe uma especialização das fazendas, que logo torna redundante a maior parte da mão de obra não qualificada. O segundo projeto visa maximizar as oportunidades de desenvolvimento humano em todas as mesorregiões rurais do território brasileiro, e no maior número possível de suas microrregiões rurais. Por isso, em vez da especialização, pretende diversificar as economias locais, a começar pela própria agropecuária. Também em termos de salubridade e de meio ambiente (duas das principais vantagens competitivas do século 21) esta agrodiversidade seria infinitamente superior à especialização.

Quanto a empresas rurais consideradas pequenas no Brasil apresentam-se aqui alguns apontamentos em uma pesquisa realizada por Canziani (2001) na qual destaca-se que a mão de obra é familiar e os produtos que formam a renda bruta anual seriam o milho (30%), feijão (30%), leite (25%), algodão (10%) e aveia (5%). Da produção total, a maioria seria vendida à comerciantes da região e o restante, consumido na própria propriedade. As receitas adquiridas seriam destinadas ao custeio familiar, ao pagamento de dívidas (adiantamentos) junto ao comércio varejista e fornecedores de insumos agrícolas, e a pequenos investimentos na propriedade. Os produtores de pequenas produções teriam como objetivos a manutenção do bem estar familiar e a ocupação da mão de obra familiar na propriedade. Assim, as estratégias adotadas por estes produtores privilegiariam a redução do risco e a estabilidade da renda. Todos os membros da família opinariam sobre as decisões estratégicas e realizariam serviços operacionais. Nessas pequenas empresas, a mão de obra familiar reside e trabalha em tempo integral na

propriedade, inclusive a mulher e as filhas maiores. Do tempo total de trabalho na propriedade, a mão de obra familiar responderia por mais de dois terços do total.

Veiga (2001) corrobora com a compreensão do que ocorre na economia familiar quando fala que:

A economia familiar costuma ser muito diversificada. E o mesmo dilema entre diversificação e especialização, que tanto marcou a evolução industrial, também se manifesta no âmbito territorial. Nos dois casos, a maior eficiência no uso dos recursos resulta da exploração inteligente do trio formado pelas economias de escala, pelas economias de escopo, e pelos custos de transação. [...] As vantagens que se pode obter com mais especialização ou mais diversificação advém das possíveis combinações desses três ingredientes. (VEIGA, 2001, p. 103)

Portanto, o que encontramos na área rural brasileira é que, apesar de existir ainda preconceito gerado por estigmas do passado, produtores rurais e suas famílias têm, cada vez mais, recebido crédito por suas conquistas sociais e econômicas. A partir desta percepção e sobre empreendedorismo rural realizado por mulheres, buscou-se empreendedoras rurais que fornecessem relatos de vida para a pesquisa ora realizada. Os dados obtidos são provenientes de mulheres dos estados do Paraná e Santa Catarina. Isso pode ajudar a demonstrar a realidade encontrada no sul do Brasil. Navarro (2001) menciona que, diferentemente das outras regiões do Brasil, os três estados do sul possuem produção agrícola relevante e em que predomina expressivo contingente de agricultores familiares. Tais famílias, em função dos processos de modernização agrícola, típicos do desenvolvimento agrário recente, integraram-se aos diferentes mercados e exercitam a transformação tecnológica em suas propriedades.

As gerações mais jovens de agricultores, inclusive, encontram-se atualmente imbuídas de uma racionalidade de gestão da propriedade que as aproxima muito mais do modelo do *farmer* norte-americano, que simboliza o pleno desenvolvimento do capitalismo agrário. Nesta região, uma política de reforma agrária perdeu inteiramente o seu significado histórico e, atualmente, seria muito mais demandada uma política de crédito fundiário associada ao financiamento de instalação de atividades produtivas para as famílias mais jovens recém constituídas. (NAVARRO, 2001, p. 93)

Navarro (2001) cita ainda que há políticas de crédito fundiário ao qual estariam associados sistemas de crédito para estimular a comercialização e a agroindustrialização de produtos agrícolas, bem como a criação de

empreendimentos intermunicipais responsáveis pelo escoamento das produções locais destinados à exportação. Além disso:

A profissionalização dos produtores, nesta região, parece ser a meta imediata e mais estratégica; as respostas seriam certamente rápidas, à luz das características sócio culturais e das mudanças econômicas e produtivas operadas no período recente. (NAVARRO, 2001, p. 93)

Miyazaki *et al.* (2005) destaca que há um grande número de agentes que fazem da atividade na área rural sua principal fonte de renda, mesmo sem tê-la escolhido. Pois:

De uma forma geral, a escolha pela atividade agrícola, dá-se mais por um processo de transmissão, que transcende gerações e tem uma forte vinculação que se denomina de afetividade em relação à terra. Ou seja, os agricultores de ontem eram os avós, os de hoje, os pais e os de amanhã, com uma grande probabilidade, serão os filhos. (p. 5)

Os mesmos autores afirmam ainda que este aspecto não tem mudado significativamente ao longo dos tempos para aqueles que continuam na atividade rural. O que tem se modificado, quer em termos da velocidade quer da intensidade, seriam as exigências sobre este agente no processo de decisão-ação na condução do negócio agropecuário.

As atividade do agronegócio distinguem-se das demais atividades econômicas em razão de suas características peculiares: ser exercida a céu aberto e, portanto, estar sujeita às influências climáticas de toda ordem; de uma forma geral, não estar em contato direto com o consumidor final; e, ainda, ser ou estar na condição de produtor rural, geralmente, não decorre de um processo de escolha do ramo de negócio, de forma análoga ao que acontece no meio urbano, pois a terra - o principal bem de produção na esmagadora maioria das vezes, é fruto do ato de legar, ou seja, passa de geração em geração, para potencializar o desenvolvimento rural. (MIYAZAKI *et al.*, 2005, p. 5)

A partir do exposto, pode-se verificar que o setor rural tem características próprias. Com relação a competitividade, o agronegócio está inserido num mercado de concorrência perfeita no qual, tanto fornecedores quanto compradores definem o valor dos produtos. No entanto, a produtividade rural é dependente direta dos fatores climáticos, o que traz um risco extra às atividades da área. Por estar distante dos

grande centros urbanos, os empreendimentos sofrem com os altos custos de financiamento e logística. No Brasil, o custo com transporte chega a 11,5% do PIB brasileiro, ou seja, 8,7% da receita líquida das empresas (ILOS, 2014).

Além disso, a grande maioria dos empreendimentos na área rural, conta com mão de obra familiar que, na maioria das vezes, reside nestas áreas que estão na família por gerações. Isto nem sempre traz ganhos financeiros, pois, apesar de manter a família na terra, nem sempre estas pessoas têm as competências necessárias para atuar em determinadas atividades.

O contexto econômico e social de atuação destas pessoas é criado e recriado a partir de suas histórias e de seu cotidiano como demonstra a letra da música "O Colono" de Teixerinha:

(...)
 O galo amiúda o canto
 É hora de ir levantando
 Enquanto ela faz o fogo
 Na mangueira estou lidando
 Tiro o leite da barrosa
 Na cozinha estou entrando
 A água já está quente
 O chimarrão vou tomando
 Depois o café com leite
 Pão de forno acompanhando
 Galinha frita e toucinho
 Na esposa dou um beijinho
 Pró lavoura vou cantando

Arvoredo muito grande
 Mil galinhas no terreiro
 Muitas vacas dando leite
 Muitos porcos no chiqueiro
 Feijão e milho plantado
 Há verduras no canteiro
 Água boa de vertente
 Na sombra do mamoneiro
 Fatura dentro de casa
 No bolso muito dinheiro
 Viver honrado e descente
 Da inveja a muita gente
 O colono brasileiro

Diante dos estudos apresentados e com o intuito de pesquisar a concepção sócio-histórica das mulheres empreendedoras no espaço rural, a próxima seção tratará do sujeito em uma concepção sócio-histórica para que se possa compreender melhor a constituição da subjetividade do empreendedorismo feminino na área rural.

2.7 CONCEPÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SUBJETIVIDADE

A concepção sócio-histórica de constituição do sujeito e subjetividade que será tratada neste trabalho vai de encontro com o nível individual do estudo do empreendedorismo visando a configuração empreendedora como nível amplo de estudo do fenômeno.

Optou-se por olhar o empreendedorismo feminino a partir da concepção sócio-histórica aprofundando a teoria da subjetividade de Vygotsky (1993, 1995). Portanto, utilizou-se a contribuição da visão de outros autores (GUATTARI, 1986, 1992; MARTINS, 1997; BAQUERO, 1998; SMOLKA, 2000; BERLIN, 2002; FONTANA, 2003; GOUVEIA, 2006; GONZÁLEZ-REY, 2003, 2005, 2007, 2010; FERREIRA e NOGUEIRA, 2013) embasando e norteando a presente pesquisa sobre a mulher empreendedora rural. O intuito desta produção pode ser descrito como sendo a verificação da constituição da subjetividade no contexto sócio-histórico; na relação entre pensamento e palavra – passando pelo significado; e no fato de que a constituição do sujeito se dá nas/pelas relações concretas da vida social.

Vygotsky (1995) apresenta como tese fundamental que a gênese das funções psicológicas está nas relações com o outro e com a cultura, sendo a constituição do funcionamento humano socialmente mediada, num curso de desenvolvimento que abrange evoluções e, sobretudo, revoluções. Na formação da consciência, Vygotsky (1993, 1995) ressalta a implicação de dois fatores: a internalização e a mediação.

Na visão de Martins (1997, p.120), o processo de internalização “caracteriza-se como uma aquisição social na qual, partindo do socialmente dado, processam-se opções que são feitas de acordo com nossas vivências e possibilidades de troca e interação”. Todavia, essa apropriação da cultura pelo indivíduo não acontece de forma passiva. Ao receber do meio social o significado convencional de um determinado conceito, o indivíduo interioriza-o e promove uma síntese pessoal. Esta, por sua vez, ocasiona transformações na própria forma de pensar.

O processo de internalização não é um processo de cópia da realidade externa; é um processo em cujo seio se desenvolve um plano interno de consciência, que é de natureza quase social (BAQUERO, 1998). Nesse processo de desenvolvimento tem-se a existência de dois planos – um externo e outro interno, o que faz com que toda função psíquica superior seja de início uma função social. Portanto, a relação indivíduo-sociedade é dialética e, assim, não se pode compreender o processo de formação psíquica pelas relações sociais, a não ser que se considere a produção simultânea de signos e sentidos, relacionada à constituição de sujeitos (SMOLKA, 2000). Como tais, os sujeitos são afetados de diferentes modos por signos e sentidos produzidos nas relações com os outros como também na história dessas relações. Segundo Baquero (1998), o processo de mediação implica o uso de ferramentas culturais, como a linguagem e outros meios, através dos quais o sujeito domina e se apropria dos conceitos, das ideias, das práticas, das competências e de todas as outras possíveis aprendizagens. Desse modo, a apropriação está relacionada a diferentes modos de participação nas práticas sociais e possibilidades de produção de sentido, o que nos leva a considerar que nem tudo que é transmitido torna-se necessariamente internalizado. Portanto, e de acordo com os autores, é nessas práticas, como relações significativas, que o sujeito se constitui. (SMOLKA, 2000; FONTANA, 2003).

Portanto, o ser humano emerge como indivíduo conforme vai imergindo na cultura e a sua singularidade vai sendo constituída nas/pelas relações sociais. Conforme dito, a atividade mental do homem – seu psiquismo – constitui-se na relação com o outro, apresentando essa relação social um caráter semiótico. (VYGOTSKY, 1995),

Para o autor e estudioso de Vygostky, González Rey (2007), não há uma internalização, porque nada do que acontece em nossas práticas se internaliza, pois acima delas nós produzimos, e essa produção, mesmo sendo resultado de nossas práticas e relações, não é um resultado linear, mas uma produção diferente, o que o autor chama de subjetividade. Da subjetividade "participam tanto as consequências dessas ações, que podem ter referentes não visíveis a partir das práticas atuais, como as configurações subjetivas que fazem parte da ação do sujeito, ou seja, aquelas que são fonte da produção subjetiva associada a essa ação." (GONZÁLEZ-REY, 2007, p. 173)

De acordo com Guattari (1986, 1992), a construção da subjetividade está alinhada com a ideia de que o sujeito é historicamente constituído, portanto, sua construção está vinculada ao contexto social, cultural, econômico e político em que está inserido. Sendo assim, a subjetividade não seria universal, atemporal ou natural. Para o autor, não só a dimensão cognitiva é formulada no meio social, mas também as dimensões volitivas, afetivas, perceptivas – entre tantas outras – da subjetividade se encontrariam modeladas neste contexto.

Corroborando com este entendimento Berlin (2002, p. 111) acredita que “as convicções dos homens na esfera da conduta são parte de sua concepção de si mesmos e dos outros como seres humanos; e essa concepção, por sua vez, consciente ou não, é intrínseca à sua visão do mundo”. Isso permite considerar que a questão da subjetividade traz consigo a questão da objetividade do mundo, não sinalizando oposição, mas continuidade e interdependência, visto que uma constitui a outra, uma necessita da outra.

Segundo Gouveia (2006), o empreendedorismo está imbuído de uma dinâmica cujas consequências refletem-se na organização do trabalho, no tipo de relações pessoais e profissionais que são estabelecidas, na “forma de se fazer negócios” e na vivência do empreendedor enquanto sujeito. Os modos de subjetivação ou de construção de estilos de vida ou de modos de existência destes sujeitos se reconfiguram. Entende-se por subjetividade, segundo este autor, esses modos de viver ou de existir que refletem a maneira como o sujeito sente, percebe, imagina, compreende, faz, trabalha, se submete, resiste, etc. Estes modos de viver são resultantes das combinações históricas, políticas, sociais e culturais das quais o sujeito faz parte.

Martins (1997) afirma que Vygotsky estabelece uma importante distinção entre significado e sentido, apresentando que aquilo que é convencionalmente estabelecido pelo social é o significado do signo linguístico, enquanto o sentido é o signo interpretado pelo sujeito histórico, dentro de seu tempo, espaço e contexto concreto de vida social. Portanto, a construção de significados e sentidos teria lugar num contexto de comunicação interpessoal. Esses processos seriam fortemente impregnados e orientados pelas formas culturais existentes nessa comunicação que sofrem constantes modificações.

González Rey (2007) afirma ter iniciado seu interesse pelas possibilidades de desenvolvimento da categoria sentido, a partir da obra de Vygotsky. O autor estudou o processo, aprofundando o percurso do desenvolvimento dessa categoria e percebendo sua significação para o desenvolvimento de uma teoria da subjetividade de base histórico-cultural. Nesse caminho definiu as categorias de sentido subjetivo e de configuração subjetiva (GONZÁLEZ-REY, 1995), sobre as quais trabalha até hoje numa nova definição do tema da subjetividade.

No trabalho de González Rey (2007, p. 170) encontram-se os seguintes argumentos:

A categoria de sentido subjetivo, diferenciando-se da categoria de sentido em Vygotsky, afasta-se da relação imediata sentido-palavra, da qual Vygotsky também começou a se afastar em seus últimos trabalhos (Vygotsky, 1984), mas sem se deter teoricamente nas consequências dessa separação em relação a sua própria teoria, para o qual, desafortunadamente, não dispôs de tempo de vida.

Para González Rey (2003, 2005, 2007, 2010), a subjetividade social perpassa a subjetividade individual e está representada no contexto no qual se organiza a subjetividade individual. Portanto, o indivíduo reproduziria as imposições do meio (produções sociais carregadas de sentido subjetivo que estão configuradas por processos emocionais e simbólicos produzidos nas mais diferentes esferas da sociedade) e também seria capaz de refletir sobre elas tornando-se sujeito da própria história ao elaborar imposições e criar o novo. Já a constituição histórica de espaços sociais produziria a subjetividade individual. Portanto, o sentido subjetivo seria o resultado de uma rede de eventos e de suas consequências colaterais, que se expressam em complexas produções psíquicas. Assim, a consideração da importância das práticas sociais de caráter simbólico leva a uma nova definição qualitativa da organização psíquica humana, que González Rey (2007) definiu como subjetividade. Para o autor subjetividade é:

Um sistema permanentemente em processo, mas com formas de organização que são difíceis de descrever e que, portanto, são epistemologicamente não acessíveis a descrição (...) A subjetividade é da ordem do constituído, mas representa uma forma de constituição que, por sua vez, é permanentemente reconstruída pelas ações dos sujeitos dentro dos diversos cenários sociais em que atua. (2009, p. 126)

Esta afirmação de González Rey, demonstra que existe uma limitação no estudo da subjetividade da mulher empreendedora, pois não se pode fazer uma descrição única e permanente do sujeito já que ocorrem reconstruções devido à mudança em suas ações de acordo com os cenários em que atua.

Os autores Ferreira e Nogueira (2013), evidenciam que o sentido subjetivo estaria na base da subjetividade individual e social, representando unidade e confrontação entre elas e configurando-se subjetivamente. Portanto, a subjetividade seria complexa e configurada por vias individuais e sociais, pois, os diversos espaços sociais e simbólicos, como a atividade empreendedora e a condição de gênero, participariam do processo de constituição da subjetividade.

As questões de gênero e atividade empreendedora estão inseridas nas questões sociais e significações e ressignificações no plano individual. Segundo Ferreira e Nogueira (2013), a reflexão individual e as diversas vias de subjetividade social colocaria para os indivíduos as representações sociais do que é ser mulher e empreendedora. Portanto, o ser mulher e o ser empreendedora seriam produções sociais configuradas a partir dos significados atribuídos pelo indivíduo que lhes confere sentido único.

3 METODOLOGIA

As escolhas feitas nesta seção têm estreita relação com o problema de pesquisa. A opção que se faz aqui é por uma pesquisa de caráter construtivo interpretativista do conhecimento.

Segundo Watzlawick (1994, p. 17) a abordagem interpretativista defende que:

A realidade supostamente encontrada é uma realidade inventada, ainda que seu inventor não tenha consciência de sua invenção, pois crê que tal realidade é independente dele e pode ser descoberta; a partir dessa invenção percebe o mundo e nele atua.

Corroborando com este pensamento, Weick (1995) afirma que quando as pessoas criam sentido para as coisas, elas leem nestas coisas aquilo que querem ver; revestem objetos e ações de significados subjetivos que as ajudam a tornar o mundo inteligível. Produzir sentido, então, é menos descoberta e mais criação, invenção.

Vygotsky (1993) faz do significado das palavras a unidade de análise de suas pesquisas, e a palavra, sendo um “microcosmo da consciência”, contém em seu significado a possibilidade de analisar as relações entre pensamento e linguagem, as quais caracterizam-se pela interdependência entre eles. O autor argumenta que linguagem e pensamento são processos de origens diferentes, distintas, todavia, possuem um mesmo traço – o social, e que o entrelaçamento deles alimenta as funções psíquicas superiores. Conforme Vygotsky (1993, p. 50):

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos.

Ao fazer referência ao pensamento, Vygotsky (1993) aponta uma interdependência entre linguagem e pensamento, pois, conforme a linguagem se

desenvolve, modifica-se o pensamento que, uma vez modificado, também interfere no desenvolvimento da linguagem. Este é um momento decisivo nessa relação, pois, a partir de um certo momento, a linguagem voltada para si afeta radicalmente a inteligência prática, ou seja, o pensamento, uma vez que esse instrumento semiótico é representado por vários signos, sendo a palavra o signo privilegiado da comunicação.

O espaço privilegiado da comunicação é condizente com a ideia de participação ativa que possuem, tanto pesquisador como pesquisado, em um processo de pesquisa. Por meio dela é que estes indivíduos tornam-se sujeitos, implicando-se no problema de pesquisa a partir de seus interesses, desejos e contradições. Não há a defesa da neutralidade na Epistemologia Qualitativa, pois a reflexão crítica e criativa é que vai permitir a superação dos princípios de estímulo-resposta presentes nas concepções de pesquisa de natureza positivista.

De acordo com González Rey (1999), numa pesquisa de perspectiva qualitativa, deve-se compreender o instrumento como um meio que serve para induzir a construção do sujeito. Assim, ele não constitui uma via direta para a produção de resultados finais, e sim um meio para a produção de indicadores, pois não se pode fazer uma descrição única e permanente do sujeito, já que ocorrem reconstruções devido à mudança em suas ações de acordo com os cenários em que atua.

O papel do pesquisador não consiste simplesmente em descrever a realidade, mas explicá-la, ser produtor de um conhecimento; a pesquisa deve ser vista como um processo "construtivo Interpretativo" (GONZÁLEZ-REY, 1999, p.39). O conhecimento é visto, portanto, como uma construção do pesquisador. Assim, a partir das falas/expressões do sujeito, caminha-se na busca da construção de um conhecimento que revele a realidade pesquisada, pois as falas do sujeito, mais que uma resposta ao estímulo apresentado, são construções que revelam a constituição histórica deste sujeito (AGUIAR, 2011).

Segundo Aguiar (2011), somente ao se levar em conta a realidade social pode-se explicar um movimento que é individual e ao mesmo tempo social/histórico. A tarefa do pesquisador consiste em apreender a forma como os sujeitos configuram

o social, um movimento que, sem dúvida, é individual, único e ao mesmo tempo histórico e social.

Quando recorre-se a algumas das categorias analíticas e metodológicas da Psicologia sócio histórica, criam-se condições para ultrapassar a simples descrição dos dados, estabelecendo relações que até então não haviam sido feitas, detecta-se a gênese de alguns fatos e afasta-se de explicações naturalizantes (AGUIAR; OZELLA, 2006). Para tanto, nesta pesquisa, recorreu-se a entrevistas com roteiros semi estruturados, onde as questões abordadas foram referentes a: autopercepção, percepção do empreendimento e relações sociais. Questões referentes a memória e as emoções foram utilizadas para auxiliar na auto reflexão das entrevistadas quanto às questões de interesse deste trabalho.

De acordo com Aguiar e Ozella (2006), a abordagem da Psicologia sócio histórica utiliza-se de procedimentos de análise de material qualitativo, visando apreender os sentidos que constituem o conteúdo do discurso dos sujeitos da pesquisa através dos núcleos de significação. Nesta pesquisa foram utilizados os núcleos de significação para fazer a análise de falas recorrentes nas entrevistas coletadas.

3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa proposto: *Como se dá a constituição subjetiva da mulher empreendedora rural*, enseja as perguntas de pesquisa que serão especificados no próximo item.

3.1.1 Perguntas de pesquisa

- Qual o contexto de atuação das empreendedoras?
- Quais as representações sociais da atividade empreendedora para as mulheres objeto da pesquisa?
- Qual o significado da atividade empreendedora para as mulheres objeto da pesquisa?

- Qual o significado de *ser mulher* para os sujeitos da pesquisa?
- Como está configurada a subjetividade da mulher empreendedora?

Em função das perguntas acima, propõe-se a análise das seguintes categorias analíticas.

3.1.2 Categorias

Considerando que o espaço do empreendimento é uma fonte essencial para o estudo de como os sujeitos concretos constituem a subjetividade social, especificam-se aqui as categorias que serão analisadas.

Com o intuito de compreender e problematizar criticamente o modo singular pelo qual a atividade empreendedora é experimentada pelas mulheres empreendedoras rurais, a categoria de gênero também estará sob análise. Considera-se aqui que gênero é uma construção social e histórica, mas que é subjetivado de forma única pelo indivíduo que o experimenta.

Para que haja coerência metodológica e teórica desta investigação as categorias são consideradas processos, sendo constituídas na medida em que são parcialmente apreendidas, possuindo inter relação entre elas.

As categorias teóricas predominantes utilizadas nesta pesquisa serão de autoria de González Rey: subjetividade, sentido subjetivo e configuração subjetiva.

- Subjetividade: é entendida como um sistema complexo, produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que, em ambos os momentos de sua produção, se reconheça sua gênese histórico-social. Portanto, não deve ser associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação, que pode ser tanto social como individual (GONZÁLEZ-REY, 2003).
- Sentido subjetivo: é a forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social se organizam numa dimensão emocional e simbólica, possibilitando ao homem e a seus distintos espaços sociais novas práticas que, em seus desdobramentos e nos processos emergentes, vão se

produzindo nesse caminho. Constituem o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, dentro dos novos contextos de organização social que, por sua vez, participam da definição desses processos e se transformam no curso dos mesmos (GONZÁLEZ-REY, 2007). Portanto, o sentido subjetivo está relacionado à definição de espaços simbólicos produzidos pelas representações sociais de gênero e do mundo de negócios, mas tais representações se alimentam de emoções singulares configuradas na história de cada sujeito (GONZÁLEZ-REY, 2010).

- Configuração subjetiva: organização de sentidos subjetivos. Ela representa um novo sistema em relação aos sentidos subjetivos, não é apenas um conjunto, mas uma nova forma ou aspecto formada pelos elementos de sentido subjetivo em que, ao mesmo tempo, apresentam aspectos intencionais e inconscientes (GONZÁLEZ-REY, 2010).

O sentido subjetivo e as configurações subjetivas são importantes, não apenas porque nos permitem compreender a ação individual em seu caráter sistêmico, aspiração associada de uma forma ou outra ao conceito de personalidade, mas é importante porque nos permite entender a sociedade numa nova dimensão, ou seja, em seu sistema de consequências sobre o homem e sobre a organização de seus diferentes espaços de vida social (GONZÁLEZ-REY, 2007)

3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Neste item, serão especificados os detalhes do desenho da pesquisa, informantes, delineamento do estudo, a perspectiva temporal, o nível e unidade de análise, os procedimentos de coleta e de análise dos dados.

3.2.1 Informantes

As informantes da presente pesquisa são seis mulheres empreendedoras rurais atuantes nos estados do Paraná e Santa Catarina. Por mulheres empreendedoras devem ser entendidas mulheres proprietárias de empresas e que sejam as principais tomadoras de decisão na esfera dos negócios.

A escolha das depoentes ocorreu aleatoriamente dentro de um grupo de mulheres que participou de cursos de administração e/ou empreendedorismo do SENAR, entidade de formação e promoção social na área rural.

O primeiro contato foi feito via telefone solicitando a entrevista e explicando o objetivo da pesquisa. Assim, foram agendadas as entrevistas únicas que duraram, em média, uma hora. Estas entrevistas foram realizadas entre os dias 21 de junho e 24 de agosto de 2014. Todos os depoimentos foram coletados em suas casas localizadas em seu empreendimento rural.

Foi solicitado a cada uma a assinatura do *Termo de Consentimento para Coleta de Dados em Pesquisa Científica* (ANEXO I) e, novamente, no momento da entrevista, explicado o objetivo da pesquisa e a garantia de anonimato. Todas as entrevistas foram gravadas e depois transcritas.

Os nomes das informantes da pesquisa foram alterados para resguardar suas identidades. A informante 1 será chamada de Joana, a segunda será Márcia, a terceira será designada de Gilda, a informante 4 será Sandra, a quinta será chamada de Cida e a informante 6 será Leonor.

3.2.2 Delineamento e etapas da pesquisa

A natureza desta pesquisa é qualitativa, e a perspectiva temporal é transversal com análise longitudinal. A unidade de análise é a mulher empreendedora rural que realiza suas atividades nos Estados do Paraná e Santa Catarina. A escolha das informantes pesquisadas foi feita de acordo com a conveniência ou julgamento, portanto não probabilística (COOPER; SCHINDLER, 2003).

3.2.3 Instrumentos de coleta dos dados

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram o roteiro básico de entrevista (anexo 2) e o complemento de frase (anexo 3).

A entrevista é uma técnica eminentemente qualitativa que objetiva entender como os sujeitos estudados vêem o mundo de forma a apreender a terminologia e os julgamentos que utilizam. O tipo de entrevista utilizado foi o roteiro semiestruturado,

no qual o entrevistador possui alguns tópicos que devem ser cobertos durante a entrevista. Esse tipo de entrevista fornece, tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado, ampla liberdade e, ao mesmo tempo, assegura que os temas relevantes sejam tratados (FONTANA; FREY, 2002).

O teste de complemento de frases foi utilizado como elemento auxiliar na coleta de dados. Isso é feito para facilitar expressões do sujeito e permitir uma construção mais ampla dos sentidos subjetivos e processos simbólicos que constituem a sua configuração subjetiva. É um instrumento de pesquisa recomendado por González Rey (2005) e caracteriza-se de proposição de início de uma frase, que são os indutores, que é complementada pelo respondente com aquilo que considera apropriado naquele momento. O pesquisador busca o contexto da informação no qual o conteúdo foi elaborado para auxiliar na construção do modelo de inteligibilidade das diferentes formas de expressão do sujeito em seus diferentes espaços sociais.

Os instrumentos utilizados foram adaptações dos modelos de Ferreira (2012, p. 155-157), Tóffolo (2002, p. 152-155) e Gouveia (2006, p. 151-153). Através destes instrumentos foi possível investigar aspectos como: representação social, memória e emoção.

3.2.4 Procedimentos de coleta dos dados

Foram realizadas seis entrevistas pelas quais, ao encontrar as depoentes em suas residências na área rural, procurou-se criar um ambiente favorável até perceber-se que estavam prontas para a entrevista. Então, utilizando-se dos questionários semi estruturados, procedeu-se a entrevista sendo gravadas para posterior transcrição e análise dos dados.

3.2.5 Procedimentos de análise dos dados

Para análise dos dados foram identificadas semelhanças e diferenças em relação às dimensões escolhidas para estudo. Considerando que nas entrevistas foi coletada a história de vida de cada empreendedora, tornou-se viável a utilização da técnica de história de vida, a fim de obter por intermédio dos depoimentos de cada

entrevistada novos detalhes sobre o mesmo acontecimento, utilizando-se das várias perspectivas das entrevistadas (FONTES, 2006).

Alguns estudiosos (GODOY, 1995; PAULILO, 1999) consideram esta técnica indispensável, principalmente na fase inicial da pesquisa, por possibilitar a exploração dos dados e fornecer certa flexibilidade em descobrir os dados mais relevantes e pertinentes ao trabalho científico. Na técnica de história de vida, o pesquisador pode captar as reações espontâneas das entrevistadas diante de certos acontecimentos e têm condições de fazer, através da entrevista, a reconstituição global da vida do indivíduo, tentando evidenciar aqueles aspectos em que está mais interessado (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 121). O indivíduo em estudo não é visto isoladamente, mas sim como um ser complexo possuidor de dimensões diferentes resultantes da interação e convívio social.

Nas entrevistas realizadas, foram utilizados os núcleos de significação, sendo, desta forma, possível apreender ou compreender como o sujeito se processa naquele momento, na medida em que se desdobra, pois na construção conjunta o sujeito também se transforma. O conteúdo obtido das entrevistas realizadas passaram por algumas etapas de procedimento de organização e análise do material levantado visando chegar aos núcleos de significação para se apreender os sentidos e a subjetividade das informantes (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Segundo Murta (2004) para se aproximar de uma apreensão mais global do sujeito, é necessária a articulação de todos os núcleos levantados. Em alguns casos, pela qualidade da informação obtida, num primeiro momento, a análise pode ficar mais circunscrita a aspectos da história do sujeito; entretanto, ao serem articulados com dados advindos da realidade social, cultural e com os outros núcleos, evidenciam-se outras determinações fundamentais, fazendo, inclusive, com que os dados adquiram outra qualidade. Partindo do pressuposto que a análise é construtiva e interpretativa, o procedimento para a apreensão dos indicadores dá-se da seguinte forma: após a transcrição, é realizada uma leitura superficial do material; em seguida, vão sendo levantados indicadores, ou seja, questões que se repetem, que, enfatizadas revelam envolvimento da entrevistada e que se mostram importantes, considerando o objetivo da pesquisa.

O levantamento e organização dos núcleos de significação já constitui um momento de análise, pois o ato de “recortar” é realizado a partir dos critérios propostos pelo pesquisador, e esses critérios são sempre escolhidos em função dos objetivos da pesquisa (MURTA, 2004), e “nunca são neutros” (OZELLA, 2003, p.114).

Conforme a proposta de González Rey (2002, 2005), o próprio pesquisador é também um instrumento de pesquisa, na medida em que sua subjetividade também se interpõe ao processo, pois é ele quem vai criar o modelo teórico de inteligibilidade sobre o tema da pesquisa.

O empírico não se separa da teoria. Nas palavras de González Rey: “As teorias existem no pensamento e na reflexão dos pesquisadores, sem os quais uma teoria se transforma em um conjunto de categorias estáticas e naturalizadas que impede o contato com os problemas a serem pesquisados” (2005, p. 31).

Os conjuntos de indicadores encontrados na fala das informantes formam hipóteses. Para González Rey (2010) tais hipóteses norteiam o pesquisador na constituição do sistema composto de informações, ideias e reflexões que estão na base do modelo teórico a ser criado.

González Rey (2005) diz que a elaboração do modelo teórico não pode ser circunscrita à descrição dos dados coletados, mas que seja construído a partir dos significados que aparecem na informação empírica.

A generalização a ser alcançada nos resultados da pesquisa não pode ser pareada com o tipo de generalização encontrada em pesquisas de cunho objetivista. Neste estudo, ela está associada à qualidade do modelo teórico “formado pelas hipóteses que vão se legitimando no curso da pesquisa, pelos sistemas de informação que ganham visibilidade” (GONZÁLEZ-REY, 2010).

4 CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

Nesta pesquisa estudou-se empreendedorismo e foi utilizada a teoria da subjetividade, na qual o contexto de inserção dos indivíduos afeta sua constituição subjetiva.

A metodologia, sugerida por González Rey (2005, p. 112), utilizada nesta pesquisa recomenda que seja elaborado um capítulo chamado “Construção da Informação”. Para o autor, não faz sentido a introdução de um capítulo que busque a "legitimação de acordo com critérios externos ao processo teórico diferenciado que caracteriza a congruência interna do modelo em desenvolvimento”

Aqui ocorre a interpretação do pesquisador, que não deve descrever a realidade e sim produzir uma noção acerca de tal realidade. A pesquisa deve ser um processo construtivo interpretativo, uma construção também do pesquisador (GONZÁLEZ-REY, 1999). Assim, parte-se das falas/expressões do sujeito, para se poder construir um conhecimento que demonstre a realidade pesquisada, pois as falas do sujeito, mais que uma resposta ao estímulo apresentado, são composições que revelam a sua construção histórica (AGUIAR, 2011).

Na análise do relato das empreendedoras, precisa ser considerada que toda a explanação é aberta, conflitiva e, portanto, sujeita a novas interpretações. Além disso, o relato das mulheres que fizeram parte da pesquisa está voltado às experiências que elas julgam significativas em relação ao empreendimento e sua atuação no mundo. Conforme a definição constitutiva escolhida, as mulheres pesquisadas foram declaradas empreendedoras rurais, por possuírem empreendimentos próprios em que desenvolvem atividades do setor rural. Foram apresentadas por elas, atividades paralelas que desenvolvem pois, em sua grande maioria, a empreendedora reside com sua família no empreendimento.

Optou-se por apresentar os dados a partir da idade das entrevistadas, da mais velha para a mais nova pois, possibilita a situacionalidade temporal das histórias e o reconhecimento de que essas mulheres são sujeitos da história inscrita em seu tempo. Assim, a sequencia de empreendedoras a ter sua entrevista

analisada à luz da subjetividade será Joana (66 anos), Márcia (55 anos), Gilda (54 anos), Sandra (51 anos), Cida (44 anos) e Leonor (32 anos).

As mulheres que proporcionaram informação para entender a realidade pesquisada aqui terão suas vidas contadas na próxima seção.

4.1 HISTÓRIA DAS MULHERES FOCO DA PESQUISA

A seguir serão mostradas seis narrativas que demonstram a história das mulheres que fizeram parte desta pesquisa. Esta narrativa não contém análise, ela servirá para auxiliar no entendimento das análises a serem realizadas posteriormente.

4.1.1 Joana

Joana é uma mulher de 66 anos, nascida em Teixeira Soares, Paraná. Seus pais sempre foram produtores rurais. Tem o ensino fundamental completo (8a série).

Teve uma infância muito humilde em que sua família sobrevivia de lavouras de subsistência e venda de folhas de erva-mate. Possuíam 8 alqueires de terra e eram em 7 irmãos (6 mulheres e 1 homem, o caçula). Joana era a filha mais velha e conta que, a cada 2 anos, nascia um de seus irmãos. Desde seus 6 anos Joana ajudava os pais na lavoura e a tirar leite das vacas. O leite, ela levava para vender na cidade. Quando o irmão caçula tinha 8 anos seus pais morreram e Joana precisou ajudar na criação de seus irmãos. Ela casou-se aos 18 anos pois "tratou de casar para cuida da vida".

Com a pequena herança de terra dos pais e uma estrebaria pequena decidiu se dedicar a atividade leiteira como seus irmãos depois que viu os irmãos tendo uma vida boa, com bons carros e todos os filhos se formando na faculdade. Então no lugar das lavouras passou a produzir silagem para o gado. Com isso foi conseguindo o capital para fazer a estrebaria nova e a sala de ordenha, sem precisar financiar.

Joana teve quatro filhos (hoje com 35, 44, 45, 46 anos) dos quais o mais novo com sua esposa e filhas, bem como uma filha com seu marido, residem e trabalham na propriedade com Joana. As outras filhas, também casadas, têm empreendimentos leiteiros e moram próximo de Joana, "não sinto saudades como outras mães".

A história do empreendedorismo de Joana começa quando seu marido transfere a administração da propriedade a ela, quando ele mesmo acha que não há condições de continuidade em função de dívidas que havia contraído. Conta que a propriedade foi à falência e hipotecada em 3º grau.

Depois que ele passou a ela a administração dos negócios, ela conseguiu pagar as dívidas e ainda pôde fazer investimentos. Quando tudo parecia estável novamente, seu marido caiu do telhado e veio a falecer. Isso até hoje parece emocioná-la. Na época, pensou até em vender tudo o que tinha e dividir toda a herança com os filhos. No entanto, pensou: "cada um vai ficar com tão pouco e todos vão acabar sofrendo". Então resolveu continuar e, com o tempo, foi conseguindo levar a vida e melhorar os negócios.

Aos poucos conseguiu comprar mais terras e está com 23 alqueires em 3 terrenos separados. No terreno onde reside, ficam as vacas, o estábulo novo com sala de ordenha e uma granja de suínos na qual produzem como integrados de uma empresa atuante na região. Nos outros dois terrenos, mais distantes, plantam silagem para alimentar o gado que é criado confinado por falta de espaço para pasto. O biodigestor foi um dos seus grandes investimentos na propriedade para captar as fezes do gado e dos suínos. O gás produzido é utilizado para cozinhar e esquentar a água utilizada na lavagem dos equipamentos da sala de ordenha e nos chuveiros.

Além da mão de obra da família, Joana conta com um funcionário que reside na propriedade e que trabalha principalmente com o gado leiteiro. Ela diz que gostaria de ter mais um funcionário, mas reclama da dificuldade em conseguir mão de obra na região.

Das atividades do dia a dia fala que o leite é tirado às 4:30 da manhã e no mesmo horário à tarde. Neste intervalo trata-se do gado, faz-se roçada, silagem, parto, cuidam dos porcos. Nos fins de semana e feriados a rotina não muda.

Um dos investimentos que faz periodicamente é a inseminação artificial com sêmen sexado (só nascem fêmeas) e de boa qualidade genética. Assim, as novilhas que nascem também podem ser vendidas por um bom preço.

Hoje Joana está com sério problema na córnea e está perdendo a visão. Isto a está deixando muito desanimada para o trabalho. Fica um pouco mais na cama de manhã mas dorme pouco, continua acordando de madrugada, no horário de tirar leite, apesar de não mais fazê-lo. Já não tem a horta, que era seu orgulho, porque

não consegue diferenciar as verduras do mato e porque cansa de ficar muito tempo abaixada. Joana conta que após todo o trabalho diário, ia dormir tarde porque tinha que limpar a casa e fazer comida para o dia seguinte. Não tinha diferença entre os dias de semana ou final de semana.

Joana tem um ótimo relacionamento com as entidades de classe como o sindicato rural, as cooperativas e o laticínio ao qual entrega o leite. A igreja é uma instituição importante na qual ela sempre participou ativamente. Fala com muito carinho dos vendedores de insumos que vão até sua casa e que ela os trata como de sua família (o tratamento é recíproco). Joana diz que esta reciprocidade de carinho facilita muito sua vida, pois com a falta de boa visão a vinda deles até sua casa também propicia suas compras e conhecimentos técnicos.

Ela participou de muitos cursos do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/PR) em Administração, Empreendedorismo, 5S, Mulher Atual, Panificação e derivados do leite, fez quase todos os cursos relacionados a atividade Leiteira e curso de Informática para administrar a propriedade no computador. Agora que não consegue trabalhar no computador, está pensando em ver se uma de suas netas começa a colocar tudo em planilhas no computador para continuar a gerir a propriedade, pois está sem ter quem o faça.

A intenção de Joana era vender os três terrenos separados e comprar um único maior, mas os vizinhos da região não querem vender áreas. Assim, poderia aproveitar melhor os pastos e produzir a silagem para as vacas num só lugar, isso reduziria muito os custos com transporte e mão de obra. Não sabe se seus filhos o farão no futuro, pois ela, com seu problema de visão, não tem muito mais ânimo para fazê-lo.

4.1.2 Márcia

Márcia é uma mulher casada, mãe de 3 filhos (um homem de 34 anos e duas mulheres, com 30 e 27 anos). É muito respeitada na cidade de Guarapuava-PR onde já ganhou prêmio de Mulher Empreendedora do município. Além disso, auxilia muitas pessoas através de entidades filantrópicas que participa como voluntária.

Nascida no interior de Guarapuava, foi morar na cidade quando tinha 2 anos de idade. Seu pai era tratorista e sua mãe era dona de casa. Fala que sempre teve uma família unida e humilde e que sua mãe sempre foi uma empreendedora. Diz

que fazia o dinheiro render, pois com um salário mínimo que seu pai ganhava, eles fizeram sua casa e sempre tiveram uma condição de vida boa, diz que ensinou aos filhos esse modo de vida empreendedor. Márcia teve 2 irmãos e fala que morava próximo de seus avós que sempre buscavam oportunidades, se arriscavam e faziam acontecer. Conta que seus avós venderam seu terreno no interior e fizeram casas para alugar na cidade.

Márcia sempre estudou em colégio público e cursou a faculdade particular de matemática, pois não existiam faculdades públicas. Pagou a faculdade por dois anos quando, então, a faculdade passou a ser pública. Diz que antes as escolas públicas eram referência de qualidade e que os professores eram respeitados, "o que não se vê mais hoje".

Quanto aos seus trabalhos, iniciou aos 16 anos como secretária da igreja de seu bairro, depois foi trabalhar num supermercado e aos 17 anos casou. Seu marido trabalhava num escritório de contabilidade e logo se formou em contabilidade.

Ela e o marido iniciaram a vida à dois com apenas uma casa (50% de herança dos pais do seu marido) e fizeram todo o patrimônio que possuem sozinhos, sem auxílio de outras pessoas da família. Diz que precisa-se pensar o que se quer alcançar e planejar o futuro, "lembrar sempre no dia de amanhã".

Márcia engravidou de seu primeiro filho e não trabalhou por um período, mas continuou a faculdade até sua conclusão. Quando seu filho tinha quase 3 anos eles foram morar em Rondônia, montaram um escritório de contabilidade e ela foi trabalhar no escritório com seu marido. Em Rondônia, engravidou de sua primeira filha mulher e ficaram por 3 anos morando lá. Estavam indo bem, mas voltaram para Guarapuava para cuidar de seu sogro que ficara doente (seu marido era filho único). Foi então que Márcia comprou terrenos e plantou os ervais que tem até hoje. Nesta época Márcia engravidou de sua segunda filha mulher. Todos os 3 filhos de Márcia se formaram em medicina no Rio de Janeiro.

Ela diz que, entre seus irmãos é a única empresária. Possui uma empresa de comercialização de produtos médico hospitalares, uma empresa de contabilidade e um empreendimento de produção de erva-mate onde tem 200 mil pés de erva. Lá são colhidas as folhas e vendidas para indústrias ervateiras da região.

Márcia comenta que na empresa de contabilidade ela já trabalhou muito mas hoje é só acionista e participa das reuniões com o seu marido, pois ele se aposentou da atividade e abriu a empresa para acionistas (hoje conta com 6 sócios

contadores). Ela diz que é um escritório de contabilidade referência na cidade e agora "só fica com a parte boa", retirando seu lucro mensal. Fala ainda que trabalhou e investiu muito para chegar neste ponto e que seu marido é um visionário por ter feito essas negociações com o escritório.

Quanto ao empreendimento da erva-mate, começou por incentivo do marido e, depois que decidiu iniciar o negócio, se dedicou ao máximo no plantio e na condução das mudas de erva. Hoje, 80% de sua renda vem da erva-mate e suas principais atividades neste empreendimento são a gestão dos funcionários e a negociação nas vendas.

Seu outro empreendimento iniciou depois que percebeu que havia um nicho de mercado para produtos médico hospitalares. Aí então, seu filho e seu marido resolveram ser sócios de Márcia e abriram a empresa. Além dos ganhos financeiros, ela queria poder ajudar os mais humildes com preços melhores para poder ajudar a sociedade, fazendo assim também um empreendimento social. Suas atividades nessa empresa são a gestão das pessoas e o apoio às demais atividades.

Márcia diz que sempre faz cursos para aperfeiçoar seus conhecimentos. O Sindicato Rural traz cursos do SENAR por meio do qual ela e o marido fizeram vários treinamentos como o Programa Empreendedor Rural e também o Empretec pelo Serviço Brasileiro de Assistência à Pequena e Micro Empresa (SEBRAE). Diz que esses cursos alavancaram sua vida. Foi um diferencial e a auxiliam na área de gestão.

Trabalha em média 4 horas por dia. Nos sábados, geralmente uma vez por mês, passa o dia verificando os ervais com o marido. Nos domingos nunca trabalha. Tira férias de alguns dias viajando várias vezes ao ano. Diz que férias faz parte do empreendedorismo. Procura viajar, sempre que possível, com os filhos, com o marido, e também viaja sozinha com as amigas. Fala que, somando todos os dias que viaja, dá mais de um mês de férias ao ano.

Além de seus empreendimentos, ela é voluntária em uma associação de auxílio a pessoas com câncer (ACOPEC), e lá também é mediadora dos problemas pois tem empatia com as pessoas. Há pouco tempo voltou a fazer parte do Conselho da Mulher Executiva de Guarapuava onde não participava há 10 anos. Diz que ficou espantada quando mais de 35 mulheres falaram sobre ela como um exemplo de vida a ser seguido, como empresária, voluntária comprometida com a sociedade de

Guarapuava, como esposa, mãe e avó. Diz que sempre busca cumprir com seus compromissos e que tem como valor principal a honestidade.

4.1.3 Gilda

Gilda é uma mulher de 54 anos, possui o ensino fundamental completo, é casada, dois filhos adultos que residem em outra região e não se interessam pelo negócio. Quanto a empreendedores na família diz que nunca teve, pois seu pai era ferroviário e sua mãe do lar. Diz não ter ninguém como exemplo de vida.

Nasceu no interior e foi morar na cidade com sete anos. Seu primeiro emprego foi de balconista de vendas de discos (LPs) com mais ou menos 15 anos. Com 16 anos casou-se e continuou trabalhando em vendas de porta em porta. Ainda trabalhou em todos os setores de um mercado e começou a plantar morango com o marido no terreno da mãe dele, o que fizeram por 12 anos. Gilda continuou trabalhando no mercado por mais um tempo até que as contas se regularizassem.

Em 1997 o marido se aposentou da Rede Ferroviária e queria morar no interior. Então ficaram por um ano procurando uma chácara para comprar e morar. Como eles tinham duas casas na cidade, trocaram uma delas pela propriedade onde moram hoje e fizeram os investimentos na propriedade com o dinheiro que haviam guardado.

Nos primeiros 4 anos plantaram morango até deixarem desta atividade há dois anos por causa do desgaste físico e problemas de coluna. Já no início também começaram a criar gado de corte comprando bezerros machos recém nascidos de leiteiros, criando por um tempo e vendendo para quem os engordava. Estão com o empreendimento rural há 12 anos.

Os trabalhos desenvolvidos na propriedade são a criação do gado, apicultura, piscicultura e erva-mate. Em todas as áreas ela trabalha junto com o marido e diz que gosta de trabalhar em todas as atividades da propriedade.

Gilda diz que trabalha mais ou menos das 8 as 17:30h com descanso para o almoço e no meio da tarde. Depois que termina o serviço com as atividades da propriedade, faz o serviço de dentro de casa. Nos finais de semana não trabalham tanto, só precisam dar comida para os terneiros e então conseguem sair mais de casa. Ela diz que conseguem tirar férias com o marido de mais ou menos 5 dias umas 6 vezes ao ano. Deixam alguém cuidando da propriedade para poderem viajar. Dessa maneira, dá mais ou menos 30 dias de férias no ano, porque ela diz

que quem tem propriedade rural não pode sair e ficar 30 dias de férias direto, tem que fazer assim.

Sua filha mora na outra casa que eles têm na cidade. Há 6 anos sua filha se formou em fisioterapia e há 2 anos abriu uma clínica com dois sócios, estão indo bem. Gilda e o marido também tem um rancho de pesca no Alagado em Cruz Machado em sociedade com amigos para pescar nos fins de semana.

Considera que tem uma boa qualidade de vida e compara com o passado que teve em sua infância, pois casou com 16 anos porque eram em 3 irmãos (um homem e duas mulheres), o pai não tinha condições de ajudar para ela estudar mais, então cursou até a 8ª série e resolveu casar para poder sair de casa e começar sua vida. Diz que antigamente tinha muita inflação, o valor das coisas mudava todo o dia. E agora as coisas melhoraram muito.

Pensa em se aposentar mas quer continuar trabalhando. Diz que aguarda e aproveita todas as oportunidades que aparecem. Gilda afirma que não tem medo de nada, pois o que for pra acontecer já está traçado.

Gilda participa ativamente do Sindicato Rural de Porto União no qual faz parte da diretoria e acredita ser muito importante ter amizade com políticos influentes da região para conseguir o que quer para ela e sua comunidade.

4.1.4 Sandra

Sandra tem 51 anos, é nascida na Lapa-PR, casada, mãe de dois filhos, uma mulher de 34 anos e um homem de 25 anos. Sua filha é casada, tem um filho e mora na cidade. Seu filho está noivo e mora em casa com os pais. Ele auxilia o pai nas lavouras que plantam em terras próprias e também arrendadas.

Sandra sempre morou na área rural onde auxiliava os pais nas lavouras que plantavam em terras arrendadas, pois não possuíam terras próprias. Eram em três irmãos e sempre tiveram uma vida considerada por ela como humilde. Em sua infância, Sandra estudou até a 2ª série e há cinco anos ela completou o ensino fundamental.

Diz que não há outros empreendedores em sua família e que tem seu pai como modelo de vida, pois ele a ensinou tudo que ela sabe hoje. Era uma pessoa correta, que levava tudo com honestidade e passou isso aos filhos. Ensinou a fazer as lavouras e a tocar a vida sem fazer dívidas. Sandra nunca trabalhou em outro

lugar que não fossem as lavouras. Iniciou muito pequena trabalhando na roça de seus pais.

Sandra diz que aprendeu a empreender devagar. No início, ela e o marido não tinham nada. Após quatro anos de casados compraram a terra onde moram e iniciaram sua lavoura própria. Aos poucos foram conseguindo comprar maquinários e contratar funcionário para darem conta do serviço. Tudo foi preciso aprender "na marra", por necessidade. Diz que no início não pensava que a propriedade fosse crescer tanto. Começaram com três alqueires de terra e hoje tem 45 alqueires próprios e ainda arrendam 160 alqueires para plantio das lavouras.

As atividades desenvolvidas na propriedade são as lavouras e a granja de matrizes de aves. As lavouras são o marido e o filho que administram, e o empreendimento que ela comanda é a granja.

O investimento na granja ocorreu através de um amigo ter indicado ser um bom negócio e ela entrou com o pedido de financiamento no banco para construção de 2 granjas hipotecando o terreno que ela e o marido haviam comprado. Mas essa dívida foi paga em seus primeiros 5 anos de funcionamento. Diz que trabalhou praticamente 5 anos sem ver dinheiro. Sempre ficava trabalhando e o que sobrava colocava na poupança porque pagava 48 mil reais por ano de prestação. As 2 granjas que foram financiadas tinham 1 ano de carência para pagar. Então nesse ano de carência juntou o dinheiro e fez mais uma granja. Este terceiro barracão ela pagou à vista.

A filha de Sandra quis começar a trabalhar junto na granja, mas não aguentou e saiu, porém continua recebendo salário como se estivesse trabalhando. Sandra tem 7 funcionários na granja e fala da dificuldade em consegui-los pois quando aprendem bem o trabalho encontram outro mais fácil e saem. Aí o proprietário fica no lugar daquele até encontrar outro e precisa ensinar tudo de novo e logo este também sai pois o trabalho é duro.

Faz dez anos que Sandra tem as granjas e as dívidas foram todas pagas. Porém precisará fazer nova dívida para automatizar a granja pois o dinheiro que tem guardado será utilizado na compra de um gerador, pois há falta energia elétrica constantemente na propriedade, o que causa perdas significativas na produção, e também investirá nos sistemas de forração, nebulização e de ventilação dos barracões.

Fará financiamento para compra dos ninhos automatizados e isso melhorará a qualidade do trabalho e do produto. Este investimento era exigido pela empresa com quem Sandra tem contrato de entrega da produção mas, ao mesmo tempo que é uma cobrança, ela entende ser necessário para que reduza a mão de obra e melhore o produto a ser entregue. Diminuindo a rotatividade de pessoal nas granjas também reduz-se a contaminação dos ovos e, com isso, melhora a remuneração por este produto.

Na maioria dos dias trabalha nas granjas uma média de 12 horas por dia (quando vai as 3:30 h da madrugada), nos outros poucos dias que vai as 7 h da manhã, trabalha 8 h por dia. O trabalho de Sandra ocorre tanto em dia da semana quanto nos finais de semana, mas espera trabalhar menos quando estiver tudo automatizado. Hoje não consegue tirar muitos dias de férias, geralmente 4 a 5 dias, e quando volta, fica triste, pois lembra que precisa trabalhar.

Sandra participa de entidades rurais como o sindicato e associação de avicultores. Diz que a associação auxilia muito, principalmente quanto à negociação de valores das despesas com insumos e com salários.

4.1.5 Cida

Cida é uma mulher de 44 anos, com dois filhos, uma menina de 19 e um menino de 16 anos. Está em seu segundo casamento e vive em Teixeira Soares-PR. É formada em agronomia com especialização em Proteção de Plantas.

Ela inicia sua história de vida falando que seu pai foi seu exemplo de vida. Conta que ele era catarinense e que, quando seu pai faleceu ele tinha quinze anos e precisou assumir a propriedade, cuidar da casa e de sua mãe. Quando chegou a idade de fazer vestibular, um irmão ficou cuidando da propriedade e ele foi para Curitiba e se formou em agronomia. Logo após a faculdade começou a trabalhar na Rede Ferroviária Federal. Então seu pai casou-se com sua mãe em Curitiba e foram morar em Ponta Grossa onde começou a arrendar terras em Ipiranga e Ortigueira para fazer suas lavouras. Depois, por volta de 1975, comprou uma área de terra bruta em Teixeira Soares. "Meu pai começou do zero, e fez tudo acontecer". Uns três anos depois, o irmão que cuidava das terras de Santa Catarina faleceu e ele vendeu aquela propriedade. Então, comprou mais um pedaço de terra ampliando a propriedade que já tinha em Teixeira Soares. Abriu as áreas brutas da propriedade e continuava trabalhando como ferroviário. "Ele empreendeu a todo o momento e

queria estar à frente nas tecnologias, inclusive foi um dos pioneiros do plantio direto no Paraná." Se aposentou da Rede Ferroviária aos 55 anos com uma aposentadoria proporcional para poder se dedicar à fazenda, Cida estava com uns quinze anos nesta época.

Ela foi criada na cidade de Ponta Grossa mas passava todos os fins de semana e férias na fazenda do pai em Teixeira Soares. Diz que, apesar de não ter luz, esgoto, água encanada, para ela foi uma época muito feliz. "São boas lembranças que as crianças de hoje não tem nem ideia". Sua mãe era professora primária e não se envolvia com os negócios do pai. Só cuidava da casa, dos filhos e lecionava para o primário. Cida é a mais velha de quatro irmãos (3 são agrônomos e 1 é administrador e contador). Ela diz ter feito agronomia porque sempre gostou. Diz que o pai conseguiu deixar o gosto pela agricultura em todos os filhos, sendo que três seguem a mesma profissão até hoje.

Cida iniciou a fazer negociações com 6-7 anos trocando uma bicicleta que não lhe servia mais por uma leitoa. Cruzou a leitoa e trocava os leitõezinhos por cabritos, depois foram cavalos, e assim por diante. Considera que seu primeiro trabalho, foi com mais ou menos 15 anos quando era responsável por vender as ovelhas da propriedade do pai.

Conheceu seu primeiro marido na faculdade de agronomia e casou-se aos 22 anos, logo após se formar. Foi morar na propriedade em Teixeira Soares e, com o maquinário que o pai lhe emprestava, fazia suas lavouras. Depois, foi comprando maquinário próprio e viveu só com o seu dinheiro.

Cida sempre teve o desejo de ter uma leiteria mas seu pai achava uma loucura, porém ela nunca desistiu da ideia. Diz que "não se pode ser imediatista e tudo tem sua hora." Apareceu a oportunidade de trocar 50 sacos de milho por 10 bezerrinhas de uma leiteria da região (Maria, outra entrevistada na pesquisa).

Ela teve seus dois filhos com o primeiro marido que, na época, dava sugestões para o desenvolvimento da propriedade mas a incompatibilidade de ideias não permitiu a continuidade do casamento. Após a morte do pai, ela ficou com a propriedade menor e a propriedade maior ficou com os demais irmãos e com sua mãe.

Seu irmão administrador tem um escritório de contabilidade na cidade de Ponta Grossa. Ele faz o cálculo dos impostos e dos caixas das fazendas de Cida e de seu irmão. O outro agrônomo mora e trabalha com consultoria no Mato Grosso. E

o outro irmão administra a outra propriedade que herdaram. Todos são empresários, nenhum deles é funcionário.

Cida conheceu seu marido atual há oito anos e há seis estão casados. Diz que eles são muito parceiros e que ela ganha tempo com ele, pois a ajuda muito na propriedade. Ele sempre foi agricultor e, apesar de ter apenas o ensino fundamental, adquiriu seus conhecimentos trabalhando na lavoura. Aprendeu com a vida humilde, nas observações da natureza e dos acontecimentos. Ele valoriza muito tudo o que eles têm hoje e se relacionam muito bem.

O filho de Cida mora em Ponta Grossa para estudar e a filha mora em Curitiba fazendo a faculdade de arquitetura. Seu filho quer ser agrônomo e trabalhar na propriedade. Ela diz que quer que o filho, depois de formado, vá trabalhar no mercado para adquirir mais aprendizados e, depois, se ainda quiser, vá trabalhar na propriedade com a família. Acredita que "não devemos colocar muitas expectativas nos filhos, devemos deixar eles aprenderem por si e viverem suas vidas, tomarem suas decisões".

Hoje a propriedade de Cida está 100% produtiva, respeitando a legislação ambiental com matas ciliares e os 20% de reserva legal. A leiteria já tem 16 anos e é um dos modelos na região. Diz que está sempre se atualizando, buscando inovar, ler, estudar e viajar em busca de novas tecnologias. Abre a propriedade para pesquisas e dias de campo.

Suas atividades na propriedade estão divididas entre as lavouras (milho, feijão, trigo, soja, aveia), as pastagens (azevém e aveia), o gado de leite e os ovinos. Além disso tem o trabalho no escritório de assessoria técnica e o sindicato rural no qual é presidente e organiza cursos técnicos para produtores e trabalhadores rurais da região.

Na propriedade ela faz as compras de insumos, monta as escalas de trabalhos dos funcionários, cobre folga de funcionários na leiteria, pagamento de contas e de funcionários, ajuda na pesagem e vacinação do gado. Diz que sempre procura estar junto nos momentos para verificar o desenvolvimento do gado. Além disso, faz vistorias nas lavouras e também nas pastagens para verificar quando pode trocar os animais de uma área e colocar em outra. Quanto a isto, fala que precisa dar mais autonomia aos seus funcionários, pois eles ficam aguardando ela dizer quando é o momento certo para isso. Sempre que possível leva seus

funcionários para viagens técnicas e proporciona cursos técnicos por meio do sindicato rural para que eles ampliem seus horizontes de conhecimento.

Trabalha em média 10 horas por dia, mas por vezes precisa cobrir o dia de um funcionário, então precisa acordar as 4 horas da manhã para tirar leite e pode ficar trabalhando umas 12 horas. Também trabalha nos fins de semana quando necessário, já que mora na propriedade e sempre tem o que fazer por lá. Mas tira folgas nos fins de semana e em alguns dias de semana de vez em quando, pois quando vai para Ponta Grossa ou Curitiba nas reuniões ou para fazer alguma coisa aproveita para visitar os filhos. Cida faz reuniões bimestrais com seus funcionários para mostrar o rendimento da propriedade, fazer elogios, motivar e fazer com que se sintam responsáveis pelo que acontece.

Cida também tem um escritório de consultoria agrônômica na cidade de Teixeira Soares e diz que vê com bons olhos ter dois novos agrônomos começando com escritório de agronomia, pois "o mercado precisa renovar" e ela precisa dar mais atenção à propriedade que está crescendo. Aos poucos quer ir deixando a assessoria e consultoria agrônômica.

Ela está há 14 anos na diretoria do sindicato rural do seu município e há 7 anos (3 gestões) é eleita presidente. Já está preparando uma pessoa para assumir a gestão do sindicato na próxima gestão pois acredita que é necessário haver mudança. É um jovem agrônomo que já está participando das comissões dentro da federação da agricultura do estado e obtendo conhecimentos para assumir o cargo. Diz que ela vai continuar na diretoria para auxiliar ao sindicato.

Quanto a férias, diz que nunca tirou um mês de férias como os funcionários tem. Mas acredita que não iria gostar. Ela programa seu tempo para tirar uma a duas semanas em viagem com os filhos ou com o marido durante o ano. É difícil conseguir tirar férias no verão por causa das atividades na propriedade. Mas consegue viajar e tranquilizar a cabeça dos problemas da propriedade. Faz viagens técnicas internacionais pela Federação da Agricultura do Estado do Paraná, na qual fica, em média duas semanas, e diz que, além da aprendizagem técnica, são férias, pois vê muitos lugares e culturas diferentes.

Ela divide seu tempo em: família (25%), fazenda (25%), sindicato (20%) e escritório (30%). Diz que o que toma mais de seu tempo é o escritório de assessoria pois precisa ser pessoal, não pode delegar, enquanto na propriedade, delega muitas atividades aos seus funcionários.

4.1.6 Leonor

Leonor é uma mulher de 32 anos, solteira e que mora na propriedade rural em Matos Costa-SC com sua mãe. Seus avós vieram da Alemanha e foram morar no Rio Grande do Sul, para depois ir para Santa Catarina.

Conta que seus pais iniciaram o empreendimento que ela administra hoje porque seu pai recebeu a herança do sogro. Fala que "naquela época somente o homem podia ter bens em seu nome e a mulher para tudo precisava de autorização do marido. Hoje as coisas melhoraram, ficou tudo igual."

Seu pai iniciou várias atividades diferentes ao longo do tempo. Sempre tiveram vacas de leite, faziam o queijo e manteiga para vender e trocar na cidade por material para fazer sua casa.

Incentivados por técnicos, que depois não deram assistência técnica, iniciaram a produção de maçãs. Porém sem assistência e mercado para venda, tiveram muito prejuízo e pararam com esta atividade. Por muitos anos tiveram a produção leiteira, porém Leonor ficou doente e a família precisou vender as vacas para fazer o tratamento dela em Curitiba.

Depois iniciaram a criação de porcos, mas, quando verificaram que estava dando prejuízo, também pararam. Então, plantaram alho, novamente incentivados por técnicos da Epagri, e não conseguiam vender. Plantaram tabaco por muito tempo e transportavam seu fumo e dos vizinhos fazendo frete.

Depois montaram uma serraria, mas após um acidente com tora e um de seus irmãos falecer, tudo foi vendido. Seu pai se aposentou como produtor rural e sua mãe, que era professora, também se aposentou na mesma época. O outro irmão tem um caminhão e faz frete até hoje.

Leonor conta que, três anos após terminar o 2o grau, começou a faculdade de Turismo para incentivar e levar uma prima tetraplégica para ir à faculdade fazer o curso de Secretariado Executivo. Nesta época começou a ganhar seu próprio dinheiro pois, nas idas e vindas para faculdade, dirigia o transporte levando os alunos. Ainda durante a faculdade, fazia estágio remunerado. Leonor e sua prima se formaram em 2007. Seu Trabalho de Conclusão de Curso foi voltado para empreendimentos de turismo rural na propriedade de seu pai. No mesmo ano de sua formatura Leonor fez uma Especialização em Joinville de Turismo Rural e Desenvolvimento Territorial.

Ela não gostava da cidade e queria continuar vivendo na área rural e com uma atividade turística, deixaria a propriedade sustentável e auxiliaria também os moradores da região.

Após concluir a especialização, começou a vender os produtos da propriedade rural na feira de produtos orgânicos aos sábados na Estação (divisa entre Porto União e União da Vitória). Faz cinco anos que vende diversos produtos como, massas, frutas, verduras, compotas, conservas, geleias, ... Tudo produzido na propriedade por ela e sua mãe. Seu pai faleceu há um ano e Leonor ficou administrando tudo.

Ela já fez mais de 30 cursos do Senar. Há quase dois anos cursou o Programa Empreendedor Rural o qual ampliou sua visão e percebeu o leque de possibilidades que tinha para ampliar suas possibilidades de renda. Aprendeu a colocar todos os custos e receitas em planilhas e está verificando o que é rentável e o que não vale a pena continuar produzindo.

Leonor construiu um salão para eventos com banheiros masculino e feminino e também três quartos para receber turistas. Fez de sua propriedade uma Pousada na qual consegue trabalhar com o turismo recebendo grupos para passar o dia com almoço, café colonial e fazendo eventos.

Há mais ou menos um ano fechou um contrato de entrega de verduras semi processadas com um mercado de Porto União. São verduras como cebolinha verde e salsinha que ela planta na propriedade, corta e embala com rótulo. Também está vendendo para o mercado uma embalagem com produtos para sopa (batata, mandioca, chuchu, couve-flor, brócolis,...) tudo descascado e cortado em embalagem rotulada. Diz que está agregando valor ao produto com o seu trabalho. Iniciou a venda de verduras e legumes picados para o mercado aproveitando uma oportunidade que surgiu quando da desistência de outra produtora.

Então, as atividades que Leonor desenvolve na propriedade são a lavoura de milho (para fazer silagem para as vacas), produção de frutas e verduras, criação de vaca leiteira, porcos, galinhas e os peixes, tudo destinado pra consumo da família e para feira.

O peixe já tem destino certo, pois há uma Associação em Porto União que negocia a venda para pesque-pague e o restante vai para o abatedouro que a empresa tem. Quanto às frutas que produzem, todas são utilizadas para as compotas e geleias (uva, morango, pera, maçã, cítricos). Para a venda na feira, que

ocorre nas manhãs de sábado, os preparativos já iniciam na sexta cedo, com o feitiço de cucas, pães, bolachas, massas congeladas, etc. Também as verduras, que Leonor aproveita para levar no sábado para entregar no mercado, são semi processadas e embaladas na sexta-feira.

Trabalha de 12 a 14 horas por dia e no sábado acorda mais cedo ainda, 4:30 horas da manhã. No domingo, após tirar o leite e fazer o serviço essencial da propriedade, como alimentar os animais, descansa. Porém, quando tem que atender grupo de turistas ou eventos no domingo não tem descanso.

Consegue tirar mais ou menos uma semana de férias ao ano e tira também alguns dias para cursos pois tem o irmão e vizinhos que podem ajudar na propriedade quando necessário.

Participa da diretoria de várias entidades, é líder da comunidade e acredita que as pessoas a colocam lá por ela ter um pouco mais de conhecimento, ter boa vontade, correr atrás das coisas e achar tempo pra tudo. Leonor é quem traz os cursos do Senar e de outras entidades para serem ministrados na comunidade. Também, sempre que possível, leva as pessoas da comunidade à palestras e visitas técnicas.

4.2 CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DAS MULHERES

Parece relevante destacar a diferença entre as mulheres pesquisadas. Nas histórias de vida relatadas acima, pode-se perceber que a empreendedora Joana teve sua história mais longa, difícil de ser condensada, provavelmente por ser a de maior idade e, conseqüentemente, possuir maior experiência de vida.

Outra questão interessante a ser mencionada é que uma delas se destacou por não possuir laços afetivos com a propriedade rural. Márcia, vive na cidade, os filhos não tem relação com a terra, ela possui também empresas urbanas e não há relacionamento mais aproximado com a terra. A opção dela pela aquisição de área rural para iniciar a atividade de erva mate parece ter sido feita muito mais com base nos ganhos econômicos do que na relação de afetividade com o empreendimento rural. O adjetivo de rural para ela parece ser somente uma contingência. Isso não desabona sua condição de empreendedora, já que o presente trabalho definiu as mulheres empreendedoras rurais sendo entendidas como mulheres proprietárias de

empresa rural e principais tomadoras de decisão na esfera dos negócios. Portanto, as falas de Márcia tem tanta relevância nesta pesquisa quanto das demais empreendedoras entrevistadas. Possibilitando, inclusive, a verificação de possíveis diferenciações por viver em meio diferenciado das demais e poder apresentar uma visão diferenciada do contexto.

A partir da análise das entrevistas foram identificados três núcleos de significação comuns: Empreendimento e Família; Tempo; e Autopercepção. Apesar desta divisão, não se pode considerar que estes elementos apareçam de forma isolada, isso porque a subjetividade é um "sistema complexo, produzido de forma simultânea no nível social e individual, [...] não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação" (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 197).

Assim, cada núcleo de significação aparecerá permeado pelo contexto sócio-histórico destas mulheres. Para tanto, serão analisados os núcleos de significação surgidos a partir das falas e das histórias de vida narradas contando com a transcrição literal das entrevistas.

4.2.1 Empreendimento e Família

Embora as atividades rurais estejam sujeitas às regras de mercado, como qualquer outra atividade econômica, é suposto também que a empresa rural desempenhe um papel adicional de realização pessoal (ou familiar) do indivíduo (ou grupo) que a dirige (CELLA; PERES, 2002).

A análise do sucesso de um empreendimento rural deve extrapolar a simples noção de maximização do lucro nas atividades desenvolvidas, conjugando elementos subjetivos como a necessidade de realização dos desejos e aspirações do empresário, pois envolve elementos como o convívio familiar e social, a autonomia decisória e o reconhecimento comunitário. (p. 49)

Exemplos deste pensamento estão nas falas de Joana quando diz que: "Aqui é louco de bom, trabalhando juntos. Eu não tenho essa saudade que mães têm dos filhos, eu não. [...] Queria ter sucesso ainda e queria ter vida alegre com a família. [...] Pedindo uma saúde melhor, boa, paz, união com a família também pra gente poder ir em frente, continuar com o sucesso que estamos tendo."

Também Gilda comenta que: "[...] a gente com a família tem que se dar super bem para a gente conquistar as coisas né? Tem que estar sempre unida."

E ainda Sandra fala: "Você veja que pra você tocar você tem que ter um bom equilíbrio emocional, uma garra. [...] Força de vontade. Se você tiver família desanimada. Você larga a mão."

Cella e Peres (2002) afirmam que deveria se ressaltar a importância e o papel da família na condução das atividades administrativas, pois um produtor de sucesso seria capaz de absorver ou envolver a mão de obra familiar na atividade produtiva ou de envolvê-la com aspectos relacionados ao planejamento e/ou gerenciamento dos negócios. Além disso, um bom produtor seria capaz de promover um bom padrão de vida aos familiares, mesmo sem a necessidade do envolvimento deles com a atividade agropecuária. O envolvimento com assuntos comunitários e o reconhecimento social daí derivado também foram mencionados pelos autores como parte do sucesso empresarial, bem como a vocação para exercer a atividade agropecuária ou para o trabalho com a terra e a preservação do meio ambiente.

Nos relatos de algumas das empreendedoras, aparece a participação ativa como líderes e exemplos em suas comunidades. Márcia, por exemplo, relata que:

[...] eu fui essa semana, na verdade eu voltei para um lugar que é o conselho da mulher executiva, e o que, foi assim, quando eu cheguei lá acho que umas 35 mulheres estavam lá e eu fazia acho que 10 anos que tinha participado porque eu estava participando (como voluntária) da ACOPEC (Associação do Centro Oeste Paranaense de Estudos e Combate ao Câncer). E quando eu cheguei lá as mulheres, o pessoal, o que eles falaram de mim, sabe, assim e eu fiquei boba de como eles pensam não só de mim mas como da minha família, sabe? Como exemplo de, principalmente assim, de compromisso, de comprometimento com a sociedade, de comprometimento com o próximo, com a cidade. Então eu fiquei assim, eh, como nós, bem dizer, eu acho como uma boa empreendedora, como uma boa mulher, boa esposa, mãe, avó agora, sabe?

Já a empreendedora Cida comenta:

Ah, na diretoria do sindicato rural eu já tô há uns quatorze anos, mas como presidente eu estou na terceira gestão, sete anos. Mas eu já estou preparando uma pessoa para a próxima, porque tem que ter mudança. Apesar de eu já falar para a pessoa que eu vou continuar ajudando, trabalhando, mas só para dar oportunidade para outras pessoas fazerem. E também sangue novo também, de novo, tem que ter né.

Leonor fala sobre sua atuação na comunidade onde vive:

Eu creio que eles me veem assim, não digo todos, mas alguns talvez me veem como... não como um exemplo, mas eu creio assim que, como eu que organizo os cursos e corro atrás do pessoal pra juntar turma... Eu sou presidente da comunidade. Nossa! [...] Mas eu era demais. Tudo que era diretoria eu tava. Sabe? Então eu vejo assim que eu acho que não é aquela pessoa que não tem o que fazer, que sempre tá lá. Sabe? Mas é por ter demais coisa pra fazer eu acho. [...] Mas você tem mais conhecimento. De repente assim as pessoas têm um pouco de receio, um pouco de medo. De assumir os riscos. [...] A gente tem que dá a cara a tapa. Não pode ter medo. Alguém tem que assumir. [...] E com isso a gente aprende mais ainda. Cada vez aprende mais. Eu vejo assim. Essas coisas assim um aprendizado.

A representação social destas mulheres aparece a partir de suas falas, pelas quais pode-se perceber que elas têm alto nível de comprometimento com a sociedade, conhecimento empírico e vontade de aprender, coragem para enfrentar os desafios e assumir os riscos. Estas qualificações podem ser motivos que levam as mulheres rurais a serem empreendedoras em suas propriedades.

Com objetivo de investigar quais são as principais características ou fatores que descrevem um produtor rural de sucesso, do ponto de vista da administração rural, Cella e Peres (2002) identificaram os atributos mais valorizados. Em suas conclusões afirmam que:

Apesar de destacada em teoria como um dos fatores que contribui positivamente para a obtenção de resultados técnicos e econômicos, a capacitação do administrador rural depende fundamentalmente do exercício da atividade gerencial dele. Pouco contribui o conhecimento teórico sobre administração, se considerado isoladamente; a competência envolve, também, as habilidades e atitudes diante das decisões a serem tomadas. Ela pode ser definida, então, como as qualificações decorrentes do conhecimento que o administrador tem sobre suas atribuições, aptidões e habilidades. (p.50)

Estas mulheres demonstram suas habilidades, aptidões e conhecimento tanto para auxiliar no bem estar da comunidade em que estão inseridas, como para administrar seu empreendimento rural. Quanto ao envolvimento da família na gestão do empreendimento, pode-se afirmar que a maioria dos empreendimentos rurais são continuidade de atividades e/ou terras dos ancestrais a partir de herança. As famílias das empreendedoras vivem na e da terra, sendo também a mão de obra principal do empreendimento. Portanto, empreendimento e família são um só e a sucessão familiar é algo que ocorre naturalmente na área rural.

Porém, apesar de se verificar que, para essas mulheres, ter sucesso no empreendimento é ter qualidade de vida familiar, percebem-se algumas

contradições entre liberdade e igualdade da mulher empreendedora. Pressupõe-se que o que é bom para o conjunto dos membros da família é necessariamente bom para a mulher. Isto se reforça pelo fato de que o conceito de “agricultura familiar” implica em uma visão, senão totalmente harmônica da família rural, pelo menos baseada na ideia de que os conflitos entre os cônjuges, e entre estes e seus filhos, podem ser resolvidos sem extrapolar a esfera doméstica. Porém, há uma questão fortemente enraizada na tradição patriarcal que tem a ver com a herança da terra.

Segundo Paulilo e Schmidt (2003) haveria, principalmente nas antigas regiões de colonização italiana e alemã (caso da atual pesquisa), um padrão a respeito da sucessão nas propriedades rurais. Esse padrão comportaria variações e exceções mas são principalmente os filhos homens que herdavam a terra enquanto as mulheres se tornam agricultoras por casamento. As mulheres só receberiam herança quando o casal não teria descendência masculina ou quando uma filha casada cuida dos pais até que eles morram. Além disso, o padrão de herança igualitária pode surgir quando a terra não tem mais importância como meio de produção para os filhos ou quando os pais têm propriedades grandes. O que importa a perceber é que, se for preciso excluir alguém, as mulheres são as primeiras a serem escolhidas. Elas são consideradas como “filhas ou esposas de agricultor”. Também quando a terra pertence à mulher por herança, seria o marido considerado o responsável.

O autor complementa dizendo que nem todos os filhos homens herdariam terra quando a propriedade fosse pequena, mas haveria um mecanismo de compensação no qual os filhos não herdeiros receberiam apoio para estudar até adquirir uma profissão ou os pais lhes dariam “um comecinho de vida”, ou seja, capital para começar algum pequeno negócio. A compensação para as mulheres era o dote por ocasião do casamento (roupas de cama e mesa para a casa, uma máquina de costura, uma vaca de leite ou uma porca e a festa do casamento). Quando a compensação para os não herdeiros era feita em dinheiro, em geral as mulheres recebiam uma parcela menor que a dos homens.

Pode-se verificar a ocorrência destes fatos no relato de algumas das entrevistadas. Leonor, por exemplo diz que:

Quando meus pais casaram o meu avô cedeu 10 alqueires para meu pai. A filha era minha mãe, mas quem recebia a herança era o marido. Não era a

mulher. [...] Naquele tempo era o marido que tinha que ser dono das terras. Por isso que eu digo que hoje mudou. Hoje não importa se tá no seu nome ou do seu marido. [...] Era tudo no nome do homem. Mudou bastante. [...] E era tudo assim. Mulher não podia votar. Não podia fazer isso. Não podia nem ir na igreja. Não podia ir. Não podia nem chegar no altar. Tudo era essas coisas, quem mandava era o homem.

Sobre o início de seu empreendimento, a empreendedora Joana conta que: "A terra é herança dos pais. É, o começo. Depois a estrebaria também, o estábulo lá, eu tirava leite aqui nessa pequenininha, daqui a gente construiu lá."

Cida, mesmo tendo outros irmãos homens, conta que:

Daí depois, meu pai faleceu em 2003, mas apesar de ele ter falecido, não mudou muito, porque ele já tinha me dado a propriedade para eu cuidar, porque quando eu casei a primeira vez, essa área tinha 20 hectares, um pouquinho de carneiro e um gadinho, umas cabeças de gado e ele deu, "olha, agora você pode cuidar, se vira", então a gente formou a fazenda nesses últimos 20 anos.

Nestes últimos relatos verifica-se que já existiu mudança na forma de receber a herança dos pais. Isso demonstra a realidade que se encontra nos últimos anos, em que as mulheres conquistaram mais espaço e que a visão patriarcal sofreu algumas alterações.

Assim como nos empreendimentos rurais, nas sociedades pré-industriais a família e o trabalho eram espaços entrelaçados, fato que unificava, em um mesmo espaço social, a administração dos eventos estritamente familiares e a da atividade produtiva e profissional. A abordagem conceitual dominante adotada pelos estudiosos concebia a família e o negócio como dois sistemas em competição pelo poder e pelo controle da organização: dois sistemas, um racional, outro emocional, que deveriam ser separados para a obtenção de negócios bem ordenados e eficientes (FLETCHER, 2000). O pressuposto de que as organizações familiares não são sempre eficientes e empreendedoras levou a uma perspectiva dualística (FLETCHER, 2000) que situava, em pontos extremos, duas supostas modalidades de organização: a familiar e a empreendedora. Kanter (1989) afirma que o controle e a influência familiar são melhores quando isolados do local de trabalho e, com o tempo, esta forma de conceber a administração domina, o que seriam as práticas organizacionais. Kotcy (2005) e Silva (2004) demonstraram que as empresas familiares seriam mais propensas a enfrentar problemas financeiros e de gestão em comparação com as empresas não familiares. Isto porque, em muitas empresas

familiares, os empresários seriam colocados sob pressão para dar emprego e recursos imediatos e prolongados para sua família. Estes laços familiares resultariam em um membro da família ser empregado tendo ou não as habilidades, experiências e conhecimentos que o empresário necessitaria. Isto poderia ocasionar uma empresa menos capaz de lidar com os problemas do dia a dia, ao contrário de empresas que recrutariam com base na capacidade.

De acordo com pesquisa realizada por Mussi, Teixeira e Massukado (2008), a visão dos herdeiros é de que a empresa familiar é um sistema, pois tanto a gestão, quanto a família e a figura do fundador constituem elementos de influência recursiva.

Colbari (2000, 2002), afirma que a família tem importância no desenvolvimento do espírito empreendedor que impulsiona a afirmação da atividade empresarial. O amplo conhecimento das atividades desenvolvidas e o despreparo para atuar em outras áreas/setores seria um dos motivos da continuidade do empreendimento rural pois, na maioria dos casos, as pessoas envolvidas são afetadas pela baixa escolaridade e/ou tem formação específica para a área em que atuam. Miyazaki *et al.* (2005, p. 4) afirmam que "o agente de transformação da realidade socioeconômica no campo é o produtor rural. É ele(a) quem fará o uso das tecnologias disponíveis no processo de gerenciamento das atividades exploradas na propriedade rural".

Em seus relatos, as empreendedoras falam diversas vezes sobre a forma de gestão e de empreender em suas propriedades. Márcia, por exemplo, diz que: "Empreendedorismo é você fazer do 1 real, 10 reais, 100 reais, 50 reais, fazer assim. A gente pode fazer muito, muita coisa com pouco. [...] meus filhos sempre eduquei assim para eles serem empreendedores."

Já a empreendedora Gilda fala que:

A gente se sente melhor porque a gente está trabalhando no negócio da gente. Porque veja bem, se você não tem as coisas para trabalhar, para fazer, você vai fazer o quê? Então você tem o teu, a sua propriedade para adquirir as coisas. [...] dinheiro é importante para a gente, tudo que a gente, para tudo é o dinheiro. Por isso você tem que produzir as coisas, vender para ter o dinheiro para conseguir as coisas.

Cida afirma que:

Hoje, eu digo para você, espero que não seja a melhor fase, mas eu estou em uma fase bem tranquila. Como eu disse antes, alcancei metas, agora estou indo para novas metas, então eu estou muito feliz agora. A gente está em uma fase bem tranquila também, financeira. É esse sentimento que eu estou tendo agora.

Quanto ao significado da atividade empreendedora, o empreendimento aparece para estas mulheres como um motivo de orgulho e preocupação pois é deste que depende o sustento e a qualidade de vida da família. Pelo fato da família estar envolvida e depender diretamente do empreendimento, a necessidade as faz continuar na área e nas atividades anteriores até a percepção de novas oportunidades e a possibilidade de aumento no lucro obtido.

De acordo com as teorias de Shumpeter e Karl Marx, o empreendedor é aquele que está inserido em uma lógica capitalista. Portanto, há a necessidade de se obter lucro, o que ocorre principalmente pela constante busca de inovações. No setor rural esta inovação é vista como a busca por tecnologias pré existentes, sendo um investimento em recursos financeiros que podem gerar mais sucesso e, conseqüentemente, lucro para a empresa. As entrevistadas afirmaram que a inovação é importante para obtenção de lucro e, conseqüentemente, manutenção do empreendimento e da família.

Leonor afirma em seu relato que: "[...] você vê de repente que tem uma coisa que possa te dar lucro também. Se tá dentro da tua possibilidade você inova. Você pode fazer também."

Sandra diz estar inovando sempre:

Então você veja bem, todo ano tem uma reforma. Todo ano você está fazendo coisas para melhor. Porque não tem como você ter uma propriedade e ficar parada, sempre vai mudando para tornar o serviço melhor para se trabalhar. [...] Inovando cada vez mais. Você faz dívida, mas melhora a qualidade do trabalho. Você veja bem, agora se eu colocar ninho automático ali, a qualidade do trabalho vai ficar muito bom. [...] Mais leve. Além de ficar a qualidade do trabalho boa para você trabalhar, vai melhorar a qualidade do produto também.

Já Cida comenta sobre o empreendedor se autorreferenciando quando diz que:

E o empreendedor inova né. [...] Dentro da nossa área. Que nem agora, a gente está adquirindo uma máquina que tem medição eletrônica, é uma

máquina com (software). Na área agrícola também (gps), a agricultura de precisão e tudo que está sendo lançado de moderno na agricultura a gente procura fazer, começando devagar para ir entendendo o negócio.

Márcia também afirma estar inovando constantemente:

Eu inovo bastante. Eu gosto sempre de mudança, de ver o que, que está, eh, sempre procuro estar melhorando. Isso já é uma inovação, colocar, fazer cursos, treinamentos. Eu acho que já é uma inovação, dentro da erva mate a gente sempre procurou inovar.

Sobre inovação e melhoria da propriedade, Gilda diz que:

Vamos, sempre vamos atrás de coisas novas. [...] Porque a gente não pode regredir nas coisas, ficar no passado. A gente tem que sempre ir para frente. Então por isso que a gente tem que pegar coisas novas. [...] então a gente vai tentar procurar, vai atrás para ver, porque se o outro está gabando que a propriedade dele está indo para frente, por que a propriedade da gente não pode ir também? [...] A gente vai atrás de técnicos para dar orientação para a gente."

Joana contribui neste sentido falando das inovações adotadas em sua propriedade leiteira: "É, tudo sêmen sexado (só nascem fêmeas), eles não fazem sêmen sexado de qualidade ruim. Tem qualidade genética."

4.2.2 Tempo

González Rey (2005) afirma que os resultados decorrentes de uma pesquisa não podem ser circunscritos à descrição dos dados coletados, mas sim construídos a partir dos significados que aparecem na informação empírica. Portanto, um dos achados nesta pesquisa apareceu através da queixa recorrente das empreendedoras com relação a falta de tempo.

O problema do equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal reflete uma incompatibilidade entre as demandas do papel do trabalho e as demandas do papel da família. O tipo mais frequente de conflito entre trabalho e família ocorre quando as demandas por tempo de um papel tornam difícil ou impossível participar integralmente do outro (PARASURAMAN; GREENHAUS, 1997).

Antunes (1996, p. 283) afirma que "o tempo que sobra da atividade produtiva, para a classe que vive do trabalho é contado como um tempo do descanso, do lazer, do cuidado consigo mesmo, isto é, da reconstituição de cada pessoa como força de trabalho". Afirma ainda que a duração dessa "sobra" é fruto de processos históricos,

de transformações nas relações sociais entre capital e trabalho. Esta duração não seria igual em todo lugar, nem para todos os trabalhadores.

Segundo Dedecca (2008, p. 282) o uso do tempo relaciona-se à gestão de diversos processos sociais e econômicos que fazem parte de nossa vida, mas nem sempre são decididos por nós, pois "mesmo aqueles sobre os quais temos poder de decisão, é preciso levar em conta as restrições decorrentes dos demais processos". Portanto, tem-se pouca autonomia sobre a decisão da maioria dos processos que ocupam nosso dia, conseqüentemente, sobre o tempo que estes processos consomem. As pessoas subordinam-se a eles organizando-os dentro de limites estritos sobre os quais não tem poder de decisão.

Quanto ao lazer, Lefebvre (1958) afirma que esta questão não pode ser vista como dissociada da lógica do trabalho produtivo, nem reduzida a uma simples relação como, por exemplo, entre o domingo e os outros dias da semana, representados como exteriores e somente diferentes uns dos outros. De acordo com o autor, o lazer não se separa do trabalho:

O mesmo homem repousa, relaxa ou se ocupa, a sua maneira, depois do trabalho. Cada semana, o sábado, o domingo, pertencem ao lazer, com a regularidade do trabalho quotidiano. Tem-se então que considerar uma unidade — trabalho-lazer —, porque esta unidade existe, e cada um tenta programar sua parte de tempo disponível em função do seu trabalho — e do que não o é (LEFEBVRE, 1958, p. 38).

Essas contradições são oriundas da forma do desenvolvimento capitalista que produziu historicamente uma vida cotidiana em que o tempo social que conta, ou seja, o uso do tempo que tem valor, é aquele empregado na produção de mercadoria, gerador de mais-valia, porque a noção de valor está diretamente vinculada ao valor de troca que caracteriza a mercadoria. Desse modo, portanto, tem um sentido mercantil, restrito a essa relação, pois, como ressalta Carrasco, "em nossas sociedades capitalistas atuais, a organização do tempo social vem determinada fundamentalmente pelo tempo do trabalho mercantil" (CARRASCO, 2005, p. 52).

Segundo Durán (2008),

posto que o tempo — diferentemente do dinheiro — é um recurso irremediavelmente limitado, não renovável, nem suscetível de 'desenvolvimento' a adoção de um outro modelo de espaço/tempo pela

população tem um valor de definição política de primeira ordem (DURÁN, 2008, p. 135).

A apropriação do tempo de trabalho é uma dimensão fundante e permanente da sociabilidade capitalista, “tempo como medida que se impõe por excelência na primeira sociedade industrial, a partir dos aportes de Marx, que utiliza o uso do tempo para fixar a equivalência entre tempo de trabalho (jornada laboral) e preço (salário)” (TURNS, 2002, p. 141). Segundo a autora, as demandas e lutas por redução da jornada de trabalho que não questionam o modelo de temporalidade subjacente poderiam ser tomadas como uma aceitação do modelo dominante, pois “o binômio tempo-dinheiro preside a atual organização socioprodutiva que vai acompanhada por representações simbólicas herdadas do ideal de maximizar e quantificar os usos do tempo.” (TURNS, 2002, p. 141)

Genericamente, tem-se um dia semanal de descanso, que deveria ser um período de autonomia individual quanto a utilização das 24 horas que se possui. Por outro lado, a flexibilidade que as novas tecnologias geraram com relação ao local de trabalho e as atividades econômicas, fez com que a utilização do tempo se dê em local não definido e em qualquer tempo. Isso, na área rural, é ainda mais visível pois a residência do empreendedor e sua família, bem como em diversos casos, de toda mão de obra necessária às atividades, está localizada no próprio empreendimento. Essa situação obscurece a fronteira entre trabalho e família/lazer.

Na vida cotidiana está a tensão entre a alienação e a desalienação (ANTUNES, 2000), e também as tensões de natureza prática entre as atividades produtivas, reprodutivas e as possibilidades de deslocamento para outras esferas da vida social. Na composição "Funeral da mulher presente", José Athanásio Borges Pinto afirma que a mulher rural dedica seu tempo, sua vida à produção e à família:

Mal desponta a aurora clareando os campos
por esses exílios de confins e fundos,
lá se encontram elas desde que amanhece,
abrindo as janelas dos seus próprios mundos

Junto a seus maridos repartindo anseios
preparando vergas pra semear a vida
vão parindo filhos e plantando sonhos
e gastando os dias nessa dura lida

Consumindo os anos, calejando as ânsias
percebendo o tempo que jamais recua
elas vão sonhando terras prometidas

e um ranchito lindo sob a luz da lua

Muitas vezes, elas deixam esses sonhos
para encher as vilas de desilusão
e parir de novo novos retirantes
e perder as filhas e viver em vão

A vassoura, a enxada, o fogão, a cama,
o sabão na tábua, roupas no varal
filharada chora, e o marido chama
e se vão os dias da mulher rural.

Com relação ao trabalho das mulheres, em uma concepção geral, pode-se dizer que a jornada de trabalho que caracteriza a jornada feminina compreende duas práticas de trabalho diferentes, com lógicas diferentes: trabalho produtivo, regido pelos interesses do capital, e reprodutivo, para suprir as necessidades de manutenção cotidiana da vida humana.

Se, historicamente, instituiu-se na sociedade capitalista a divisão sexual do trabalho que atribui às mulheres as tarefas domésticas e aos homens as atividades produtivas, na prática, sempre houve mulheres que estiveram tanto na esfera da produção como na esfera da reprodução, enquanto os homens se mantiveram, até hoje, pelo menos enquanto maioria, apenas na esfera da produção. O trabalho doméstico continua sendo uma atribuição majoritária das mulheres e a participação dos homens se faz em tarefas específicas e não fundamentais na manutenção das necessidades reprodutivas no cotidiano.

Para Delphy (2002), quem se beneficia da exploração que se realiza através do trabalho doméstico “ganha tempo” em termos de horas de trabalho, pois não precisa usar o seu próprio tempo para fazer um trabalho que atenda a suas necessidades (DELPHY, 2002, p. 71). Nesta forma de exploração há, portanto, uma apropriação do tempo de trabalho das mulheres, e os homens são beneficiários diretos nessa relação que se constitui como uma base do sistema de poder patriarcal. A autora afirma ainda que a dominação/exploração no trabalho doméstico, que se faz através da apropriação do tempo de trabalho das mulheres, é uma exploração da capacidade de trabalho, da criatividade e do afeto.

Provavelmente esteja aí a causa da ampla reclamação da falta de tempo para si por parte das mulheres empreendedoras entrevistadas. O trabalho destas mulheres não se restringe às atividades econômicas, produtivas e gerenciais do

empreendimento, mas também aos afazeres domésticos que estas mulheres têm dentro de casa e ao cuidado com os filhos e o marido. Portanto, o equilíbrio entre trabalho e família é um gerador de conflitos para mulheres empreendedoras. De acordo com Barbosa *et al.* (2011) empreendedoras apresentam maior dificuldade para dividir o tempo entre as atividades da empresa e o papel de mãe, visto que precisam dedicar mais de dez horas diárias ao negócio.

Sobre a dupla jornada da mulher, a empreendedora Joana conta que:

Às vezes é mais apurado, que às vezes quero ir na igreja, e daí me apuro desde cedo para ver se dá tempo de ir e voltar, é uma horinha, e às vezes a gente não tem esse tempo." [...] "A mulher trabalha mais do que o homem. [...] Porque o homem cuida mais dos negócios, chega em casa e quer tudo pronto, e a mulher além de ela cuidar também dos negócios, ela cuida da casa ainda." [...] "...chegar nesse ponto hoje, como foi pesado, criar 3 filhos, um atrás do outro ainda, e estava tudo na lavoura comigo né, já pequeno. Eu ficava até as 9 horas em casa, cozinhava feijão lá e fazia, lidar na horta. Daí ali eu juntava eles, eles se levantavam e comiam, e daí nós se mandávamos para a lavoura. Vinha só as 5 horas, lidar de novo com as vaquinhas e fazer de novo comida.

A empreendedora Sandra fala que sua família reclama por ela trabalhar demais:

Nossa, eles (a família) acham que eu trabalho demais. Todo mundo acha. "Nossa você trabalha demais. Mãe não trabalhe muito. Mãe tire um tempo pra você". Tão sempre falando isso. [...] onze horas e meia por dia que eu trabalho quando eu vou de madrugada. [...] quando trabalho 8 horas eu durmo melhor. [...] Sábado e domingo, às vezes, não dá diferença do dia de semana [...] Você pega 1 domingo que daí eu não trabalho eu vou 3 e meia e saio às 7 horas.

Cida reclama da falta de tempo para si dizendo que:

A mulher, ela tem muitas obrigações na vida dela né, administrar a casa, filhos... E daí a propriedade é mais uma né, que toma muito tempo e energia. O que é que é? Não é fácil, mas é só saber administrar o tempo, dividir o tempo com família, que é importante né. [...] Eu acho que eu tenho uma qualidade de vida boa, talvez poderia ter um pouquinho mais de tempo livre, que eu não tenho assim, para ir passear, visitar uma amiga, tomar chimarrão em uma vizinha, não tenho esse tempo. Quer dizer não tenho, porque talvez não queira ter, ou não consegui administrar ele dentro ainda, do meu tempo, mas eu queria ter um pouquinho mais de tempo livre para mim, para ir em salão de beleza, é uma vez por mês que eu vou no salão e seria isso, que eu queria ter um pouquinho mais de tempo para mim.

As mulheres e suas famílias dedicam-se exclusivamente ao trabalho na empresa e, apesar do empreendimento trazer os recursos financeiros, este lhes renega tempo para férias em família.

Há atividades que reduzem ainda mais a quantidade de tempo disponível para o lazer. Uma delas é a bovinocultura de leite, pois é uma atividade que requer mão de obra diária e em horários fixos, geralmente demonstrando maior exigência por parte das entrevistadas no período da manhã (madrugada) bem como nos domingos e feriados.

Com relação a tempo para tirar férias Leonor diz:

Tirar... tirar férias não. Mas a gente faz alguma coisa assim. Algum passeio. Viaja. Eu penso assim que você fazer, fazer, pros outros não. Você tem que ter o seu tempo livre também. Você tem que ter o seu lazer, a tua diversão.

Quanto ao contexto de atuação destas mulheres, pode-se afirmar que, na área rural as jornadas formais de trabalho remunerado, de oito horas, ocorrem basicamente com funcionários (quando o empreendimento tem esta capacidade). Mas a maioria das propriedades familiares não contrata mão de obra externa ou, quando o faz, evita ter gastos com horas extras e, muitas vezes é a família que cumpre as jornadas nas práticas estendidas de madrugada e noturnas, bem como as jornadas de trabalho nos finais de semana.

Pode-se questionar quanto ao tempo necessário para produzir os meios de manutenção da vida individual e coletiva. Delphy (2002) afirma que o tempo de trabalho, que não é percebido como parte da organização do tempo social, é retirado, fundamentalmente, do tempo que forma o dia a dia das mulheres como parte das atribuições femininas, determinadas por relações de poder que entrelaçam a dominação patriarcal à exploração capitalista. Para a maioria das mulheres que estão no mercado de trabalho, formal e informal, o tempo de trabalho para a realização das tarefas domésticas é aquele que sobra da sua inserção formal ou informal nesse mercado.

Essa forma de organização social baseada na jornada de trabalho das mulheres, formada por trabalho gratuito e trabalho remunerado, é fundamental para a acumulação do capital e manutenção do poder patriarcal, uma vez que baixa os custos da reprodução social e mantém os homens fora da responsabilidade com o trabalho reprodutivo. “No cotidiano há uma relação entre mulheres que formam uma rede de sustentação para manter a dinâmica entre trabalho reprodutivo e trabalho

produtivo, e que essa relação se reproduz entre gerações como parte da reprodução da divisão sexual do trabalho” (ÁVILA, 2009, p. 285).

Segundo Cyrino (2009), homens e mulheres compreendem de maneira diferenciada o que seja “a divisão das tarefas domésticas”. Enquanto as mulheres reclamam do pouco envolvimento masculino no trabalho doméstico, os homens possuem um discurso em que se percebem “dividindo efetivamente tais afazeres” com as mulheres. Entretanto, enquanto as mulheres percebem as atividades domésticas como trabalho efetivo, alguns homens as percebem como parte do que chamam de “lazer”. Cyrino (2009) afirma ainda que romper com a associação do feminino com o doméstico não é tarefa fácil, pois implica em se desmontar pressupostos morais, crenças e valores estabelecidos sobre as diferenças entre homens e mulheres. Implica em se questionar representações de gênero tradicionais que contribuem para criar um meio discursivo em que diferenças socialmente construídas são vistas como inevitáveis e naturais.

No Brasil, as políticas sociais, em geral, não são formuladas com base na noção de conciliação entre família e trabalho assalariado ou qualquer outra perspectiva que leve em conta a relação entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo e suas consequências na desigualdade da organização do tempo social de homens e mulheres. A “conciliação” entre mercado de trabalho e família é um dilema que se mantém como concernente às mulheres. As formas de solução desse dilema dependem da situação socioeconômica em que se encontram as mulheres. Sorj, Fontes e Machado (2007) afirmam que há uma fraca legitimação social e política sobre essa problemática na sociedade brasileira e que o “baixo desenvolvimento de serviços coletivos que permitem socializar os custos dos cuidados com a família penaliza a quantidade e qualidade da inserção feminina, sobretudo das mães, no mercado de trabalho” (SORJ, FONTES; MACHADO, 2007, p. 574).

O tempo, na lógica capitalista é um recurso a ser aproveitado e é contraditório com aquilo que supostamente o empreendedorismo deveria lhes dar (liberdade de ação e de tempo). Muitos relatos das mulheres entrevistadas atribuem a falta de tempo à falta de mão de obra especializada para contratação na área rural e a falta de confiança em pessoas de fora da família.

Giddens (2000) resgata Max Weber quando lembra que a estruturação do capitalismo está assentada na confiança desde a sua origem como signo de expansão das transações comerciais. Portanto, a confiança é prevalente em qualquer estrato das alianças empreendedoras enquanto premissa para a expansão do próprio empreendimento e da interação social do agente.

As competências de relacionamento são importantes ao empreendedor, já que ele sempre está em interação social, uma vez que essas redes possibilitam estender as ambições de um indivíduo para um grupo e gerar esforços coletivos (PAIVA; LEÃO; MELLO, 2003).

Segundo Paiva, Mello e Gonçalves (2005) a confiança está vigente no constante convívio do empreendedor com os parceiros interagentes, principalmente com aqueles que assumem laços dialógicos mais diretos, pessoas que o assessoram, a quem se credita a possibilidade de reconhecerem oportunidades do cotidiano.

De acordo com Gouveia (2006), tornar-se-ia imperativa a possibilidade de delegar poder e responsabilidade a terceiros. Para isto seria necessária uma relação de confiança entre as partes. O ideal seria deixar o negócio nas mãos dos filhos ou familiares, por considerarem, talvez, que a "relação de sangue" seja a única que inspire confiança.

Quanto a ter confiança em outras pessoas, Gilda diz que deixa pessoas cuidarem de sua propriedade em sua ausência:

Quando a gente vê que a gente quer ir para um lugar passear, a gente tira lá 5, 6 dias de férias, vai lá, se diverte.[...] Isso eu acho que umas 5, 6 vezes no ano nós fazemos. [...] fecha os 30 dias. Porque ficar 30 dias direto não dá, para quem tem propriedade rural não dá, então a gente deixa alguém cuidando para nós aqui, a gente pega e vai. Consegue fazer.

Leonor também afirma que consegue deixar familiares e vizinhos cuidando da propriedade quando necessário: "Se for pra mim sair assim eu posso sair uma semana. Que eu tenho gente que possa ficar aqui. Meu irmão fica aqui com a minha mãe. Têm vizinhos que ajudam também"

Do mesmo modo Joana afirma que: "Tiramos um tempo ali, até deixamos aqui por conta dos parentes e fomos para a praia, 3, 4 dias mas [...] só pensando na casa ainda."

A empreendedora Cida diz que consegue organizar bem seu tempo:

Então, o meu tempo é dividido assim, 25% para a família, 25% para a fazenda, 20 para o sindicato e uns 30 para o escritório na cidade. Só que aqui você pode falar assim, "mas o seu tempo aqui é menor que lá no escritório". É que aqui, eu consegui ajeitar, delegar, né. E lá no escritório, como é assessoria, é uma coisa que tem que ser eu para fazer tal serviço.

Sandra afirma confiar em seus funcionários quando diz:

Olha eu não tenho granjeiro, mas eu não tô lá, mas o serviço tá saindo do mesmo jeito que é pra sair. Porque pra você deixar assim, umas pessoas sozinhas, você tem que confiar nas pessoas. E as pessoas também têm que ser responsáveis.

Mas essa dedicação intensa no trabalho por parte das mulheres pode trazer recompensas. O desempenho de empreendimento dirigidos por mulheres, foi estudado por Pettit (1997) em empresas norte americanas, e por Gimenez, Machado e Biazin (1998) no Brasil. Os resultados encontrados foram os mesmos: um nível de sobrevivência de empresas dirigidas por mulheres superiores à média. Para estes autores um dos fatores que contribui para esse desempenho é o tempo de trabalho dedicado pelas mulheres. Conforme observado nos relatos, a forma de gestão do empreendimento pode ser um dos fatores geradores de trabalho excessivo e falta de tempo para as mulheres e suas famílias.

Além da questão de confiança em outras pessoas, há a dificuldade em adquirir e gerir a mão de obra empregada. Existem pesquisas (VOKINS, 1993; MOORE, 1997; PETTIT, 1997; MUKHTAR, 1998; MACHADO, 1999) que tratam da diferenciação na gestão organizacional quando realizada por mulheres empreendedoras. Os autores afirmam que não há predominância de estrutura hierárquica tradicional, mas uma forma de gerenciar da mesma forma como as mulheres administram suas casas: sem hierarquia, com cooperação e estilo fluído (um poder compartilhado). Afirmam ainda que as mulheres demonstram grande habilidade em lidar com as pessoas buscando a satisfação dos empregados. Preferem estratégias inovativas com estilo de liderança orientado para as pessoas e não para as tarefas.

Joana afirma que é mais a família que trabalha pois é difícil encontrar mão de obra que aceite fazer o serviço necessário:

É só a família, agora que eu estou pegando funcionário, mas no momento eu não tenho ainda, porque ele está no seguro desemprego ainda, mas eu já tive um registrado no meu nome. [...] E daí sempre tem uns de fora que vem, que nem um ficou 1 ano e 4 meses, o outro ficou 6 meses, e não quiseram ficar mais, afinal segunda eu mandei embora, porque ele não foi. Daí a gente vinha 4 e meia tirar leite, ele vinha 7. Daí um filho ligou louco de bravo com o genro lá, que os 2 estavam tirando leite né, de manhã cedo, o filho e o genro, e de tarde é a filha e a nora que tiram. E eu sempre fazendo o que falta. Fico na reserva, mas é uma reserva que às vezes eu fico com as pernas mole de tanto ir para lá e para cá ajudar.

Sandra também afirma que precisa saber gerenciar pessoas quando diz:

Nossa! Você tem que saber lidar pra poder levar as pessoas que trabalham com você né, porque eu vivo mais com meus funcionários do que com a minha família. Então, tem que saber lidar com eles, você não pode começar ofender quando vai mandar saber mandar. [...] quando a gente vai pegar uma pessoa você primeiro eu converso. Conto como é que é. Tem que trabalhar no domingo, não pode faltar, não pode começar pegar atestado. Então, você tem que saber lidar com as pessoas. [...] Eles sabem que eles fazem a diferença, porque senão, faltou 1... [...] Eu acho que é importante peço a colaboração pra eles pra fazerem pra eles colaborarem pro serviço render direito. [...] E eles ganham um salário bom. Então, eu colaboro com eles, mas eles também colaboram comigo.

Quanto a gestão de pessoas com relação ao sucesso de seu empreendimento, Cida afirma que:

Uma coisa que já faz alguns anos, que eu comecei a fazer aqui, são reuniões com os funcionários e eu faço eles fazerem parte, tipo assim, eu faço conversa valorizando eles, de como eles são importantes para o negócio. Se não estiver todo mundo feliz dentro do empreendimento, então o negócio não funciona, então sempre a gente faz reuniões a cada 2 meses, busco sempre um tema técnico e mais um motivacional junto na reunião, alguma coisa que mostra os números da propriedade, elogio, que eu acho, que o que está sendo bem feito, tem que ser elogiado. [...] Eu acho que você tem que ter pessoas comprometidas com o negócio, eles tem que se achar, que eles são um pouquinho donos do negócio também. [...] A parte de treinamento, programo o treinamento para os funcionários durante o ano, para eles também não ficarem parados na atividades que eles realizam, sempre estar se aperfeiçoando. Mesmo os que já fizeram determinado curso, mas como a gente sabe que as coisas se modernizam, então eles também fazem novos treinamentos. [...] O nosso veterinário me falou um dia assim, “as pessoas de sucesso hoje em dia não são as que sabem fazer as coisas, são as que sabem lidar com pessoas”, não adianta eu saber fazer muito bem aquela coisa, mas eu não consigo passar isso para o meu funcionário, ou fazer ele fazer como eu gostaria que fosse feito. [...] Eu acho que é o trabalho da equipe estar rodando em harmonia, é isso que eu tenho buscado aqui. Fazer a equipe acreditar que elas fazem parte do negócio, que são um ponto muito importante para isso.

Márcia tem seus funcionários como colaboradores e diz que a colaboração é recíproca e que deve existir parceria no trabalho:

... sempre digo para os meus funcionários, se você não está bem você não vai me ajudar a ficar bem né? [...] Eu espero que eles continuem crescendo bem. Para mim ficar, ver meus funcionários bem, as pessoas, não digo funcionários, digo meus colaboradores. Então eu prefiro, para mim estar bem eu quero que eles estejam bem também. [...] Pra ter sucesso eu penso que é ter o dono por perto. É você estar junto, é você ter aquela parceria com os funcionários, com as pessoas que estão fazendo o trabalho na minha propriedade. [...] Eu prezo muito lá a parceria, a parceria com todos os funcionários. Como é uma empresa, a empresa eu quero que eles visualizem como uma fonte deles crescerem e não como uma fonte só do patrão crescer, só dos donos da empresa terem uma vida bem confortável. Eu quero que eles, eu sempre prezo, todas as reuniões que a gente faz é que a gente quer que a empresa cresça e eles cresçam juntos, porque a partir do momento que você não, eh, compartilha isso com o teu funcionário que ele vá bem junto com você, você não vai ter uma empresa eficaz. [...] de todo mês você chamar o funcionário para conversar para ele te contar as dúvidas dele, para ele dizer como que está a empresa para a gente entender a visão, a visão deles nessa parte. E assim, um *feedback* meu também da empresa como está vendo ele, porque como ele tem o direito de falar, a gente também tem o direito de falar. Então é um papo aberto. Tá, isso aí é o individual, todo mês. E de cada dois meses fazer uma reunião com todos, é os funcionários, o dono da empresa para ter, sabe, aquele *feedback* porque a gente é uma família lá dentro. Eles vivem a maior parte lá na empresa do que na casa. E está funcionando muito, muito, muito bem. [...] Eu tenho paciência, sempre eu me comporto na pessoa, primeiro eu quero incorporar a pessoa, o funcionário, me sinto como o funcionário para poder entender eles, entender eles para eu poder me reportar com eles né? se eu quero as vezes chamar a atenção eu penso, analiso para eu chamar a atenção, para mim, de uma forma que fique bom para mim, que eu tenha o meu objetivo cumprido sem magoar, fazer com que ele entre na realidade do que eu quero né? que eles mesmo descubram o que estão fazendo errado.

Mesmo com esses relatos, Márcia demonstra que existe desconfiança nos funcionários quando fala:

Mais importante é a presença. Se não tiver presença, eu não acredito na administração online e não acredito, infelizmente, que eu deveria acreditar, no, você colocar algum gerente. Sabe, ele é o gerente, é parceiro. Mas se a gente não estiver junto não vai.

Leonor diz que precisa de ajuda em suas atividades:

Tanto que... eu não trabalho só eu aqui digamos. O meu irmão é pouco. Mas eu pago mão de obra fora porque eu tô sozinha. Minha mãe é aposentada, tem dificuldade. Então comida, essas coisas, tudo ela faz. Mas eu não aguento sozinha tudo que eu tenho que fazer. Então eu tenho que pegar diarista pra me ajudar.

A partir de sua pesquisa, Gouveia (2006) percebeu que alguns empreendedores aspiram poder trabalhar menos, porém sem ter redução em seus rendimentos. Assim, tem-se um ponto importante da realidade do empreendedor pois eles esperam poder "aproveitar a vida" depois de tanto trabalho, mas no entanto, sem parar de trabalhar totalmente. Essa afirmação pode ser demonstrada nos relatos dessas mulheres, pois, apesar da ampla reclamação sobre o trabalho

pesado e a falta de tempo para o lazer, as mulheres dizem não pensar em aposentadoria. Querem "reduzir a carga de trabalho", mas não querem parar.

Joana demonstra isso em sua fala: "Aposentada eu já sou. Já estou recebendo de viúva e de idade também. [...] Aí parar? Pois nem daqui 10 (anos), se eu conseguir enxergar bem ainda vou ficar muito feliz, e vou continuar trabalhando."

Sandra diz :

Eu penso em me aposentar, mas vai ser difícil. Por causa da firma que foi aberta (granja integrada). [...] Porque assim, se fosse pra se aposentar por lavoura, que a gente tivesse só lavoura, era acho que com 55 anos né. [...] E agora eu pago quando sair essa firma eu pago o (INSS). Pago pra eu poder me aposentar. Não tenho nem ideia quando. [...] Eu pago 2 salários. Mas não tenho nem ideia quando que vai sair isso. [...] Se for assim, que dê pra ir tocando, não tenho ideia de parar. [...] Eu espero trabalhar menos, viajar mais.

Cida afirma:

Eu estou me preparando para chegar em uma fase em que eu possa ter mais tempo para mim e meu esposo, para família e é isso, ter mais tempo. De repente me desligar um pouco da assessoria, deixar para os mais novos esse serviço, que é uma coisa que dentro do orçamento, da renda da família é uma coisa bem pequena perto da propriedade. [...] Ah, eu quero colher os frutos, agora. Eu falei que agora, eu só vou trabalhar para viajar, passear, daqui para frente. [...] Aposentar? Acho que só quando eu não puder mesmo, ter problemas de locomoção ou de raciocínio, fora disso não. [...] Talvez uma atividade tipo, eu vejo amigas minhas que deixa o filho cuidando de uma parte e ela cuida de outra menos, por exemplo, quem sabe eu vá cuidar dos carneiros que é uma coisa menor. Não sei, é só um exemplo. Ou eu monte um negócio. [...] Um outro negócio menorzinho.

Márcia afirma o mesmo quando diz:

Eu já sou aposentada. Assim, eh, assim, do ministério, receber por mês? Claro, eu acho que faz parte do empreendedorismo também você querer uma né (aposentadoria) [...] Mas não tenho intenção de parar de trabalhar. Continuar até o meu último suspiro.

Porém, diferente das outras entrevistadas, Márcia afirma que tem tempo para si e para a família:

... eu trabalho pouco e ganho muito, graças a Deus que eles veem isso. Era isso que eu queria mostrar para eles. Isso que é ser empreendedor, é você trabalhar bastante com ações mas você ter tempo para você, tempo para você viajar, sair. [...] Eu trabalho em torno de 4 horas por dia. [...] Às vezes trabalho sábado o dia inteiro, uma vez por mês, sempre porque vejo os ervais. [...] Domingo não, nunca. [...] Tiro férias sempre. Férias faz parte do empreendedorismo.

Gilda também diz não querer parar de trabalhar, mesmo após sua aposentadoria:

Penso em me aposentar. Mas vou continuar trabalhando. [...] No que tiver oportunidade de fazer né? Porque a gente hoje, eu posso dizer que eu estou aqui. Amanhã pode ser que não né? Tudo depende do dia de amanhã. [...] Qualquer oportunidade que aparecer. Eu aproveito. Não deixo passar, tendo oportunidade, aparecendo as coisas...

Leonor, a mais nova de todas as entrevistadas, também fala de sua futura aposentadoria, mas também diz que não vai parar de trabalhar, até porque o valor do salário da aposentadoria na área rural é muito baixo:

Penso em me aposentar financeiramente sim. Mas vai demorar um pouco. [...] E não penso em parar de trabalhar. [...] Ah. E outra porque a aposentadoria da agricultura é o salário mínimo. [...] Você não pode parar de trabalhar. Isso hoje. Não se sabe lá quando eu for me aposentar se isso vai continuar valendo ainda ou não. Então eu acho que com o salário mínimo você não sobrevive. Então... tem que continuar uma atividade.

4.2.3 Autopercepção

As empreendedoras entrevistadas foram indagadas sobre o significado de ser mulher e qual implicação de pertencer a este gênero trazia para seu empreendimento.

González Rey (2010) afirma que um posicionamento ativo frente à vida pode permitir criar sistemas de apoio para situações difíceis e pode fazer com que os sujeitos desenvolvam uma identidade a partir dessa situação.

Para as mulheres entrevistadas ser mulher significa muita responsabilidade pois além de trabalhar com a família no dia a dia da propriedade, ainda precisam cuidar da casa, fazer comida, lavar roupas e dar conta de cuidar dos filhos e do marido.

Assim, algumas falas com relação ao tema podem ser relatadas. Joana, por exemplo, diz: "Eu me sinto bem feliz de ser mulher bem orgulhosa. [...] Sou mulher, mãe, avó, bisavó, empreendedora e gosto do que faço, do que sou."

Já Márcia relata sobre sua história e visão atual do que é ser mulher:

A mulher antes era, principalmente a, como é que é, não é a dona de casa rural, que ela, ia só carpir depois vinha para dentro de casa e lavar roupa, e limpar casa..." [...] Ser mulher é a coisa mais boa do mundo. Não queria ser homem. Eh, ser mulher primeiramente é o dom da maternidade, que eu acho que jamais, digo assim, que nossa, eu me sinto realizada como mãe. Agora sinto realizada como avó também. [...] Mas aí além disso é aquela

que ajuda na condução da família, que está ao lado do marido para ajudar ou da família, independente se você é casada, solteira, mas você exercer o seu papel, não digo na liderança, mas junto com alguém. Com um homem, com o pai, com irmão, com ... na família ou, e a gente, nós mulheres agora estamos assim com uma brecha muito grande no mundo que nós podemos ser homem e mulher, nós podemos fazer tudo. Antes o papel era só do homem. Era dividido o papel do homem e da mulher. E agora que deram esses poderes para a gente então fica muito bom. [...] Ser mulher significa ser feliz.

Sandra colabora com este pensamento quando afirma:

Ai meu Deus. Ser mulher é muito puxado. [...] Sabia que ser mulher hoje em dia é tão difícil. É fácil nesse tipo assim, a mulher hoje, ela não fica só em casa, mas também ela tem a sua independência. Você veja, a primeira mulher ficava em casa. E dependia só do marido para tudo. Hoje em dia a mulher é difícil depender do marido. Cada uma tem seu trabalho, tem seu salário, tem seu carro para sair. Então ela trabalha, mas está melhor. Eu acredito que está muito melhor do que antes. Toda mulher era submissa ao homem. Ela só ficava em casa e recebia ordem.

Já Gilda afirma que mulher não pode ficar parada e diz:

[...] a mulher sempre está entrosada em várias atividades né? Para ela conseguir ter aquele conhecimento, aquela coisa, senão, a mulher já não tem aquele, vai ficar fechada dentro de casa, entra em depressão, tem várias... tem mulheres que acontece isso né? Que ela não sai, ela não se relaciona com as pessoas.

Cida afirma que há diferença entre homem e mulher pois:

O cérebro da mulher é diferente do homem, ela vê as coisas em um ponto de vista feminino, como administradora de lar, casa, família, negócios. [...] ser mulher, é responsabilidade. [...] Pra mim é fácil, é fácil porque eu não vejo dificuldade nisso. [...] Pra mim é uma coisa, assim, que veio tão naturalmente assim com o tempo, que nenhuma dificuldade assim. E eu vejo, tem mulher que oh, que faz isso, que faz aquilo, ou então não entendem nada da área rural né? [...] De vinte anos pra cá mudou bastante né, elas estão sendo respeitadas, só que eu não sei até onde que vai isso. Eu, como sou uma mulher atual, eu posso dizer que a gente tem que tomar um pouco de cuidado porque os homens vão se acomodar.

No mesmo sentido, Leonor afirma que "A mulher tem mais aquele sentido assim de... o homem às vezes é mais bruto, mais rápido. A mulher já pensa mais no que vai fazer."

Partindo dos relatos destas empreendedoras, ser mulher é um processo naturalizado pela sociedade que, a faz agir de determinadas maneiras. Ela acredita que tem obrigação de cuidar da casa e dos filhos, enquanto o homem não teria essa necessidade ou obrigação. Isso seria "papel da mulher".

Quanto ao empreendedorismo, um dos poucos pontos de concordância entre os estudos do tema é que traços peculiares configuram o comportamento empreendedor (seja este um gerente, administrador, profissional liberal, empresário, ou produtor rural). Na literatura sobre empreendedorismo, podem ser encontrados vários trabalhos (MACCLELLAND, 1961; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; MARKMAN; BARON, 2003; VIDAL; SANTOS, 2003; BARON; SHANE, 2007; HISRICH, 2007; SARASVATHY, 2008), que listam características que seriam capazes de diferenciar os indivíduos empreendedores dos demais.

Para González Rey, o sujeito ainda não pode ser encontrado em nenhuma das teorias, pois ora ele aparece como senhor de sua razão, capaz de realizar todos os intentos; ora aparece com uma capacidade consciente totalmente alienada, em que pode ser visto somente nas falhas ou em uma “cadeia infinita de significativo e significado” (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 50).

Segundo Veiga (2008), a verdadeira natureza do empreendedorismo nunca chegou a ser descrita de forma que houvesse aceitação geral, talvez porque o comportamento empreendedor esteja em permanente renovação, ocorrendo diferenciações de acordo com o período em que são analisados.

Silva (2004) afirma que ao longo dos tempos as características atribuídas aos empreendedores foram se aprimorando, acompanhando as mudanças organizacionais, que por sua vez foram estimuladas pelos fatos históricos que transformaram a visão de mundo e de homem em cada época. A autora afirma ainda que o indivíduo considerado empreendedor tem aptidões e habilidades características que o diferenciam das demais pessoas.

Santos (2004) contribui com a visão de que a eficácia do poder pessoal transcende ao poder organizacional. Ou seja, que características de personalidade são essenciais junto ao conhecimento técnico, para o êxito de projetos organizacionais, dentre as quais o talento, a qualificação e a habilidade tornam-se os principais meios de seleção profissional e de ascensão social. A autora acredita que o empreendedor é mais do que apenas um depositário de características, mas sim, uma pessoa em busca da compreensão do que lhe move – de sua consciência.

... mais do que características comuns, são as diferentes categorias de habilidades e conhecimentos que definirão que tipo potencial de empreendedores ter-se-á, seja o artista, o educador ou o homem de negócios. (p.29)

As mulheres desta pesquisa, ao serem perguntadas sobre o que seria um indivíduo empreendedor listaram características próprias. No entanto, as características citadas por elas não são iguais umas às outras. Isso porque o empreendedor é, antes de tudo, um ser humano, e como tal, tem suas características e personalidade próprias. Portanto, não há que se falar em características empreendedoras universais, mais de configurações subjetivas que perpassam o empreendedor em acordo com o contexto e história em que estão inseridos.

Quando indagadas sobre serem empreendedoras, ou sobre características que as tornavam empreendedoras, as mulheres entrevistadas falavam de suas habilidades e conhecimentos na área de atuação. Diziam que empreendedorismo era importante, mas que administrar o negócio era mais importante para manter o sucesso de seu empreendimento e de sua família.

A este respeito, Joana afirma que ser empreendedora "É tudo, a responsabilidade, amor pelo que faz, senão não consegue [...], amor e responsabilidade. [...] Eu possuo. Mas eu às vezes não consigo transmitir para todos."

Márcia diz que é necessário inovar e ter responsabilidade social para empreender:

Para ser uma pessoa empreendedora precisa querer sempre o melhor, eu penso. Você querer sempre não aceitar, que tem pessoas que elas aceitam aquilo que elas tem, daquele jeito da vida deles e não tem vontade de mudar [...] Sempre inovar. Mas inovar do jeito que você seja feliz, que você também hoje em dia que não pensa na sua cidade, no seu Estado, no seu país eu acho que não se torna também um bom empreendedor.

Leonor afirma que "Agora, na realidade o empreendedor rural tem uma visão muito ampla. Você tem que saber de tudo que se passa na tua propriedade. E é muitas coisas."

Quando questionadas sobre a diferença entre administrar e empreender, algumas das entrevistadas colocaram que há diferenciação, porém outras acreditam que não existe diferença.

Joana afirma que: "Ah empreendedora, eu acho que tem que ir à procura né? De novas ideias. E administradora, administrar já o que tem né? [...] É porque não adianta ser empreendedor, sem administrar. Mas tem gente que só administra, não empreende."

Sandra diz que o empreendedor:

Tem que ter coragem e não ter medo de dívida né. E ter uma cabeça boa pra administrar né. Não pode gastar mais do que ganha, porque se você gastar mais do que ganha você afunda. [...] Então eu mesma falo assim, que quando você está trabalhando num serviço, você tem que saber administrar para não tirar de outro lugar. Se você tira da lavoura e coloca na granja ou você tira da granja e coloca na lavoura, você não sabe qual é que dá.

Cida comenta sobre a gestão que emprega em sua propriedade:

A que eu não falei é a parte de gestão de administração, de contas né, isso tem que tirar um tempo pra isso. Porque a gente vê propriedades americanas que eu tive oportunidade de conhecer, eles dedicam parte do tempo do dia ou da semana só pra números da propriedade, a parte de escrita, eu posso dizer assim. [...] É. Eu faço, mas eu acho que eu teria que melhorar um pouco mais nessa parte.

Márcia, meio confusa no início, explica a diferenciação que faz sobre ser administradora e empreendedora:

Não, eu acho que sou uma boa administradora viu, sabe? Eu sou empreendedora? Isso aí, nossa senhora, isso aí eu me considero, até os meus filhos dizem, "mãe, o que nós fazemos agora?" Administradora eu tenho umas falhas, como eu falei bem no início, eu preciso estudar, eu não sou muito assim de ficar concentrada estudando né? Mas eu tenho assim uma visão disso que eu preciso melhorar, eu estou tentando melhorar essa parte. Eu me acho uma grande empreendedora e uma média administradora. Mas que, como eu visualizo isso então eu já estou melhorando bastante. E tenho, como eu sou uma boa empreendedora, eu tenho uma grande parceria (marido) que me deixa acomodar um pouco. Por isso... [...] Ai, administrar é algo que você tem que estar desde ..., é a mesma coisa que você tomar um banho e tomar um banho inteiro e não lavar direito os pés né? porque tem, começar a administrar você tem que começar desde a essência, com os documentos, a documentação. Aquelas coisas, aquele tramite burocrático, não é você também só ir lá levar as pessoas para trabalhar mas por trás, tem a parte social, tem a parte, toda a parte burocrática também é um conjunto. Então administração é uma visão, uma visão que você tem no papel, de você analisar no papel, por mostrar, daí para você fazer. Então eu acho que administrar é conduzir já dentro dos parâmetros de um, como é que se pode dizer, do projeto né?

Já Gilda não acredita haver diferenciação entre administrar e empreender, quando diz que:

...é o mais importante na administração. [...] Saber negociar bem. Por que, se você não souber negociar, a empresa da gente afunda. [...] vender bem né? Tentar negociar as coisas o melhor preço para dar certo. [...] Empreendedorismo? Esse empreendedorismo, eh a gente saber como administrar uma propriedade né? Porque se você não souber administrar uma propriedade você vai para o barro. Então o empreendedorismo é assim, você administra, vê onde tem as falhas, tentar consertar para conseguir dar certo. [...] Eu acho que é a mesma coisa né? Administrador e empreendedor.

Leonor também acredita que não existe diferenciação quando afirma:

Eu acho que me considero uma administradora. Porque você tem que administrar o que você tem aí que não é pouco. Uma empresa rural no caso é... você tem que fazer de tudo e mais um pouco. [...] Na realidade acho que não tem muita diferença entre administrar e empreender também. Na realidade acho que sou aí tanto empreendedora como administradora. [...] Eu acho que são a mesma coisa.

Porém, Leonor comenta que inova quando fala:

A gente sempre procura fazer diferente. Ou igual que tá dando certo. Mas, além disso, você vê de repente que tem uma coisa que possa te dar lucro também. Se tá dentro da tua possibilidade você inova. Você pode fazer também. Tanto que agora também eu tô fazendo criação de peixes com os alevinos e fazendo pro abate. É uma coisa que começou agora há pouco tempo, que eu vi que assim poderia ser uma coisa que, digamos, pudesse ter um retorno. Pelo que a gente vê pelos outros. Eu não vendi nenhum lote ainda, mas eu acho que vai dar.

A partir dos relatos colhidos nas entrevistas, pode-se perceber que o empreendedor (no caso, a empreendedora) é um ser humano e como tal, complexo e contraditório, carregando em si uma parte da sociedade que ele(a) faz e pela qual é feito(a).

Segundo pesquisa de Barbosa e Teixeira (2001) os pequenos e médios empresários têm assumido uma grande multiplicidade de papéis no contexto do ambiente empresarial e social. Além de decisor principal, quase sempre, é o responsável direto por inovações e pela qualidade de vida das pessoas que trabalham nessas empresas. Sua atitude, positiva ou negativa, influencia parte dos caminhos que a sociedade brasileira deve seguir.

O sucesso, para estas mulheres, está relacionado com o sentimento de orgulho e a suposta qualidade de vida que o empreendedorismo traz ou pelo menos é idealizado como trazendo tal qualidade. Portanto, não se pode dizer que o sucesso será uma consequência de determinadas características comportamentais do sujeito, mas pode ser reflexo de um conjunto de condições, presentes no indivíduo, na sociedade e no tempo em que se encontra. Essas condições podem contribuir para a definição e alcance do que é entendido como sucesso.

A realização e o orgulho de fazer parte do setor rural e nele poder viver seus sonhos, seus ideais, é refletido por poesias e canções a respeito dessas mulheres que fazem de seus empreendimentos suas vidas. Por vezes demonstram satisfação

e alegrias, por outras, sofrimentos e dificuldades. Luiz Carlos Ranoff apresenta esta realidade na canção "Campo e Mulher":

Embora a pele macia, eu trago o campo em mim
E quem tem origem nele sabe porque sou assim
Não é porque sou mulher que não sei o que ele quer
Eu sei do labor e o brilho da flor que enfeita o jardim

O campo me deu ternura que não encontro aqui
Lições que hoje carrego e que jamais esqueci
Prefiro o berro do gado que o ronco forte de um carro
Eu gosto de ver um potro a correr pisando o capim

Se nem só de pão vive o homem
Também nem só de homem vive o campo
Pois em cada rancho ou estância
Tem a fibra e a elegância da mulher com seu encanto

Por ter esse jeito calmo e alegria no olhar
Não pense que, se preciso, também não saiba lutar
Pra terra somos iguais, respeito nunca é demais
Então, meu senhor, é tempo de amor, justiça e paz

A força move montanhas, mas um sorriso também
Então, porque preconceito, ninguém é mais que ninguém
Campeiro mesmo, de fato, é aquele de fino trato
Assim é que sou, levando eu vou a vida que eu quis

Durante, e ao final das entrevistas, era perceptível os sentimentos, as emoções que tomavam conta das narrativas destas mulheres. Inúmeras vezes ouvia-se o comentário de que aquilo era "um fato que nem lembrava mais", ou então, ouviam-se interjeições de espanto enquanto diziam "como as coisas mudaram". Isso ocorria sempre em momentos em que lembravam de fatos que trouxeram mudanças extremas às suas vidas.

O que pode-se compreender aqui é que a possibilidade de relatar sua história de vida trouxe à estas mulheres a oportunidade de uma autoanálise sobre sua trajetória pessoal, familiar e organizacional, possibilitando assim, emancipação dos sujeitos participantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido subjetivo e as configurações subjetivas são importantes porque nos permitem entender a sociedade numa nova dimensão, ou seja, em seu sistema de consequências sobre o homem e sobre a organização em seus diferentes espaços de vida social (GONZÁLEZ-REY, 2007)

Para análise dos dados foram identificadas afirmações e contradições em relação às dimensões escolhidas para estudo. A interpretação do pesquisador é imprescindível, pois não deve descrever a realidade e sim, explicá-la, produzir um conhecimento. Como diz González Rey (1999), a pesquisa deve ser um processo construtivo interpretativo, uma construção do pesquisador. Portanto, ao se partir das falas/expressões do sujeito, pode-se construir um conhecimento que demonstre a realidade pesquisada, pois suas falas são construções que revelam a construção histórica do sujeito (AGUIAR, 2011).

A reflexão necessária neste trabalho só foi possível através da contribuição das mulheres empreendedoras rurais com seus relatos de vida. A ciência é um exercício de reflexão, pois parte-se do pressuposto de que nenhuma ciência social pode ser vista sob um único ponto de vista (FERREIRA, 2012).

Como o objetivo deste trabalho foi verificar a concepção da subjetividade da mulher empreendedora rural utilizamos-nos das ferramentas: entrevistas semi estruturadas e o teste de complemento de frases como aliados em pesquisas de cunho qualitativo e auxiliam na pesquisa de cunho sócio-histórico porque "o pensamento se concretiza na palavra" (VYGOTSKY, 1993). Isso não quer dizer que a palavra seja a expressão total do pensamento ou da consciência, pois o caminho entre pensamento e palavra é indireto, mediado pelo significado. Além disso, ao relatar a própria história, as empreendedoras têm a oportunidade de refletir sobre a atividade empreendedora e a própria vida. Isso porque a narrativa de si pode ser via privilegiada para o pensamento reflexivo.

Para alcançar o objetivo desta produção foi feita uma investigação a respeito da subjetividade de seis empreendedoras rurais dos estados do Paraná e Santa Catarina, tentando desvelar os sentidos subjetivos da atividade e do gênero. A teoria de base utilizada foi a da subjetividade, proposta por Fernando González-Rey. Para

ele, a subjetividade é formada simultaneamente no individual e no social, pois o ser humano se faz humano no processo social, histórico e a partir de suas condições concretas. Portanto, a subjetividade é formada no indivíduo e na família, no indivíduo e nas instituições.

As mulheres entrevistadas tinham idades entre 32 e 66 anos e desenvolvem seus empreendimentos com o auxílio de suas famílias. Entre as atividades rurais que mantêm estão a bovinocultura de leite e de corte, agricultura, suinocultura, granja matriz de frango, turismo rural e erva mate.

Por meio da análise das histórias de vida destas mulheres procurou-se identificar o que era realidade para elas. Para tanto foram analisadas as palavras que fornecem os significados concebidos na interação do sujeito com a sociedade. Isto foi possível a partir da síntese de suas biografias enfatizando os momentos em que as emoções, a atividade e representações sociais afloravam reconstruídos pela memória.

Viver em um mesmo tempo, setor e cultura não significa que a subjetividade social seja vivenciada por estas mulheres da mesma forma. A categoria de sentido subjetivo permite incorporar as emoções do sujeito ao processo de constituição da configuração subjetiva.

O relato das entrevistas foi realizado à luz de suas representações atuais (eventos do passado passaram por filtros atuais com justificações do sistema de representações que elas possuem nos dias de hoje). Dessa forma, a experiência com o empreendedorismo, embora vivido por todas as mulheres que empreendem, têm um valor emocional totalmente peculiar a cada sujeito segundo sua história de vida, crenças e valores.

As considerações a respeito do empreendedorismo feminino rural são explanadas a seguir e podem ser resumidas nos seguintes achados: i) a família e empreendimento, para estas mulheres, são ligados; ii) O tempo apareceu como algo

relevante, sendo relatado como escasso; iii) as empreendedoras se autorreferenciam; iv) a visão sobre a mulher é naturalizada.

Não se pode falar em empreendimento rural sem falar da família. O negócio se insere na família e a família está presente na ação empreendedora das mulheres. Como afirmam Cella e Peres (2002) os produtores ou empresários rurais têm uma dimensão pessoal e familiar envolvida em suas atividades, o que faz com que ocorra interferência direta de suas famílias nas atitudes gerenciais do empreendimento. Por meio dos relatos pode-se afirmar que as famílias participam efetivamente da produção e gerenciamento dos empreendimentos.

O lucro e sucesso são o que os empreendedores buscam e, no setor rural, são traduzidos pelo sentimento de orgulho por seus feitos e, principalmente, obtenção de melhor qualidade de vida para suas famílias. O empreendedorismo para as mulheres entrevistadas não refere-se necessariamente em abrir o próprio negócio, mas sim, manter, ampliar, gerir e inovar nos empreendimentos que possuem.

Em quase sua totalidade, a família da empreendedora vive e trabalha no empreendimento rural, portanto, é difícil dizer onde começa e termina o convívio familiar do convívio nos negócios. Este fato não pode ser negado como constituinte da subjetividade delas, portanto, pode-se concluir que o empreendedorismo se insere na vida das pessoas, fazendo parte delas e não pode ser pensado como um fenômeno com existência própria. Nos casos estudados, a história da família e de cada sujeito é perpassada pela atividade empreendedora, resultando em uma configuração subjetiva única, ele é perpassado pela vida e, por conseguinte, pelas transformações que nela ocorrem.

Da mesma forma com que o empreendedorismo é afetado pela trajetória de vida dos indivíduos, ele afeta sobremaneira a vida da empreendedora e sua dinâmica familiar. Em outras palavras, a família interfere na dinâmica dos negócios, assim como os negócios estão presentes na casa dos empreendedores.

A ação empreendedora assume o caráter de um fim em si mesmo, pois o empreendedorismo é um fenômeno social estritamente ligado à lógica capitalista e tem sido colocado pelas diversas vias da subjetividade social como medida de

sucesso e riqueza e que deve ser preservado e passado às gerações futuras. Assim, as empreendedoras relatam que “não podem parar de lutar”, mesmo após atingir seus objetivos inicialmente propostos pois disso depende a continuidade dos negócios e qualidade de vida para família. Percebe-se que as mulheres conquistaram mais espaço e a visão patriarcal sofreu alterações, principalmente com relação à herança de terras, antes herdadas somente pelos homens da família.

A visão que pode-se ter com os relatos colhidos foi que, após o início ou continuidade do negócio, a preocupação era em manter o empreendimento de maneira que trouxesse sucesso financeiro e qualidade de vida às famílias envolvidas. Para isso, como bem relataram as entrevistadas, todas eram administradoras de seus empreendimentos, pois Planejam, Organizam, Controlam e Direcionam seus negócios. As mulheres entrevistadas afirmam que ter sucesso é ter uma boa qualidade de vida familiar.

Essas mulheres empreendedoras também apresentaram alto nível de comprometimento com a sociedade, conhecimento empírico, vontade de aprender e coragem de enfrentar novos desafios assumindo riscos.

O empreendimento é importante para as mulheres, pois é um meio de subsistência para ela e sua família, mas também para manter todos juntos, unidos. Assim também relataram que a sucessão familiar ocorre de uma forma natural em seus negócios.

Porém, apesar do orgulho que demonstram ter por seus empreendimentos, elas reclamam da falta de tempo que tem para si. Isso porque o tempo do trabalho doméstico do cuidado com a reprodução da vida das pessoas não é levado em conta na organização do tempo social, na relação entre produção e reprodução. Os custos da reprodução da força de trabalho são contados apenas a partir do consumo dos produtos necessários à manutenção e reprodução dos trabalhadores(as), mas todo trabalho investido no cuidado, na produção da alimentação, na organização e manutenção do espaço de convivência familiar está fora da conta que configura a mais-valia, e, portanto, fora da equação entre trabalho necessário e trabalho excedente que está na configuração da relação de exploração entre capital e trabalho. Então pode-se perceber que há uma apropriação do tempo destas

mulheres quando se refere ao trabalho doméstico, pois elas, além do trabalho de empreendedoras no negócio são as responsáveis pela manutenção do lar. Essa questão tornou-se muito clara na vida das empreendedoras entrevistadas, pois houveram inúmeros relatos sobre a geração de conflitos familiares devido ao desequilíbrio entre a vida familiar e profissional. Este fato deve-se, principalmente, porque a empreendedora e sua família residem dentro do empreendimento, o que obscurece a fronteira entre trabalho e família/lazer. Além disso a sociedade naturaliza o "papel da mulher", pois esta deve agir de determinadas maneiras, havendo necessidade de dedicação ao empreendimento sem deixar de atender as necessidades da família.

No entanto o empreendedorismo não acontece de forma isolada. Também através dos relatos colhidos, foram identificados diversos momentos em que as empreendedoras necessitaram de ajuda, de colaboração de outros indivíduos. Porém, por vezes, controlam e dirigem tanto que não permitem que outros membros, inclusive possíveis sucessores familiares, deem sugestões ou participem das decisões no empreendimento. Portanto percebe-se a falta de confiança em outras pessoas, mesmo membros da família bem como a dificuldade em encontrar mão de obra especializada para evitar o cúmulo de trabalho desenvolvido por elas. Acredito que esta é uma, se não a principal causa, porque as mulheres não tem tempo para si e para o lazer em família. Todas as mulheres entrevistadas afirmaram que pretendem trabalhar menos no futuro, porém sem redução de rendimentos, bem como não pretendem se aposentar e parar de trabalhar em seus empreendimentos.

Uma questão considerada relevante quanto a teoria sobre empreendedorismo é a afirmação que o empreendedor é um ser inovador (SCHUMPETER, 1982; RICKARDS, 2000; PASTRO, 2001; HUNG, MONDEJAR, 2005; VALE, 2006, 2007). Mas até que ponto ir em busca de uma tecnologia já existente é inovação? Para se inovar, realmente é necessário criar algo novo? Ser criativo e adotar novas tecnologias é pré requisito para ser empreendedor? A partir dos relatos obtidos nesta pesquisa, pode-se verificar que empreendedores da área rural, consideram inovação a busca de possibilidades tecnológicas já existentes no mercado e conseguir adaptá-la à sua realidade.

O empreendedorismo não pode ser separado do sujeito que age e, pela complexidade do ser humano, vai se construindo cotidianamente. Ketz de Vries (1985), afirma que existe um lado obscuro nos empreendedores, desmistificando a figura do herói e resgatando sua dimensão humana. Além disso, a própria atividade empreendedora não está isenta das contradições que estão na base do capitalismo. Karl Marx afirmava que o capital é uma contradição em processo, nesse sentido, o empreendimento como fonte de sucesso e de liberdade apresenta aspectos contraditórios, uma vez que, à primeira vista, ele permite que as pessoas se sintam bem, orgulhosas de seus feitos. Porém com certa perda de liberdade temporal, pois em seus relatos, a maioria das mulheres argumentou a falta de tempo para ficar com a família em momentos de lazer.

Quanto ao empreendedorismo, a primeira consideração de que as empreendedoras se autorreferenciam relaciona-se com as características individuais que são relatadas pelos sujeitos da pesquisa. Quando elas descrevem a categoria empreendedor, descrevem a si mesmas, suas características pessoais. Quem sabe é por este motivo que encontram-se várias teorias sobre características empreendedoras e por que essas teorias e modelos que descrevem os empreendedores são tão diferentes entre si.

As trajetórias de vida das mulheres investigadas foram ímpares, mas acontecem sob um mesmo tempo e cenário. As atividades desenvolvidas são influenciadas por essas mulheres empreenderem na área rural do Brasil e em uma sociedade que, hoje, dá uma abertura de opções para mulheres. Assim, pode-se observar que o empreendedorismo é um sentido subjetivo produzido na relação complexa entre as diversas formas de constituição subjetiva (social e individual) e os cenários atuais dentro do qual essas mulheres empreendem.

Com sua trajetória singular elas vivem o empreendedorismo no seu dia a dia, e guardam sua configuração subjetiva de forma única e específica de apreender a realidade. Elas deram origem a sentidos subjetivos pois suas experiências e a relação com o outro são subjetivadas e resultam em uma forma específica de empreender, mas não para de se renovar, está sempre em mutação.

Portanto, não se pode chegar à configuração subjetiva do empreendedorismo porque não existe somente uma, mas muitas, e cada uma com suas especificidades. A generalização que se pretende está associada à qualidade da informação coletada e das conclusões alcançadas a partir das análises que foram sendo legitimadas pelas informações contidas na pesquisa construída teoricamente.

O ganho obtido com a pesquisa ora desenvolvida foi a melhor compreensão do tema empreendedorismo na possibilidade de emancipação dos sujeitos pesquisados ao permitir-lhes uma autoanálise, isto é, a consciência de suas ações.

Como uma limitação encontrada neste trabalho, o retorno às mulheres pesquisadas poderia ter permitido uma melhor verificação das reações e relações com os achados da pesquisa. Sugere-se que, em trabalhos futuros, haja a recorrência das entrevistas às pesquisadas para que ocorra a confirmação dos achados obtidos. Outra limitação encontrada é que, em uma pesquisa de perspectiva qualitativa, o instrumento deve ser visto como um meio para induzir a construção do sujeito e, portanto, não constitui uma via direta para a produção de resultados finais, mas um meio para a produção de indicadores, pois não se pode fazer uma descrição única e permanente do sujeito, já que ocorrem reconstruções devido à mudança em suas ações de acordo com os cenários em que atua (GONZÁLEZ-REY, 1999).

Finalmente, parece haver ainda espaço para pesquisa acerca de gênero no empreendedorismo. Assim, trabalhos futuros podem ser feitos para tratar da subjetividade de mulheres em cenários diversos, podendo-se, assim, melhorar o uso da teoria e alcançar maior compreensão sobre os temas.

Também é possível investigar o tema inovação nesta área. Isso porque pode ser mais aprofundado para dirimir dúvidas a respeito de seu significado para os empreendedores.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 129-140.

AGUIAR, W.M.J; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2006, v. 26, n. 2, p. 222-245.

AHL, H. *The construction of the female entrepreneur as the other*. In: Czarniawska B.; Höpfl H. (Eds.), **Casting the Other**. The production and maintenance of inequalities in work organizations. pp. 52-67. London: Routledge. 2002.

ALLPORT, G.W. **Personality: A psychological interpretation**, 1937.

ANTUNES, R. A centralidade do trabalho hoje. **Sociedade e estado**, v. 11, n. 2, p. 281-294, 1996.

AUDRETSCH, D.B.; BECKMANN, I.A.M. *From small business to entrepreneurship policy*. In: D.B. Audretsch et al. (eds) *Handbook of research in entrepreneurship polity*, 2007, p. 36-53.

AUDRETSCH, D.B.;GRILO, I.; THURIK, A.R. **Handbook of research in entrepreneurship polity**. Cheltenham: Edward Elgar, 2007.

ÁVILA, M.B. O tempo do trabalho produtivo e reprodutivo na vida cotidiana. **Revista da ABET**, v. 9, n. 2, 2009.

AZEVEDO, S.R.S.; GARCIA, L.G.; FRANCH, M.; SANTIAGO, I. *Mulheres na Construção de Ações Empreendedoras na Zona Rural de João Pessoa desenvolvida na Região do Baixo Gramame, João Pessoa, Paraíba*. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, agosto de 2008.

BAQUERO, R. Idéias centrais da teoria sócio-histórica. In: **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, cap. 2, p.25-45, 1998.

BARBOSA, F.C.; CARVALHO, C.F.; MATOS SIMÕES, G.M.; TEIXEIRA, R.M. Empreendedorismo feminino e estilo de gestão feminina: estudo de casos múltiplos com empreendedoras na cidade de Aracaju–Sergipe. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 5, n. 2, p. 124-141, 2011.

BARBOSA, J.D.; TEIXEIRA, R.M. Apesar dos pesares, vale a pena ser pequeno empresário? Traçando perfil e descobrindo motivos. **Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, p. 14-30, 2001.

BARON, R., SHANE, S. **Empreendedorismo**: uma visão do processo. São Paulo: Thomson, 2007.

BERLIN, I. **Estudos sobre a humanidade**: uma antologia de ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BLUNDEL, R.; LOCKETT, N., **Exploring Entrepreneurship: Practices and Perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

BODEN, R. J.; NUCCI, A. R. *On the survival prospects of men's and women's new business ventures*. **Journal of Business Venturing**, v. 3, n. 4, 2000, p. 347-362.

BORGES, A.F.; LIMA, J.B.de; ANDRADE, D.M.; GOMES, A.; ENOQUE, A.G. Práticas de Empreendedorismo em Empresas Familiares Empreendedoras. In: EnANPAD, Gramado-RS, maio/2014.

CAMPOS, F.R.; ESTANISLAU P.; STADUTO, J.A. R. Agricultura Familiar e participação da mulher na região sul do Brasil. APRESENTAÇÃO ORAL- In: 48º. Congresso SOBER, TOLEDO - PR, julho/2010.

CANZIANI, J.R.F.. **Assessoria administrativa a produtores rurais no Brasil**. 2001. 224f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências-Economia Aplicada)-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo, Piracicaba.

CARRASCO, C. *Tiempo de trabajo, tiempo de vida. Las desigualdades de género en el uso del tiempo*. In: AGUIRRE, Rosario; SAINZ, Cristina García; CARRASCO, M. Cristina. El tiempo, los tiempos, una vara de desigualdad. Santiago do Chile: Naciones Unidas/CEPAL, 2005. (Serie Mujer y Desarrollo, 65).

CARVALHO, I.M. **Introdução à psicologia das relações humanas**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 2a. edição, 1960.

CASSON, M.; GODLEY, A. *Revisiting the emergence of the modern business enterprise: entrepreneurship and the Singer global distribution system*. **Journal of Management Studies**, v.44, n.7, p. 1064-1077, 2007.

CASSON, M.; YEUNG, B.; BASU, A.; WADESON, N. **The Oxford Handbook of Entrepreneurship**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CASSOL, N. K.; SILVEIRA, A.; HOELTGEBAUM, M. *Empreendedorismo Feminino: Análise da Produção Científica da Base de Dados do Institute for Scientific Information (ISI), 1997-2006*. In: EnANPAD – ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007, p. 1-15. 1 CD-ROM.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTOR, B.V.J. *Tamanho não é documento: estratégias para a pequena e microempresa brasileira*. **Curitiba: Ebel**, 2006.

CELLA, D.; PERES, F.C. **Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso do empreendedor rural**. *Revista de Administração*, São Paulo v.37, n.4, p.49-57, out./dez., 2002.

COLBARI, A. *Trajetórias empresariais e visão de mundo no setor de confecções*. **XI Ciclo De Estudos Sobre o Imaginário**, Recife, 2000.

_____. *Impasses e contrastes na modernização das empresas do setor de confecções*. **Revista Sociedade Em Debate**, vol. 8, nº 2, p. 85-111, 2002.

COOPER, D.; SCHINDLER, P. **Métodos de pesquisa em administração**. Bookman, 2003

COPE, J. *Toward a dynamic learning perspective of entrepreneurship*. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 29, n. 4, p. 373-397, 2005.

CYRINO, R. **Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado.** Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 66-92

DAVIDSSON, P. **Researching Entrepreneurship.** Springer: Boston/New York/Heidelberg/Dodrecht, 2004.

DEDECCA, C.S. Regimes de trabalho, uso do tempo e desigualdade entre homens e mulheres. **Mercado de Trabalho e gênero: comparações internacionais**, p. 279-297, 2008.

DELPHY, C. *L'ennemi principal*, vol.1, **Economie politique du patriarcat.** Collection *Nouvelles Questions Feministes*, 2. ed. Paris: Syllepse, 2002.

DOWN, S.; REVELEY, J. *Generational encounters and the social formation of entrepreneurial identity: "Young Guns" and "Old Farts"*. **Organization**, n.11, v. 2, p. 233-250, 2004.

DRUCKER, P. **As fronteiras da administração.** São Paulo: Pioneira, 1989.

DURÁN, M.A. **La ciudad compartida: conocimiento, afecto e uso.** Santiago do Chile: SUR, 2008.

DUTRA, I.de S.; PREVIDELLI, J. J. Perfil do empreendedor versus mortalidade de empresas: estudo de caso do perfil do micro e pequeno empreendedor. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, 2003.

EDDLESTON, K.A.; POWELL, G.N. *Nurturing Entrepreneurs' Work-Family Balance: A Gendered Perspective.* **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 3, p. 513-541, 2012.

FAGENSON, E.A. *Personal value systems of men and women entrepreneurs versus managers.* **Journal of Business Venturing**, v. 8, n. 5, p. 409-430, 1993.

FASCI, M.A.; VALDEZ, J. A performance contrast of male-and female-owned small accounting practices. **Journal of Small Business Management**, v. 36, n. 3, p. 1-7, 1998.

FERRÃO, J. Relações entre mundo rural e mundo urbano: Evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 33, 2000, p. 45-54.

FERREIRA, J. Empreendedorismo: fatores determinantes no crescimento da pequena empresa e o papel da orientação estratégica empreendedora. **In: El comportamiento de la empresa ante entornos dinámicos: XIX Congreso anual y XV Congreso Hispano Francés de AEDEM. Asociación Española de Dirección y Economía de la Empresa (AEDEM)**, 2007. p. 29.

FERREIRA, J.M.; A ação da mulher empreendedora sob a perspectiva sócio histórica de González Rey, **Tese** de Doutorado em Administração, Universidade Positivo, Curitiba, 2012.

FERREIRA, J.M.; NOGUEIRA, E.E.S. *Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino*. **RAC**, vol. 17, n. 4, jul-ago/2013, p. 398-417

FILION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999a.

_____. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**, v. 39, n. 4, p. 6-20, 1999b.

FISCHER, E.M.; REUBER, A.R.; DYKE, L.S. *A theoretical overview and extension of research on sex, gender, and entrepreneurship*. **Journal of Business Venturing**, v.8, n. 2, p. 151-168, 1993.

FILLOUX, J.C. **A personalidade** (trad. Eunice Catunda), São Paulo: Difusão Européia, 1960.

FLETCHER, D. *Family and enterprise*. **In: CARTER, S. & JONES-EVANS, D. (Eds.) Enterprise and small business: principles, practice and policy**. Essex: Pearson Education Limited, 2000.

FONTANA, A.; FREY, J. H. *The interview: From structured questions to negotiated text*. **In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. The Sage handbook of qualitative research**. 2.ed., Sage. 2002. p. 645-672.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** 2.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 208p

FONTES, C. Métodos biográficos. **Recuperado de <http://educar.no.sapo.pt/biograficos.htm>**, 2006.

FREITAS, M.T. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, v.16, n.1, p. 21-39, 2002.

GARTNER, W. *A conceptual framework for describing the phenomenon of the new ventures creation.* **Academy of Management Review**, v. 10, n. 4, p. 696-706, Out. 1985.

GARTNER, W.B. *"Who is an entrepreneur?" is the wrong question.* **American Journal of Small Business** v.12, n. 4, p. 11-32, 1988.

GIDDENS, A. **Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis.** London: MacMillan, 1979.

GIDDENS, A. **Capitalismo moderno e teoria social.** 5.ed. Lisboa: Presença, 2000.

GIMENEZ, F.; **O estrategista na pequena empresa.** Ed. UEM, Maringá, 2000.

_____; MACHADO, H.; BIAZIN, C.. A mulher empreendedora: um estudo de caso no setor de confecções. **Balas Proceedings, Texas**, v. 1, p. 311-322, 1998.

_____; TÓFFOLO, K. da S. *Empreendedorismo feminino rural: Jane Calamidade ou Scarlett O'Hara?* **In:** Empreendedorismo além do plano de negócio. Org.: Eda Castro Lucas de Souza e Tomás de Aquino Guimarães (Orgs.). São Paulo, Editora Atlas, 2006, p. 89-111.

_____; FERREIRA, J.M.; RAMOS, S.C. Configuração Empreendedora ou Configurações Empreendedoras? Indo um pouco além de Mintzberg. **In:** XXXII EnANPAD, Rio de Janeiro, setembro/2008.

_____; INÁCIO-JÚNIOR, E. Investigando o potencial empreendedor e de liderança criativa. **Anais do Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pósgraduação e Pesquisa em Administração**, p. 26, 2002.

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOIS, P.H; MACHADO, H.P.V. Uma abordagem sobre o papel das redes para pequenas empresas e sobre os efeitos no aprendizado de empreendedores. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE**, v.1, n.1, jan/abril de 2012.

GONZÁLEZ-REY, F. L. **Comunicación, Personalidad y Desarrollo**. Havana: Pueblo y Educación, 1995.

_____. **Epistemología Cualitativa y Subjetividad**. São Paulo: Educ.,1997.

_____. **La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos**. São Paulo, Educ., 1999.

_____. O enfoque histórico-cultural e seu sentido para a psicologia clínica: uma reflexão. In: BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. D.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, p. 155-179

_____. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma perspectiva construtivo-interpretativa. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, jun. 2010.

GOUVEIA, T.B. A demanda empreendedora e o trabalho imaterial na construção da subjetividade do “empreendedor”. **Dissertação** de Mestrado Administração UFRS, Porto Alegre, 2006.

GREATTI, L.; PREVIDELLI, J.de J. O uso do plano de negócios como instrumento de análise comparativa das trajetórias de sucesso e de fracasso empresarial. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, 2004.

GREENE, F.J; HAN, L.; MARLOW, S. *Like Mother, Like Daughter? Analyzing Maternal Influences Upon Women's Entrepreneurial Propensity*. **Entrepreneurship: theory and practice**, 2011.

GUATTARI, F. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, T.B. Análise epistemológica do campo do empreendedorismo. In: XXVII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro/RJ, 2004, p. 1-13.

HALL, C.S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J.B. **Teorias da Personalidade**. 4 ed., Porto Alegre: Artmed, 2000.

HAMBRICK, D.C.; MASON, P.A. *Upper echelons: the organization as a reflection of its top managers*. **Academy of Management Review**, v.9, n.2, p. 193-206, 1984.

HISRICH, R. D.; BRUSH, C. *The woman entrepreneur: Management skills and business problems*. **Journal of Small Business Management**, v. 22, n. 1, p. 30-37. 1984.

HOBBS, D. **Doing the business: entrepreneurship, the working class, and detectives in the East End of London**. Oxford: Clarendon Press, 1988.

HUGGINS, R.; WILLIAMS, N. *Enterprise and public policy: a review of Labour government intervention in the United Kingdom*. **Environment and Planning C: Government and Policy**, n.27, v.1, p.19-41, 2009.

IAKOVIDOU. O., KOUTSOU, S.; PARTALIDOU, M. *Women entrepreneurs in the greek countryside: a typology according to motives and business characteristics*. **Journal of Development Entrepreneurship**, v. 14, n. 2, 169: Routledge. 2009.

IBQP. Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade. **Global Entrepreneurship Monitor**. Curitiba: IPQB, 2003.

ILOS. Instituto de Logística e Supply Chain. **Custos Logísticos no Brasil**, Rio de Janeiro, 2014.

JACK, S.L.; ANDERSON, A.R. *The effects of embeddedness on the entrepreneurial process*. **Journal of Business Venturing**, v. 17, p. 467-487, 2002.

JULIEN, P. A. **Empreendedorismo Regional**. São Paulo: Saraiva, 2010.

KANAN, L. A. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho . **Revista O&S**, v.17, n.53, p. 243-257, Abril-Junho, 2010.

KANTER, R. M. *Work and family in the United States: a critical review and agenda for research and policy*. **Family Business Review**, vol. 2, nº 1, p. 77-114, 1989.

KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J. **Compêndio de psiquiatria**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KEEBLE, D. *British SMFs in the 21st century. north-south urban and rural variations in performance and growth. In The Cosh and A Hughes (eds), Company challenged the policy and performance of the SME sector in british 1999 -2002*. Cambridge: ESRC **Center for Business Research**. University of Cambridge, v.87, n.102, 2003.

KETS DE VRIES, M.F.; MILLER, D. **The Neurotic Organization**. San Francisco: Jossey-Ban, 1984.

LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne I**, Introduction. Paris: L'Arche Éditeur, 1958.

LOPES JR, G.S.; SOUZA, E.C.L. Atitude empreendedora em proprietários-gerentes de pequenas empresas. Construção de um instrumento de medida. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 11, n. 6, 2013.

LOW, M.B.; MACMILLAN, I.C. *Entrepreneurship: past research and future challenges*. **Journal of Management**, v. 14, n.2, p. 139-161, 1988.

MACHADO, H.P.V. Tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora. **Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração**, v. 23, 1999.

MACHADO, H.P.V.; GIMENEZ, F.A.P. Empreendedorismo e diversidade: uma abordagem demográfica de casos brasileiros. **Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas**, v. 1, p. 132-143, 2000.

MACIEL, C. de O. Comportamento empreendedor e capacidades organizacionais. **Revista Alcance**, v. 16, n. 1, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. Atlas. 1990.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamento de metodologia científica**. 7a. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARKMAN, G.D.; BARON, R.A. *Person-entrepreneurship fit: why some people are more successful as entrepreneurs than others*. **Human Resource Management Review**, v. 13, n. 2, p. 281-301, 2003.

MARLOW, S.; STRANGE, A. Female entrepreneurs—success by whose standards?. **Women in management: A developing presence**, p. 172-184, 1994.

MARLOW, S., HENRY, C.; CARTER, S. Introduction: Female Entrepreneurship. **International Small Business Journal**, v. 27, n. 2, p. 1-9, 2009.

MARTINS, J.C. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo. **Série Ideias**, n. 28, p. 111-122, 1997.

MATTHEWS, C. H.; MOSER, S. B. *Family background and gender: implications for interest in small firm ownership*. **Entrepreneurship and regional development**, v. 7, n. 4, p. 365-378, 1995.

MCCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva: Realização & progresso social**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MEYER, A.D.; TSUI, A.S.; HININGS, C.R. *Configurational approaches to organizational analysis*. **Academy of Management Journal**, v. 36, n. 6, p. 1175–1195, 1993.

MILLER, D. *The genesis of configuration*. **Academy of Management Review**, v. 12, p. 686-701, 1987.

MINNITI, M. *The role of government policy on entrepreneurial activity: productive, unproductive, or destructive?* **Entrepreneurship Theory and Practice**, n.132, v.5, p.779-790, 2008.

MINTZBERG, H. Planejamento do lado esquerdo e de gestão sobre o lado direito. **Harvard Business Review** , v 54, n. 4, p. 49-58, 1976.

MIYAZAKI, J.; TEODORO, P.A.V.B.; RAIZEL, T.; GAFFURI, J.; SCHMIDT, R.M.; NAZZARI, R. K.; NAZZARI, M.T. Capital social e empreendedorismo rural: a agricultura familiar no oeste do Paraná. **Anais do IV Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel**, 2005.

MORGADO, A.P.D.V. A mulher invisível: sentidos atribuídos à mulher e ao trabalho na gerência intermediária. **Tese** de Doutorado - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2012, 298 p.

MUIR, E. J. *Woman entrepreneurs in the EU: motivations and realisations for starting a Business*. **Comunicación presentada en el ICBS**, 1999.

MUKHTAR, S-M. *Business Characteristics of Male and Female Small and Medium Enterprises in the UK: Implications for Gender-based Entrepreneurialism and Business Competence Development*. **British Journal of Management**, v. 9, n. 1, p. 41-51, 1998.

MURTA, A.M.G. Contribuições da Psicologia Sociohistórica para a Educação Inclusiva: os Sentidos Produzidos por Professores da Educação Infantil de uma Cidade do Vale do Jequitinhonha acerca da Inclusão Escolar. **Dissertação** de Mestrado em Psicologia da Educação. PUC/SP, 2004, 173 pp.

MUSSI, F.B; TEIXEIRA, R.M.; MASSUKADO, M.S. A empresa familiar e a sucessão na interpretação do herdeiro. **Encontro de Estudos Organizacionais**, v. 5, 2008.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural brasileiro: os limites do passado e os caminhos do futuro, **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, 2001, p. 83-100.

NAZZARI, R.K. Capital social, cultura e socialização política: a juventude brasileira. **Tese** de Doutorado em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

NEERGAARD, H.; THRANE, C. *The Nordic Welfare Model: barrier or facilitator of women's entrepreneurship in Denmark?* **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, jun.2011; v. 3, n.2, p.88-104.

NELSON, G. *Factors of friendship: relevance of significant others to female business owners*, **Entrepreneurship Theory and Practice**, v.13, n.4, pp. 7-18. 1989.

OZELLA, S. Pesquisar ou Construir Conhecimento.O Ensino da Pesquisa na Abordagem Sociohistórica. **In:** Ana M.B. Bock (org). *A Perspectiva Sociohistórica na Formação em Psicologia*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2003, p. 113-131.

PAIVA JÚNIOR, F.G.de; LEÃO, A.L.M.S.; MELLO, S.B.C. Competências empreendedoras em comportamentos de empreendedores de êxito socialmente reconhecido. **In:** XXVII ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. Anais... 2003, Atibaia – SP.

_____; MELLO, S.C.B.de; GONÇALVES, C.A. Empreendedorismo e relacionamento: um composto de confiança e adaptabilidade **In:** EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 4. 2005, Curitiba, Anais... Curitiba, 2005, p. 159-168.

PAULILO, M.A.S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço social em revista**, v. 2, n. 1, p. 135-145, 1999.

PAULILO, M.I.; SCHMIDT, W. Movimento de mulheres agricultoras: terra e matrimônio. **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 15-38, 2003.

PERES, F. Saúde, trabalho e ambiente no meio rural brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 14, v. 6, 2009, p. 1995-2004.

PERES, F.C. O Capital Social como motor do desenvolvimento sustentável. **Revista Marco Social**, p. 24-31, 2001.

PETTIGREW, A. *The awakening giant: continuity and change in Imperial Chemical Industries*. Oxford: Blackwell, 1985.

PETTIT, S. *Great Opportunities exist for women entrepreneurs*. **Babson Entrepreneurial Review**. vol 13, fev./1997.

RAUCH, A.; WIKLUND, J.; FRESE, M.; LUMPKIN, G.T. *Entrepreneurial orientation and business performance: cumulative empirical evidence*. In: **Frontiers in Entrepreneurship Research 2004: Proceedings of the twenty-fourth annual Entrepreneurship Research Conference**. 2004. p. 164-177.

REYNOLDS, P.; HAY, M.; CAMP, M. *Global Entrepreneurship monitor*. **Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership, Kansas City**, 1999.

SANTOS, M. S. dos **Método para investigação do comportamento empreendedor**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção.

SARASVATHY, S. D. *Effectuation Elements of Entrepreneurial Expertise*. **New Horizons in Entrepreneurship**. Northampton: Edward Elgar, 2008.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

SCHUMPETER, A. J. **Fundamentos do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril, 1982.

SHANE, S. A.; VENKATARAMAN, S. *The promise of entrepreneurship as a field of research*. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SIQUEIRA, N.M.; GUIMARÃES, L.O. Estratégias Empreendedoras de Negócios Tupiniquins, 12 p. In: **EnANPAD**, 2002.

SMOLKA, A.L.B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. In: **Cadernos CEDES**. Campinas, v. 20, n. 50, 2000.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D.C. As políticas e as práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. In: **Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero — comparação Brasil-França**. São Paulo: USP/Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: UFRJ/Universidade Federal do Rio de Janeiro, abr. 2007.

TEIXEIRA, Z.A. (coord). **Perspectiva de Gênero na Produção Rural** (Estudos de Política Agrícola no. 22. Documentos de Trabalho). Brasília: IPEA/Rio, jun/1994. 85p.

TÓFFOLO, K. D. Empreendedora agropecuária: um estudo de caso. **In: ENCONTRO DE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS**, v. 2., p. 176-189, 2002.

TORNS, T. El tiempo de trabajo de las mujeres: entre la invisibilidad y la necesidad. **In: CARRASCO, M. C. *Tiempos, trabajos y género***. Barcelona: UB, 2002.

VALE, G.M.V.; SERAFIM, A. C. F.; TEODÓSIO, A. dos S. de S. Gênero, Imersão e Empreendedorismo: Sexo Frágil, Laços Fortes? **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, 2011, p. 631-649.

VEIGA, J.E..da. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 101-119, 2001.

_____. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Autores associados, 2002.

VIDAL, F.A.B.; SANTOS, J.L.Filho. Comportamento empreendedor do gerente-proprietário influenciando na vantagem competitiva de uma empresa varejista de médio porte. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Atibaia, SP, Brasil, set/2003, 27p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Génesis de las funciones psíquicas superiores. **In: Problemas del desarrollo de la psique. Obras Escogidas**, v.3, p.139-168, 1995.

WATSON, J.; ROBINSON, S. *Adjusting for risk in comparing in comparing the performance of male and female controlled SME*. **Journal of Business Venturing**, v. 18, n. 6, p. 773-788, 2003.

WATZLAWICK, P. **A realidade inventada**. Campinas: Editorial Psy II, 1994.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. London: Sage, 1995.

WHIPP, R.; CLARK, P.A. *Innovation and the auto industry product, process and work organisation*. London: Francis Pinter, 1986.

ZAFIROVSKI, M. *Probing the social layers of entrepreneurship: outlines of the sociology of enterprise*. **Entrepreneurship and Regional Development**, v.11, n.4, p 351-371, 1999.

ANEXO 1

Termo de consentimento para coleta de dados

**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA COLETA DE DADOS EM
PESQUISA CIENTÍFICA**

Eu, _____,
brasileira, estado civil: _____, gestora rural, AUTORIZO a pesquisadora
Fabíola Weinhardt Jazar a realizar entrevista comigo a fim de obter informações a
respeito de minha atuação como mulher empreendedora

Declaro que fui informada do objetivo da pesquisa que é: **verificar como se dá
a constituição subjetiva da mulher empreendedora rural.**

Declaro também que fui informada de que os dados obtidos não serão utilizados
de forma individualizada e que eu não serei, de modo algum, identificada em
relatórios de pesquisa, artigos científicos ou de opinião ou ainda em qualquer outro
meio de divulgação dos resultados da presente pesquisa para dissertação de
mestrado em Administração.

Por ser a expressão da verdade, firmo o presente termo de consentimento.

_____, _____ de _____ de 2014.

(Local)

Assinatura da entrevistada

ANEXO 2

Roteiro semi estruturado para entrevista

INFORMANTE: _____

TELEFONE: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

DATA: ____/____/____ IDADE: _____

ESTADO CIVIL:

 Solteira Casada Viúva Divorciada União EstávelPossui filhos? Sim Não Idades: _____**1. Origem**

a. Fale um pouco sobre as suas origens, sua família, pais tios e primos.

b. O que seus pais fazem/faziam?

c. Você poderia falar um pouco sobre sua formação escolar?

Analfabeta Ensino Fundamental (até 4a. série) Completo IncompletoEnsino Fundamental Incompleto (até 8a. série) Completo IncompletoEnsino Médio Completo IncompletoEnsino Superior Completo Incompleto

Curso: _____

Pós-graduação Completo Incompleto

Curso: _____

d. Existe algum empresário em sua família?

e. Tem alguém como modelo?

f. Qual seu primeiro trabalho? Quantos anos tinha? Onde foi?

2. Conceito de Si

a. Quais, na sua opinião, são as características pessoais mais importantes para o desenvolvimento da sua propriedade?

b. E vc possui essas características?

c. Quais são seus valores mais importantes?

- d. O que é ser mulher para você?
- e. Na sua visão, o que é ser um empreendedor?
- f. Você tem essas características?
- g. Você se considera uma administradora ou uma empreendedora?
- h. Você inova? Porque?
- i. Como aprendeu a empreender?
- j. O que você acha que as pessoas pensam de você?

3. Percepção do Empreendimento

- a. Como iniciou o empreendimento em que atua hoje? (Herança, compra, fundação, divórcio, franquia, outros)
- b. Você considera o fato de que ser mulher interfere na atividade empreendedora?
- c. Como sua família encara sua atividade empreendedora?

4. O trabalho como empreendedora

- a. Quais atividades são desenvolvidas na empresa?
- b. Qual é o seu trabalho na empresa?
- c. Quais são as áreas no empreendimento onde você gosta de trabalhar?
- d. O que mais gosta em suas atividades diárias?
- e. O que menos gosta nestas atividades?
- f. Quantas horas você trabalha por dia?
- g. Sábado, Domingo?
- h. Você tira férias?
- i. Como considera sua qualidade de vida?

- j. Você pensa em se aposentar?
- k. Tem medo de alguma coisa?
- l. Como você administra sua empresa? O que é importante?
- m. Como você faz para que as pessoas auxiliem na realização do seu sonho?
- n. Como você descreveria a si própria como líder da sua empresa?
- o. O que é que lhe dá mais prazer no processo de empreender?

5. Questões referentes à memória

- a. Qual a situação que a marcou sua vida?
- b. Qual situação marcou na atividade empreendedora/enquanto dona de negócios?

6. Questões que emocionam

- a. Quando conversamos sobre seus negócios, qual a lembrança mais forte que lhe vêm a mente e qual seu sentimento?
- b. Como você se sente com sua atividade empreendedora? Porque?

7. Relações sociais

- a. Quais as pessoas ou entidades mais relevantes para sua atividade? Porque?

8. Encerramento

- a. O que você espera de você nos próximos 5 anos?
- b. O que você espera do seu empreendimento para os próximos 5 anos?
- c. O que você diria a uma mulher que está pensando em iniciar um negócio?
- d. Há algo mais que você gostaria de dizer, que nós não abordamos?

ANEXO 3

Instrumento de complemento de frases

1. Complete as seguintes frases:

Ser mulher significa ...

Ser empreendedora significa ...

Ser gestora/administradora significa ...

Eu empreendo porque ...

Eu amo ...

Eu detesto ...

Meu marido ...

Meus filhos ...

Meus empregados ...

Meu maior desejo ...

O que me motiva para empreender ...

O que os outros pensam sobre mim ...

Quem eu realmente sou ...

Meu futuro ...

Tenho medo ...

Minha ambição ...

Não consigo ...

Orgulho-me ...

Eu secretamente ...

Eu aprendo ...

Meu momento de maior tensão ...